This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

B 857,114

1837
ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
E PLURIBUS UNUM
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE

L53

# TEXTOS ARCHAICOS

Obra composta e impressa nas officinas da
IMPRENSA PORTUGUESA | Anselmo de Moraes,
Successores | Rua Formosa, 112 | PORTO

# ALGUMAS OBRAS DO MESMO AUCTOR

---

*A Evolução da Linguagem*, Porto 1886.
*A Philologia Portuguesa*, Lisboa 1888.
*O Texto dos Lusiadas*, Porto 1890.
*Estudos de Philologia Mirandesa*, 2 volumes, Lisboa 1900-1901.
*Camoniana Mirandesa*, Lisboa 1901.
*Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris 1901.
*Canção de Santa Fé d'Agen* (texto provençal), Paris 1902.
*Noticia do poema provençal de Santa Fé*, Coimbra 1902.
*Estudos de Philologia Gallega*, Porto 1902.
*Linguagens fronteiriças de Portugal e Hespanha*, Porto 1902.
*Gil Vicente e a Linguagem Popular*, Lisboa 1902.
*Respigos Camonianos*, I, Lisboa 1904.
*Súmmula das Prelecções de Philologia*, Porto 1904.
*O Livro de Esopo* (ms. do sec. XV), Lisboa 1906.
*Fórmas verbaes archaicas no «Leal Conselheiro»*, Erlangen 1906.

---

*Contribuições para a Dialectologia Portuguesa*, 1884-1898, collecção de muitos opusculos.

---

*Revista Lusitana* (Philologia e Ethnologia), com a collaboração de muitos especialistas, 1887-1907, 10 volumes.

# TEXTOS ARCHAICOS

PARA USO DA AULA DE PHILOLOGIA PORTUGUESA ESTABELECIDA NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA POR PORTARIA DE 31 DE DEZEMBRO DE 1903

COORDENADOS, ANNOTADOS E PROVIDOS DE UM GLOSSARIO

PELO


## Dr. J. Leite de Vasconcellos

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista, incumbido da regencia da mencionada aula


2.ª EDIÇÃO (AMPLIADA)


LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE

A. M. TEIXEIRA & C.TA

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1907

AO

# Sr. Émile Gebhart

Professor da Universidade de Paris
Membro da Academia Francesa, e da Academia das Sciencias
Moraes e Politicas

*dedica respeitosamente este opusculo*

JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS.

# ADVERTENCIA

---

Os textos que são aqui publicados, appareceram a lume pela primeira vez na *Revista Lusitana*, VIII, 187-214, d'onde se fez edição á parte, Porto 1905, em um opusculo de 30 paginas, com o mesmo titulo.

Tendo-se exhaurido essa edição, reproduzo agora o opusculo, juntando textos novos aos textos primitivos, acompanhando de annotações os passos necessitados d'ellas, e ampliando o glossario. O desenvolvimento do glossario e as notas seriam dispensaveis, se o opusculo se destinasse exclusivamente á minha aula da Bibliotheca Nacional, porque costumo dar de viva voz aos ouvintes explicações que julgo sufficientes; mas varios livreiros lá de fóra pediram-me repetidamente exemplares da 1.ª edição, do que eu concluo que os *Textos Archaicos* foram adoptados em alguns cursos de Philologia romanica, e entendi pois que devia introduzir nelles os melhoramentos que de facto introduzo.

Lisboa, 7 de Julho de 1907.

# TEXTOS ARCHAICOS

## PARA USO DA AULA DE PHILOLOGIA PORTUGUESA

ESTABELECIDA NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA POR PORTARIA
DE 31 DE DEZEMBRO DE 1903

---

## I

## Documentos em latim barbaro

(SEC. IX — XII)

### 1. — Doação

Dos *Portugaliae Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., vol. I, p. 5, n.º VII. — O ms. pertenceu ao mosteiro de Pendurada (Entre-Douro-e-Minho). — Anno de 874.

Fofino, Gaton, Astrilli, Arguiru, Vestremiru, Guinilli et Aragunti placitum facimus inter nos, unus ad alios, per scripturam firmitatis, notum die quod erit III° nonas Aprilis era DCCCC^a^ XII^a^, super ipsa eclesia et super
5 nostras hereditates, quantas habuerimus et ganare potuerimus usque ad obitum nostrum, que non habeamus licentiam super illas nec uindere, nec donare, nec testare in parte extranea, nisi unus ad alios aut ad ipsa eclesia uocabulo Sancti Andree Apostoli.

10 Et qui minima fecerit, et istum placitum excesserit, pariet parte de que isto placito obseruauerit X boues de XIII^m^ XIII^m^ modios, et iudicato.

Nos pernominatos in hoc placito manus nostras ro +++++++ uoramus.

Pro test.: Oliti test., Tramondu test., Arguiru test.

Menendo notuit.

### 2. — Titulo de venda

Dos *Portugaliae Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., vol. I, p. 6, n.º X, segundo uma cópia (ao que parece do sec. XI) que pertenceu ao mosteiro de Arouca (Beira). — Anno de 883.

In Dei nomine. Ego Balteiro et uxor sua nomine Ogenia uobis Kartemiro et uxor sua Astrilli, Viliado et uxor sua nomine Teodoriga, Bonoso et uxor sua Eilo, Ermigio et uxor sua Froili: placuit nobis atque conuenit, nullis quoque gentis imperio nec suadentis artigulo, sed propria nobis accessit uoluntas, sano animo atque integro consilio, ut uinderemus ad uobis, sicut et uendimus, iam dictis Kartemiro et heredibus tuis, uilares nostros proprios que dicent Baltar, et alio que dicent Villarino, et fer a Pauia; et diuident ipsos uillares cum uilla Canas et cum vilar de Redes et cum Pardellas, usque ad foce de Pauiola, et de alia parte per Pausaduro usque in Canas, et inde iuso a Pauia in prono. Vendimus ad uobis ipsos uilares iam superius nominati, per suis terminis antiquis, terras cultas uel baruaras, arbores fructuosas e infructuosas, sautos, pascuis, paadulibus, aquis aquarum, paredes, auellanales, portu, per suis terminis et locis antiquis, acesum uel regresum, quantum super terra uel sub terra.

Et acepimus de uos precio LX modios, que nobis bene complacuit; et de precio aput uos nicil remansit in

---

12. Nos *Port. Mon. Hist.* escreveu-se *iamdictis.* 16. Leia-se *Pausadouro?* 21. Por *padulibus?*

debito. Ita ut de odie die et tempore siant ipsos uilares de iuri nostro abrasos, et in uestro iure uel dominio sint traditus uel confirmatu. Abeatis uos et omnis posteritas uestra.

Siquis tamen, quod fierit non credimus, aliquis homo uenerit, uel uenerimus, ad inrumpendum contra hanc kartula uenditionis, que nos ad iudicio deuendicare non potuerimus, que pariemus ad uobis illos uillares dublados uel quantum ad uobis fuerit melioratos.

Facta cartula uendicionis undecimo kalendas Januarii era DCCCC XXI[a].

Balteiro et uxor sua Ogenia in anc kartula uendicionis manus nostras rouorauimus. I sunt testes: Atina test., Sando test., Aumiro test., Midon test., Numtimiro presbitero test.

### 3. — Doação

Dos *Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., vol. I, p. 9, n.º XIV. O ms. pertenceu ao mosteiro de Moreira (Entre-Douro-e-Minho). — Anno de 907.

In nomini Domini. Ego Odario Dauiz ideo placuit mici, asto animo et bone pacis uolumtas, ut facere tiui, iermana mea Trudilli, sicut et facio tiui, scriptura donationis et firmitatis de uilla nostra propria nominata Freiseno, que iace inter ambas Labrugias, subtus Ciuitas Albarelios et Castro de Boue, territorio bragarense et portugalense. Conzedo tiui ipsa intecra, domus uel intrinsecus domorum, exitus montium ad domom, aquas aquarum, uel sesegas mollinarum, cum cunctis prestationibus suis, quantum in se obtine; et conzedo tiui mancipias meas nominibus Mariamen et Sahema et Zafara, ipsas mauras, et ipsa uilla cum omnem suas eriditates et sua prestantia, que dedit mici pater meus Dauid

Abba, ut auea ego ipsa uilla et ipsas ereditates et ipsas mancipias in mea uita, et post ouitum meo tornent se ipsum, que in scriptura, post tua parte sanas et intecras. Et facias de eas quod tua fuerit uoluntas, relinquendi sit licentia potestas de ipsa uilla et de ipsas mancipias; et facias mici minsas et zereum oblatione pro remedio anime mee.

Et insuper ad carta confirmando accepimus de te I° uaso de argento et II^os lenzos: tantum nobis bene conplacuit.

Et si aliquis generis omine uenerint, uel uenerimus, ad inrumpendo contra hanc scriptura firmitatis, uel de posteritas nostras, que unc scriptura infringere uoluerint, quomodo pariemus, uel parie, unusquisquis fuerit, ipsum quos in scriptura resona duplatum, et iudicato.

Era DCCC XXXXV^a notum die idus Aprilis.

Oduario in hanc scriptura donationis et firmitatis mano mea confirmo +. Torsario Dauiz manum mea +. Letula, ploris Truitemiro, mano mea +.

Asperigu test., Amarello test., Erbozano test., Fredeiro test., Aron test., Ariulfu test., Fagildo test.

Zidi presbiter notuit.

### 4. — Testamento

Dos *Documentos Ineditos dos seculos XII-XV* por Oliveira Guimarães, Porto 1896, p. 3, n.° III. O ms. original pertenceu ao mosteiro dos conegos regrantes do Salvador do Souto, concelho de Guimarães. Anno de 1177.

Era M.CC.X.V. Mando ego Horraca Petri meum corpus ad monasterium Sancti Salvatoris de Sauto et ipsum meum casalem de Rial integrum cum omnibus que ad

---

3. No texto lê-se *que in scriptura*. Talvez falte *resonat*. Cf. l. 15.

illum pertinent, in quo morauit Menendus Luz, et meum lectum cum almuzala et cum mea manta noua. Ad Mariam Pelagiz I. ouelia et I. cabra cum sua filia. Ad Mariam, filiam de Petro Caluo, I. ouelia et I. capra
5 et II. quartarios de pan et I. arca et I. telega de pan in quocumque anno donec habeat uirum. Mando ut Petrus Pelagiz teneat in uita sua ipsas casas in quibus morat. Ad Petrum Gunsaluiz, meum abbatem, I. ouelia et I. capra. Ad gafos de Vimaranis et de Bragaa et de
10 Barcelos singulas telegas. Ad Sanctum Martinum de Candaosu II. morabitinos de hereditate de Portela de Lectões.

## II

## Documentos em português

(SEC. XII—XIII)

### 1. — Testamento

Dos dois mais antigos documentos portugueses que tem data, é este um, que encontrei na Torre do Tombo: Documentos do mosteiro de Vairão (Entre-Douro-e-Minho), caixa 55. Foi publicado pela primeira vez na minha *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris 1901, p. 14. Desfaço as abreviaturas e pontuo. — É o complemento do documento publicado por J. Pedro Ribeiro, *Dissert. Chron. e Crit.*, I, 275-276. — Anno de 1193.

*In Christi nomine. Amen.* Eu Eluira Sanchiz offeyro
14 o meu corpo áás virtudes de Sam Saluador do moensteyro

---

3, 7. Vid. p. 217 dos *Doc. Ineditos* (errata), onde se corrige *Peliz* em *Pelagiz*. 5. Póde entender-se *pam* ou *pan*, pois o ms. original tem *pã*. 12. No original *lectoes*, como verifiquei no Museu de Guimarães, onde o ms. hoje está. 13. *In X*$^{i}$ *nñe*. 14. *mõn*. Transcrevi por *moensteyro*, porque assim se lê por extenso na l. 5 de p. 14.

de Vayram, e offeyro co' no meu corpo todo o herdamento que eu ey en Centegãus e as tres quartas do padroadigo d'essa eygleyga e todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sestas como todo u outro herda-
5 mento; que u aia u moensteyro de Vayram por en *saecula saeculorum. Amen.*

Fecta karta mense Septembri era MCCXXXI.

Menendus Sanchiz testes. Stephanus Suariz testes. Vermúú Ordoniz testes. Sancho Diaz testes. Gonsaluus
10 Diaz testes.

Ego Gonsaluus Petri presbyter notauit.

### 2. — Noticia de torto

Fragmento de uma *noticia de torto* (rascunho) do tempo de D. Sancho I: vid. J. P. Ribeiro, *Dissert. Chronol.*, I, 182. O mesmo A. publicou-a já, *ob. cit.*, I, 273. — O fragmento que transcrevo para aqui foi copiado directamente do ms. original que existe na Torre do Tombo: Cartorio de Vairão, maço I de pergam. ant., n.º 45. — Na minha transcrição faço o seguinte: separo as palavras segundo o uso moderno; pontuo; adopto letra maiuscula nas circumstancias em que hoje se adopta; desfaço algumas abreviaturas, regulando-me pelo proprio texto nos casos em que identica palavra vem por extenso, mas conservo a orthographia original (*c* = ç; *li* = lhi; *nn* = nh; etc.) — Assunto: Lourenço Fernandes está-se queixando dos filhos de D. Gonçalo. Este texto reflecte provavelmente uma das muitas prepotencias da nobreza medieval, das quaes ha exemplos nas Inquirições, nos Nobiliarios, nos Cancioneiros: cfr. Gama Barros, *Hist. da Administração Publica*, I, 415 ss.

12 .... E d'auer que ouerũ de seu pater nu[n]qua li ĩde derũ parte. Deu Dũ Gõcaluo a Laurẽco Fernãdiz e

---

5, 6. *sclã scl'orum ãm.* 7. *mse Stb'r.* 8. *Mdus*, com um til sobre o *M.* Podia transcrever-se por *Mẽendus*, mas o escriba alatinava, como se vê dos outros nomes. 8. *tẽs*, que transcrevo por *testes*, e não *testis*, porque na l. 9 vem *testes* por extenso. 12. *ouerũ* deverá lêr-se *ouverũ* (ouverom).

Martĩ Gõcaluiz XII casaes por arras de sua auóó, e filarũ-li illos inde VI casales cũ torto. E podedes saber como mando[u] Dũ Gõcauo a sua morte: de XVI casales de Veracin que defructarũ e que li nunqua ĩde der[ũ] quinnõs; e de VII e medio casaes antre Coina e Bastuzio unde li nunqua derũ quinõ; e de tres ĩ Tefuosa unde li nunqua ar der[ũ] nada; e II$^{os}$ ĩ Figeerecdo unnde nũqua li derũ quinõ; e II$^{os}$ ĩ Tamal ũde li ñ ar der[ũ] quinõ; e da senara de Coina ũde li ñ ar derũ quinõ; e de uno casal de Coina que leuarũ ĩde III anos o fructo cũ torto. E por istes tortos que li fecerũ tem qua seu plazo quebrãtado, e que li o deuẽ porsanar....

### 3.—Titulo de compra

Ms. conservado na Torre do Tombo (caixa 52 da *Collecção especial)*, onde o copiei. Pertenceu ao convento da Ave-Maria (Porto). —Anno de 1262.

*In nomine Domini amen.* Cunucuda cousa sega a tudos aquiles que este fectu uirĩ e ouuirẽ, que eu Dona Maior Mẽedit, Abbatesa de Tarouquela, conparej a Gumet Sanchit u casal du Cutarĩu que auia auer ĩ sa uida, conuẽ a saber pur qũatu, pur XXXX morabitinos, e d'estes morabitinos non remaece ende nẽ úú pur dar.

Esta carta fui feita iij dias ante kalendas Nouembris, sub era M.$^{a}$CCC.$^{a}$ e V.

Quaes furũ presentes: Martinus, testis; Fernandus, testis; Petrus, testis; Dominicus, testis.

Eu Gomet Sanchit *cũ nostras manus reboramus; et pro reuora una camisa.*

---

1. Depois de XII ha um *a* riscado. 3. Em *mando* o *-u* deixou de se indicar, mas talvez fosse tenção do escrevente abreviar a palavra, pois noutros casos exprimiu o ditongo *-ou*. 8. *ñ* póde representar *nũ* ou *nõ*. 12. No ms. *por sanar*.

# III

## Poesias lyricas

(SEC. XII—XIII)

### 1.—De Paay Soarez, de Taveiroos

Do *Cancioneiro da Ajuda* [1], vol. I, p. 82, n.º 38.—Esta poesia, segundo a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, ascenderá ao anno de 1189: vid. *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXVIII, 385 ss. (artigo intitulado «Randglossen», n.º XIV). É a canção portuguesa a que póde attribuir-se data mais antiga.

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vay,
ca ja moiro por vós—e ay!
mia senhor branca e vermelha,
5 queredes que vos retraya
quando vus eu vi en saya!
Mao dia me levantei,
que vus enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di', ay!
10 me foi a mi muyn mal;
e vós, filha de don Paay
Moniz, e ben vus semelha
d'aver eu por vós guarvaya,
pois eu, mia senhor, d'alfaya
15 nunca de vós ouve, nen ei,
valía d'ũa correa.

. . . . . .

[1] Edição da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, Halle a./S. 1904. —Todas as vezes que eu citar o *Cancioneiro da Ajuda*, entenda-se que me refiro a esta monumental edição.

### 2.—De El-rei D. Sancho I

De *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti*, Halle a./S. 1880, n.º 348 (=456), p. 148-149. Foi a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos quem provou que esta poesia era realmente de D. Sancho I: vid. *Zeitschrift f. rom. Philol.*, XXVIII, 418 ss. (« Randglossen », n.º XIV), onde a reproduz. A mesma illustre philologa attribue-a ao periodo de 1194-1199. Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, II, 593.—Em nota indico as lições originaes.

Ay eu coitada, como vivo
en gran cuydado por meu amigo

que ei alongado! Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

5 Ay eu coitada, como vivo
en gran desejo por meu amigo

que tarda e não vejo! Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

### 3.—De D. Gil Sanchez

Do *Cancioneiro* de *Colocci Brancuti* n.º 22 (=48), p. 15, reproduzida no *Cancioneiro da Ajuda*, vol. I, p. 663, n.º 332.—D. Gil Sanchez era filho bastardo de D. Sancho I: † 1236.—Quer esta poesia possa attribuir-se ao anno de 1213, como diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 528, quer não, é uma das mais antigas que possuimos. A respeito de D. Gil Sanchez, vid. tambem D. Carolina Michaëlis no *Grundiss der romanischen Philologie*, II, 176, e na *Zeitschrift f. rom. Philologie*, XIX, 595, onde reproduz a mesma poesia.

---

1. *ei*. 3. *chuyto*. 6. *deselo*. 7. *ueio*.

Tu, que ora vẽes de Monte Mayor,
tu, que ora vẽes de Monte Mayor,
digas-me mandado de mha senhor,
digas-me mandado de mha senhor,

5 ca, se eu seu mandado
non vir, trist' e coitado
serei; e gran pecado
fará, se me non val.
Ca en tal ora nado
10 foi que, mao pecado!
amo-a endõado,
e nunca end' óuvi al!

Tu, que ora viste os olhos seos,
tu, que ora viste os olhos seos,
15 digas-me mandado d'ela, por Deos,
digas-me mandado d'ela, por Deos,

ca, se eu seu mandado
non vir, trist' e coitado
serei; e gran pecado
20 fará, se me non val.
Ca en tal ora nado
foi que, mao pecado!
amo-a endõado,
e nunca end' óuvi al!

### 4.—De João Guilhade

Do *Canc. da Ajuda,* vol. I, p. 452, n.º 232.—Guilhade floresceu no sec. XIII: vid. ob. cit., vol. II, p. 407 e ss. Em nota vão as var. do Cancioneiro do Vaticano, p. 20 (ed. de Monaci).

---

1, 2. *uees.* 11. *endoado.* 13, 16. *se*[9], *de*[9]. 17. *en.*

A bõa dona, por que eu trobava
e que non dava nulha ren por mi,
pero s'ela de min ren non pagava,
soffrendo coita sempre a servi.
5 E ora já por ela 'nsandeci!
E dá por mi ben quanto x' ante dava!

E pero x' ela con bon prez estava
e com [mui] bon parecer que lh'eu vi,
e lhe sempre con meu trobar pesava,
10 trobẹi eu tant(o), e tanto a servi,
que ja por ela lum' e sen perdi!
E anda x 'ela por qual x' ant' andava.

Por de bon prez, e muito, se prezava;
e dereit' é de sempr' andar assi,
15 ca se lh' alguen na mia coita falava,
sol non oïa, nen tornava i;
pero, por coita grande que soffri,
oimais ei d'ela quant' aver coidava:

Sandec(e) e morte que busquei sempr(e) i!
20 E seu amor me deu quant'eu buscava!

### 5.—De Rodrig' Eannes Redondo

Do *Canc. da Ajuda,* vol. I, p. 360.—Rodrig'Eannes Redondo, a quem a Sr.ª D. Carolina Michaëlis attribue esta poesia, floresceu no sec. XIII: vid. ob. cit., vol. II, p. 382 ss.

---

1. *boa.* 3. *mi.* 5. *el ensandeci.* 6. *quantante.* 8. Falta tambem *mui.* 9. *lhi.* 10. *tãte tãto.* 12. *pr q̃l antãdaua.* 13. *p̄gaua.* 14. *edeyte.* 19. *sandice morte.* 20. *mi.*

Dizen-mi as gentes por que non trobei,
á gran sazon, e maravilhan-s' en;
mais non saben de mia fazenda ren:
ca, se soubessen o que eu sei,
5 maravilhar-s'-ian logo per mi
de como viv' e de como vivi,
e, se mais viver, como viverei!

Mais no'-no saben, nen lhe' lo direi,
enquant' eu viva, ja per neun sen;
10 mais calar-m'-ei con quanto mal me ven,
e sempr' assi mia coita soffrerei:
ca eu non quero mia coita dizer
a quen sei ben ca non mi-á de põer
conselho mais do que m'eu i porrei.

15 E o conselho ja o eu filhei
que eu i porrei, — c' assi me conven —:
morrer coitado, como morre quen
non á conselho, com' og' eu non ei.
E esta morte melhor me será
20 ca de viver na coita que non á
par, ne'-na ouve nunca, — eu o sei.

E melhor est, e mais será meu ben,
de morrer ced(o), e non saberen quen
é por quen moir' e que sempre neguei!

### 6.—De el-rei D. Denis

Estas poesias encontram-se originariamente em *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana* publicado por E. Monaci, Halle a./S. 1875, d'onde passaram para *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal* de H. Lang, Halle a./S. 1894, cuja lição aqui sigo

**com leves differenças orthographicas (pontuação, accentos etc.).— Algumas das poesias são no gosto provençal; outras no gosto popular.—Abreviaturas que emprégo: CV=Cancioneiro do Vaticano, ed. de Monaci; CD=Cancioneiro de D. Denis, ed. de Lang.—No pé da pagina indico a lição originaria, quando houver differença entre ella e a que adopto.**

1

(CV, n.° 108, p. 47; CD, n.° XXIX, p. 32)

A tal estado mh adusse, senhor,
o vosso bem e vosso parecer,
que nom vejo de mi nem d'al prazer,
nem veerei ja, em quant'eu vivo for,
5 u nom vir vós, que eu por meu mal vi.

E querria mha mort' e nom mi vem,
senhor, por que tamanh' é o meu mal
que nom vejo prazer de mim nem d'al,
nem veerei ja, esto creede bem,
10 u nom vir vós, que eu por meu mal vi.

E pois meu feito, senhor, assi é,
querria ja mha morte, pois que nom
vejo de mi nem d'al nulha sazom
prazer, nem veerei ja per bõa fe,
15 u nom [vir] vós, que eu por meu mal vi,
pois nom avedes mercee de mi.

---

6. *q̃ria*; cfr. v 12. 12. *q̃iria*.

## 2

(CV, n.º 115, p. 50; CD, n º XXXVI, p. 37)

Senhor fremosa e de mui loução
coraçom, e querede-vos doer
de mi, pecador, que vos sei querer
melhor ca mi; pero sõo certão
5 que mi queredes peior d'outra rem;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem,

Qual maior poss', e o mais encoberto
que eu posso; e sei de Brancafrol
que lhi nom ouve Flores tal amor
10 qual vos eu ei; e pero sõo certo
que mi queredes peior d'outra rem;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem,

Qual maior poss'; e o mui namorado
Tristam sei bem que nom amou Iseu
15 quant' eu vos amo, esto certo sei eu;
e com tod' esto sei, mao pecado!
que mi queredes peior d'outra rem;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem,

Qual maior poss': e tod' aquest' avem
20 a mim, coitad' e que perdi o sem.

---

1. *louçao.* 3. *sey que rei.* 4, 10. *soo;* mas noutros lugares *sõo.* 10. *certão.* A rima, porém, exige *certo.*

## 3

(CV, n.º 127, p. 53; CD, n.º XLVII, p. 44)

Proençaes soem mui bem trobar,
e dizem eles que é com amor;
mais os que trobam no tempo da fr.
e nom em outro, sei eu bem que nom
am tam gram coita no seu coraçom
qual m'eu por mha senhor vejo levar.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

## 4

(CV, n.° 150, p. 62; CD, n.° LXX, p. 60-61)

Oí oj' eu cantar d'amor
em um fremoso virgeu
unha fremosa pastor
que ao parecer seu
5 jamais nunca lhi par vi;
e porem dixi-lh' assi:
«Senhor, por vosso vou eu».

Tornou sanhuda entom,
quando m' est' oiu dizer,
10 e diss': «Ide-vos, varom!
quem vos foi aqui trajer
para m' irdes destorvar
d'u dig' aqueste cantar
que fez quem sei bem querer?»

15 «Pois que me mandades ir,
dixi-lh'eu, senhor, ir-m'ei;
mais ja vos ei-de servir
sempr' e por voss' andarei:
ca voss' amor me forçou
20 assi que por vosso vou,
cujo sempr' eu ja serei».

---

1. *Vy.* 6. *epor endrei lhassy.*

Diz ela: «Nom vos tem prol
esso que dizedes, nem
mi praz de o oir sol;
ant' ei noj' e pesar em,
ca meu coraçom nom é,
nem será, per bõa fe,
se nom do que quero bem».

«Nem o meu, dixi-lh' eu, ja,
senhor, nom se partirá
de vós, por cujo s'el tem».
«O meu, diss' ela, será
u foi sempr' e u está,
e de vós nom curo rem».

5

(CV, n.º 171, p. 69; CD, n.º XCI, p. 75) [1]

Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores ai f(o)lores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pos commigo!
Ai Deus, e u é!

---

[1] Esta poesia vem estropiada no original. Foi o Dr. W. Storck quem primeiro a restituiu á fórma primitiva: *Hundert Altportugiesische Lieder,* Paderborn-Münster, 1885, p. 7 e 117.

Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mh á jurado!
Ai Deus, e u é?

*

Vós perguntades pelo voss' amigo:
5 e eu bem vos digo que é san' e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós perguntades pelo voss' amado:
e eu bem vos digo que é viv' e sano.
Ai Deus, e u é?

10 E eu bem vos digo que é san' e vivo,
e será vosc' ant'o prazo saido.
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é viv' e sano,
e será vosc' ant'o prazo passado.
15 Ai Deus, e u é?

6

(CV, n.º 192, p. 76; CD, n.º CXIII, p. 90) [1]

Pera veer meu amigo,
que talhou preito comigo,
alá vou, madre.

---

[1] Esta poesia tambem está | estropiada no original.

Pera veer meu amado,
que mig' á preito talhado,
alá vou, madre.

Que talhou preito comigo...
5 é por esto que vos digo:
alá vou, madre.

Que mig' á preito talhado...
é por esto que vos falo:
alá vou, madre.

## IV

## De um Tratado de Poetica

(SEC. XIII OU XIV)

O seguinte texto é extrahido do Tratado de Poetica (fragmentario) que se lê no começo do codice de Colocci-Brancuti publicado por Molteni (a p. 5); é o mesmo cod. que contém o Cancioneiro de que fallei acima, p. 17. D'este fragmento tentou uma restituição Theophilo Braga na *Era Nova,* Lisboa 1881, p. 414 ss.; mas superior a ella é a que fez Monaci na *Miscellanea di filologia e linguistica* (in memoria di Caix e Canello), Firenze 1886, p. 417 ss. Acerca do valor d'elle vid. o que disseram os mencionados AA., *locis citatis,* e tambem D. Carolina Michaëlis, no *Grundriss der romanischen Philologie,* II-2, p. 197.— Como o original necessita de muitas correcções, acho mais util transcrevê-lo ao lado, do que indicar em notas as differenças. Na minha interpretação afasto-me de Th. Braga e de Monaci em alguns lugares. Na l. 22 a leitura *ou tres* é devida á Sr.ª D. Carolina Michaëlis.

[TITULO IV]

*Capto iiij*

*As fiindas som cousa q̄ os t°badores semp' husaron de poer en acabamento das sas cantigas pa cōcludirē ꝯ aca-*
5 *borē melhor eelas as irazones q̄ disserō nas cantigas chamandolhis fiida por q̄ q̄r tanto diz* [1] *come acabamēto de irazō E esta fijnda podē*
10 *faz' de hūa ou de duas ou de t·s ou de quatr palau·s E se for a cantiga de meest·a deue a fiida irimar cō apstumeyra cobra. E se for de ire-*
15 *fram deue de irimar cū o irefrā E como q̄r q̄ diga q̄a cantiga deue dau' huna deles e caes hy ouue q̄lhe fezerō duas out·s segundo sa voōtade*
20 *de cada huū deles E caes hy ouue q̄ as fezerō sē fijndadas po a fiinda he mays cōpimēto.*

25

Capitolo IV

As fiindas som cousa que os trobadores sempre husarom de poer en acabamento das sas cantigas, pera concludirem e acabarem melhor em elas as rrazões que disserom nas cantigas: chamando-lhis fiinda, porque quer tanto dizer come «acabamento de rrazom». E esta fiinda podem fazer de hũa ou de duas ou de tres ou de quatro palavras. E se for a cantiga de meestria, deve a fiinda rrimar com a prestumeyra cobra; e se fôr de rrefram, deve de rrimar com o rrefram. E como quer que digam que a cantiga deve d'aver hũa d'elas, e taes hy ouve que lhe fezerom duas ou tres, segundo sa voontade de cada hũu d'eles, e taes hy ouve que as fezerom sem fiindas: pero a fiinda he mays comprimento.

---

[1] Devia ser *diz'*.

# V

## Direito consuetudinario municipal

(SEC. XIII)

Dos *Portugaliae Monumenta Historica,* Leges, II, 82-83; vid. tambem *Documentos Historicos da cidade de Evora,* de Gabriel Pereira, vol. I, Evora 1885, p. 25-28. Alguns dos trechos foram já citados por Viterbo, *Elucidario,* s. v. « alganame » e s. v. « alfeireiro », com variantes, de que dou exemplos nas notas. Introduzo diversas modificações orthographicas (pontuação, etc.).—Neste texto ha, como parece, varios caracteres da lingoagem meridional.

. . . . . .

Esto foi posto pelos joyzes e pelo alcayde e per todo o concelho d'Evora. Conuem a ssaber:

.... mandamos que todolos alganames, os que con senhores morarem, ao rabadam dem por soldada vinte cordeiras e oyto marauedis. E as cordeiras sejam as meyas temporaans e as meyas meyaans. E outrosy dem ao conhocedor e ao posadeyro e aos outros melhores mançebos da pousada, a sô estes, dem em soldada sete marauedis e quinze cordeiras. E aos de so estes, em como poderem melhor mercar. Estas soldadas sejam por cada ano.

Item mandamos que dem em soldada ao mayoral das vacas e ao alfeireyro e ao pousadeiro senhas vacas paridas, e aos outros mançebos senhas iuuencas prenhes.

Item mandamos que dem en soldada ao alfeireiro e ao conhocedor dos porcos, a cada huum d'eles, sete ma-

---

7. Viterbo *pousadeiro.*

rauedis e duas porcas e huum marrão e sete leitigas. E aos mançebos da pousada dem a eles em soldada, des i a jovso, em como o mercarem.

. . . . . .

Item mandamos que os alganames reçebam a seus
5 senhores os carneyros ueudros por senhos marauedis. E os carneyros nouos por doze doze soldos.

Item mandamos que todolos porcariços que trexerem porcos no campo dem eles a seus senhores, ou sinaes d'eles. E os que os trexerem no soueral outrosy dem do alfeyre
10 recabedo come se os trosessem no chão. E os bacoros que treiserem no soueral, de quinhentas cabeças, se sse ende alguuns perderen, perdoem-lhis ende vinte cabeças. E dos outros todos den ende o recabedo a seus senhores. E todolos mançebos que seruirem a plazo in gaados pa-
15 guem eles a rrazum d'este preço de suso dito.

. . . . . .

Item mandamos e outorgamos que os mançebos que morarem nas lauoiras e nas casas dos homens de Terena paguem eles de suas soldadas ateens entruido de uenda de seus vinhos. E se os mays quiserem teenr ca emtruido,
20 paguen-nos d'alhur onde quer.

. . . . . .

Item mandamos e outorgamos que si molher ferir outra molher, que lh'o correga per dinheiros, se os ouuer; e se non ouuer dinheiros, per varas.

. . . . . .

Item mandamos e outorgamos que nem huum mayor-
25 domo, nem almocouuar, nem mayoral de gaados, se lhy o

---

3. Nos *P. M. H.* «menterem *(sic)*», que interpretei por ***mercarem***, já porque isso póde ser paleographicamente: { manterem / mercarem }; já porque na linha 14 da pagina antecedente temos analoga expressão. 5. *uendros* nos *P. M. H.;* Viterbo *veudros.* 19. *ta* nos *P. M. H.*

senhor fezer algũa demanda d'aquelas cousas que lhy mete na maão, que non possa auer vogado contra o senhor, senon el uogue por sy.

. . . . . .

Isto foy feyto e affirmado per Joham Barcelos, al-
5 cayde d'Evora, e per Soer Rodriguiz, e per Soer Saluadoriz, joizes, e per todo o Concelho d'Evora. Era M.CCC.II.

## VI

## Lenda do rei Lear

(SEC. XIII OU XIV)

Do *Nobiliario* ou *Livro de Linhagens* chamado *do conde D. Pedro,* do seculo XIII ou XIV, contido em um ms. do sec. XV (na Torre do Tombo) e publicado nos *Portugaliae Monumenta Historica* (Scriptores). A lenda do rei Lear vem a p. 238; ella é muito conhecida de todos por um drama de Shakespeare, e anda na tradição oral, tanto do nosso pais, como de fóra.

Este rrey Leyr nom ouue filho, mas ouue tres filhas muy fermosas e amaua-as muito. E huum dia ouue sas rrazõoes com ellas e disse-lhes que lhe dissessem ver-
10 dade, quall d'ellas o amaua mais. Disse a mayor que nom auia cousa no mumdo que tanto amasse como elle; e disse a outra que o amaua tanto como ssy mesma; e disse a terçeira, que era a meor, que o amaua tanto como deue d'amar filha a padre. E elle quis-lhe mall porém,
15 e por esto nom lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Scocia, e nom curou da meor. Mas ella por

---

1. *alguma* nos *P. M. H.* 17. *Tostia.* Vid. D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusitana,* VIII, 221.

sa vemtuira casou-sse melhor que nenhũa das outras, ca se pagou d'ella el-rrey de Framça, e filhou-a por molher. E depois seu padre d'ella em sa velhiçe filharom-lhe seus gemrros a terra, e foy mallandamte, e ouue a tornar aa merçee d'ell-rrey de Framça e de sa filha, a meor, a que nom quis dar parte do rreyno. E elles reçeberom-no muy bem e derom-lhe todas as cousas que lhe forom mester, e homrrarom-no mentre foy uiuo; e morreo em seu poder.

## VII

### Da «Chronica breve do Archivo Nacional»

(SEC. XIV)

Da *Chronica breve do Archivo Nacional,* publicada nos *Portugaliae Monum. Hist.,* (Scriptores), p. 22-23, segundo um codice do sec. XIV. «Parece-nos ser a Chronica vulgar mais antiga que nos resta», diz Herculano, *loc. cit.* O primeiro trecho que aqui transcrevo constitue o proemio; o segundo uma biographia de D. Denis.

Esta he a rrenenbrança dos Reys que fforom d'estes regnos de Portugall e do Algarue des o começo do Conde Dom Anrriqui ataa presente era que ora corre do nacimento de nosso sennor Jeshu Christo de mil e quatrocentos e uynte e noue annos.

A qual rrenenbrança serue a proll por que muytas uezes mostram perante El-Rey nosso sennor e perante os seus iuizes algũas doaçõoes e outras escripturas, que fazem em periuizo dos direitos e coussas da coroa dos Regnos, fazendo taaes cartas de doaçoões e escripturas mençom que forom outorgadas per huum Rey, o quall

---

1. *nenhuma.* 4. *malladamte* (por *mallãdamte).* 16. *algumas.*

segundo a dada d'essa escriptura ja era finado; e pera tirar estas duuidas aproueitam muyto estas eras, porque em ellas faz mençom quando cada huum Rey começou de rregnar e quando sse finou e onde jaz sepultado. E estas eras forom escriptas certamente sabendo-se primeiro a uerdade do que em ellas he contheudo. As quaees aqui som escriptas na maneira que sse segue. E per ellas logo se pode ssaber a escriptura que nom for verdadeira.

. . . . . .

El-rey dom Denis, filho do sobredicto [1], foy cassado com a rraynha Dona Isabel, filha d'el-Rey Dom Pedro d'Aragom, e ouue d'ella a ifante Dona Costança, que foy casada com El-Rey Dom Fernando de Castella, e o ifante Dom Afonso, que foy cassado com a ifante Dona Beatriz, irmãa do dicto Rey Dom Fernando de Castela.

Este rrey começou de Regnar na sobredicta era de trezentos e dezesete annos. E finou-se sete dias de janeiro da era de mil e trezentos e seseenta e tres annos. E assy rregnou quarenta e seis annos. E jaz sepultado em o seu moesteiro de Sam Denis d'Odiuellas, d'aprés da cidade de Lixboa, que ell fez de todo aa sua custa.

E rreteue pera sy e pera todos seus sobcessores o consentimento da inliçom que fezesem das abadesas quando algũa ouuesem d'enleger em abadesa d'esse moesteiro. E asy he contheudo em seu testamento e hordenaçom do dicto moesteiro.

---

25. *algumas.*

[1] Refere-se a El-rei D. Affonso III, mencionado na Chronica, em um texto anterior, que não transcrevi.

# VIII

## Poesia de Pero Gonçalez de Mendoça

(SEC. XIV)

Esta poesia vem no *Cancioneiro* de Baena (sec. XV), publicado em Madrid em 1851. Foi reproduzida pelo Dr. H. Lang no seu *Cancioneiro gallego-castelhano,* I, Nova-York 1902, p. 3, d'onde a transcrevo para aqui, com leves differenças.—Pero Gonçalez de Mendoça (1340-1385) era hespanhol, avô do Marquês de Santillana, que a elle se refere na célebre Carta dirigida a D. Pedro, Condestavel de Portugal, filho do Duque de Coimbra.

Ai sennora, mui comprida
de bondad' e de proeza!
Pois do mundo é partida
a vossa mui gran nobreza,
5 loando a vossa alteza,
a qual servo mui de grado,
morrerei desamparado
con pesar e con tristeza.

Quando eu o lugar vejo
10 onde vivedes, sennora,
con pesar e con desejo
e con gran mazela chora
o meu coraçon [e] adora
a orden u vos morades.
15 Pero me desamparades,
por vosso morrei agora.

---

14. Lang tem *du;* no original ha *do* (á hespanhola). Substituo por *u,* que é mais corrente: cfr. D. Carolina Michaëlis na *Zeitsch. f. rom. Philol.,* XXVIII, 223-224.

# IX

## Castello perigoso

(SEC. XIV)

Da obra mystica intitulada *Castello Perigoso,* ainda inedita, existem dois manuscritos na Bibliotheca Nacional de Lisboa, os quaes pertenceram á Livraria de mão dos Monges de Alcobaça. Um dos mss. faz parte de um codice membranaceo, que tem esta marcação bibliothecal: $\frac{\text{ant. } 276}{\text{mod. } 199}$; chamo-lhe «ms. A». O outro constitue só por si um codice chartaceo e tem esta marcação: $\frac{\text{ant. } 275}{\text{mod. } 214}$; chamo-lhe «ms. B». O ms. A, de uma só mão, está completo, e consta de 200 capitulos; do ms. B, de varias mãos, restam só 199 capp., estando além d'isso incompleto o ultimo. O ms. B é dos fins do sec. XV; o ms. A, com quanto mais antigo que B, tambem me parece do mesmo seculo. — O dr. Otto Klob, de Vienna de Austria, copiou o ms. A e tenciona publicá-lo.

Os trechos que vão aqui transcritos formam o começo do ms. A, fl. 1 ss. No fim da obra, fl. 150 v., lê-se o seguinte, em letra feita com tinta encarnada: «Hora praza a todos que este liuro »leerem e ouuirem, que por amor de Deos e da sua bem dita uir»gem madre ajam memoria em suas horações d'aquelle que o »ajuntou e escrepueo. E foy acabado a noyte da pascoa florida era »1406» [1]. Esta era corresponde ao anno de Christo de 1368; temos assim indicada a data em que a obra foi coordenada.

Menciono em nota as variantes mais notaveis do ms. B.

---

[1] Tambem podia lêr-se 1400, tomando-se por ornato a curva que interpreto como parte de um 6; todavia julgo mais regular 1406.

## 1

*Intrauit Jesus in quodam castellum.* LUCE *XI capitulo*

Esta [1] pallaura he scripta no auangelho de Sam Lucas e posta por figura da uirgem Maria madre do filho de Deos [2], porque este foi hũu castello muyto bem guarnido de caua de humildade e de muro de uirgijndade e de priuilegios [3] de todas uirtudes [4] e d'auomdamça de todas graças. Este glorioso castello achou o rrey da gloria assy praziuell e deleitoso, que ouue gram deseio de o pobrar e morar em elle, e enuyou deante seu messegeiro em maneira de rrey e gram senhor, que lhe fosse filhar a pousada. Este foy o arcanjo Guabriel que saudou a senhora do castello deuotamente, dizendo: *Aue Maria* etc. E a saje e deuota uirgem, como era de siso comprida, com gram prazer rreçebeo em seu homrrado castello, s. no tenpllo do sseu glorioso corpo, o rrey e senhor e emperador do çeo e da terra. E jsto he o que dizem as palauras suso ditas. E porque he cousa muy proueitosa seguir o enxempro d'esta homrrada senhora, eu, com a ajuda do senhor Deos, quero emssinar a todos e a todas [5] fundar de seos coraçõoes hũu castello tam forte contra seos imijgos e tam fremoso e tam bem guarnido de dentro, que o doçe

---

1. *euangelho.* 5. *preuilegios. e auondança.* 8. *pouoar.* 10. *Grabiel.* 11. *deuota mente.* 12. *sagees* B. 17. *eu cõ a juda* B. 19. *hũ* B. *seus amiguos* B.

[1] O *E* é artistico, e a côres; dentro d'elle figura-se um castello, — allusão ao titulo da obra.

[2] Neste logar ha *e* riscado.

[3] No ms. *p'uilegios;* póde lêr-se *pri-* ou *pre-*.

[4] No ms. *ꝛtudes;* podia lêr-se *vir-* ou *ver-;* mas no fl. 16 v. vem *uirtudes.*

[5] Neste logar havia-se escrito *a,* que foi raspado.

rrey Jesu Christo, uerdadeiro esposo das santas almas, se contente e aja prazer de morar em ell. Ca elle dise per [1] Salamon que seos uiços e prazeres som d'estar e morar com os ffilhos dos homẽes.

## 2

*Com quem deue a auer paz quem quiser edeficar hũu castello*

5 Quem quer fazer hũu castello deue-o edeficar em terra de paz, porque quanto homem fezesse em comarca de guerra, em hũu dia, em outro, seeria derrubado; e porém, ante que [2] comecemos de edeficar nosso castello, conpre esguardar e aprender com quem deuemos d'auer
10 paz e como deuemos a uyuer pera nossa saude.

Eu digo que homem deue d'auer paz: primeiro com Deos; des'y com seos mayores; terçeira com seus prouximos; quarta conssygo meesmo. E se algũa d'estas pazes falleçe, mal se pode edeficar castello que dure.

15 Digo primeiro que homem deue fazer paz com Deos [3] em tres maneiras: primeira que homem leixe e rrenũcie os pecados de feito e de uoontade; desy que se meta esforçadamente aa' pendemça e a fazer boas obras; a terçeyra que perseuere em bem ataa fim. E d'estas tres
20 cousas hũa sem outra nom uall nada.

---

2. *ẽ elle* B. 2, 3. *disy per Salamã* B. 3. *san* B. 4. *homẽs* B. 5. *quiser* B. 13. *algũas* B. 18. *boas* tem uma curva que póde fazer lêr *boãs* ou *bõas,* mas o ms., se usa esta graphia mais vezes, usa muito *boa,* e tambem *maaos, diaboos,* onde a curva não é til. Em B ha *boãs.*

[1] Em abreviatura: *p* traçado na perna.

[2] No ms. *ant*) q̃.

[3] No ms. (aqui e noutros logares) *Ds,* com til sobre o *s.*

A esta paz nom pode algũu vĩjr, senom ha verdadeira contriçom e door no coraçõ, com rrepeendimento dos pecados com que anojou o seu senhor Deos, ca muyto ha gramde rrazom de profundamemte gemer e de sse
5 fundir em lagrimas a pessoa que assanha seu cryador, pecando mortalmemte, honde perde Deos e o Paraiso e guaanha os tormentos do Inferno e perde os bẽes que d'ante auya fectos, sse o Deos nom chama pera sua graça; e he tornado seruo do Diabo; e a alma que era ffilha e
10 esposa do· rrey da gloria he fecta serua e barregũaa do Imíjgo, e depois do rrepẽedimento deue vĩjr aa· confisom. Esta he a· boa camareira que alinpa a· casa e lamça fora toda a çugidade com a· uassoira da lingua, assy como diz Daujd.

## X

## Episodio cavalleiresco

(SEC. XIV)

Da *Demanda do Santo Graall*, ms. do sec. XIV ou XV, existente na Bibliotheca Palatina de Vienna d'Austria. O dr. Reinhardstoettner principiou a publicar este romance, Berlim 1887, mas ficou incompleto. O trecho que aqui transcrevo copiei-o do original em Vienna, em 1900: fl. 164 v., col. 1 e 2.—A *Demanda* foi, ao que parece, redigida no sec. XIV.—Os drs. Wechssler e Klob copiaram, cada um de per si, o ms. viennês.

---

4. *rezã* B. 5. *fundir toda ẽ lagrimas* B. 7. *guaãha;* mas, por ex. a fl. 6 *v: guaanhar.* 8. *dantes.* 11. *rrepreẽedimento.* Emendei em *rrepẽedimento* por se lêr na l. 18 *rrepeendimento*; o copista de certo se equivocou com o substantivo deriv. de *repreender,* que tinha na mente. O ms. B tem tambem *Reprendimẽto.*

Quãdo os leuarõ ao pááço, fezerõ-lhis tã grãde infynta d'amor e de lidice que eles teuerõ que en bõo ponto ali ueerõ; e fezerõ-nos desarmar logo, e preguntarõ-lhis unde erã. E eles diserõ ca erõ da casa de rey Artur.

—Ben seiades uĩidos! disserõ eles. Muy mais uos amamos per en.

E pois forã desarmados, ueo a eles hũu uelho caualeyro e dise-lhis:

—Queredes ir comigo? E mostrar-uos-ey hũu caualeyro da Mesa Redonda que aqui iaz doente.

—Váámos, disserõ, ca de grado o queremos ueer.

E ele se foy diante e leuou-os atee a terra, e foy a hũa porta pequena de ferro, e abriu-a e dise-lhis:

—Ẽtrade e atendede-me ala dentro, e pois amostrar-uos-ey o que uos promety.

E eles, que se nõ guardauã da trayçom, entrarõ. E el tyrou a sy a porta e çarrou-a. E pois dise-lhis:

—Ora fazede o milhor que poderdes, ca iamais nõ seyredes d'aqui se nõ mortos! E esta é a postumeyra uosa auẽtura.

## XI

### Da «Corte Imperial»

(SEC. XIV OU XV)

A *Côrte Imperial* é um livro do sec. XIV ou XV, de que existe um ms. do sec. XV (inedito) na Bibliotheca Municipal do Porto, cod. n.º 101 (mod.) e 803 (ant.), o unico que hoje se conhece [1]. D'elle havia

---

[1] Cfr. *Catalogo da Bibl. do Porto*, 1.º fasc., mss. membranaceos, Porto 1880, p. 46, onde se diz que o cod. é in-fol., pergaminho, gotico.

um exemplar na bibliotheca d'el-rei D. Duarte, como consta do respectivo catalogo. O assunto da obra é assim explanado no prologo: « Pera o senhor Deus seer mais e melhor conhoçido e entendido he cõposto este liuro que he chamado *Corte Imperial,* e tal nome lhe he posto porque, asy como na corte do rey e do emperador ou d'outro alto principe sooẽ aa seer trautados os grandes negocios e os altos feitos e as arduas questões determinadas, asy este liuro trauta de grandes cousas e de muy altas questooẽs, assy como da essentia de Deus e da Trindade e da encarnaçõ diujnal e d'outras materias.. »

Já se referiram á *Côrte Imperial* por exemplo: Th. Braga no *Curso de Hist. da Litt.,* Lisboa 1885, p. 166, e noutras obras; D. Carolina Michaëlis no *Grundriss der roman. Philolog.,* II-2, 251.

O Sr. F. M. Esteves Pereira tirou d'ella uma cópia, de que teve a bondade de me dar alguns extractos, um dos quaes, o cap. I, fl. 2 v. ss., aqui aproveito. Na minha transcripção não altero o texto original; apenas desfaço as abreviaturas, escrevo com maiuscula inicial os nomes proprios e uso de signaes orthographicos (pontuação, etc.); quando a nasal está representada por til, conservo-o.

Reaes cortes fez o celestrial ẽperador, por grande proueito e honrra de todo o senhorio.

Estas cortes forom feitas em hũu canpo muy grande e muy fremoso, todo cõprido de uerdura e de flores de muytas e desuairadas collores e de preçioso odor. E todo o cãpo era çercado em redor de muytas aruores muy fremosas, que dauam fruytus muy doçes e muy saborosos e de muytas guisas. E a· redor do canpo corriam auguas muy linpas, que sayam de muy claras fontes que em aquelle canpo naçiam. Todo o cãpo era cuberto per cima de hũu muy rico pano de sirgo, de hũa collor de muy fino azur, cõ estrellas d'ouro, cantas em elle cabjam. E a· redor do canpo auja muytos panos ricamente laurados, cõ muytas e desuayradas estorias e cõ lauores muy fremosos.

E em meo do canpo estaua hũa cadeira real, de hũa pedra fina que chamã « jaspe », muy alta e muy ricamente

laurada. E a fundo d'ella, ja quanto, estauam outras duas cadeiras muy ricas e muy fremosas, hũa d'ellas de marfim e outra pedra que chamam «labastro». E afora estas cadeiras estauam outras mujtas seedas muy bem apostadas, e muytos estrados e cubertos de muy ricos e muy fremosos panos.

E em aquella real cadeira que era mais alta sya [1] seentado hũu baron muy aposto e muy fremoso. A estadura do seu corp[o] era meaã e bem cõposta de seus nẽbros. O seu uulto era uenerabil e onesto, e de tal aspeito que aquelles que o oolhasem, bem o poderiam amar e temer. Os seus cabellos da cabeça eram de collor d'auellaã bem madura, e eram chanos ata· as orelhas, e d'hj a fundo eram encrespados e ja quanto amarellos e mais splandeçentes, e chegauam ataa os ombros. Este glorioso barom auja espartidura em a cabeça, asy como aujam em custume os Nazarenos que antre os Judeus eram os mais santus. A fronte d'aquelle barom era plana e muy clara, e as suas faces sem magoa e sem ruguadura, cõ collor uermelha tenperada, que lhe daua grande fremosura. A sua boca e o seu narjz eram taaes, que nõ auja que reprender. A sua barba era auondosa, de cabellos todos jguaes e bem cõcordados; nõ era lõgua, mas era partida em duas partes em no queixo. O seu oolhar era sinprez e maduro, de grande curdura; os olhos guazeos e muy fremosos. As suas mãaos e os seus braços eram muy delleitosos pera veer. Tal era sua apostura, que verdadeiramẽte he dito d'elle que he mais fremoso que todollos homẽes.

Este barom tam aposto tijnha vistida hũa vistidura longua ataa os pees, muy fremosa, de muytas collores.

---

26. *maaos.*

[1] Talvez que no original | esteja *sija* (=*siia*).

E era çinto pellos peitos de hũa çinta d'ouro fino. E em na vistidura estauam leteras que deziam asy: REY DOS REYS E SENHOR DOS SENHORES. Os seus pees eram calçados cõ hũa calçadura que pariçia ouro. Elle tijnha em
5 sua cabeça hũa coroa de pedras priçiosas, de quatro collores: hũa parte da coroa era de hũa pedra uerde, que pasaua todalas uerduras de todalas cousas do mũdo, e era tam esprandeçente que bem se podia homem ueer em ella como em espelho, em guysa que todo ho aar em redor
10 de· sy fazia uerde; a outra parte da coroa era de hũa pedra uermelha, color de fogo, que lançaua de sy rayos asy como chamas de fogo; a outra parte da coroa era de hũa pedra amarella, collor d'ouro; a outra parte era de hũa pedra muj alua e muy esprandecẽte, asy como a augua
15 quando ferem em ella os rayos do sol. Tal coroa como esta de quatro colores, asy como he ho arco-celestial, tijnha em sua cabeça aquelle glorioso barom. E em sua maão tjnha hũu liuro çarrado cõ sete seellos.

E a· redor da cadeira real estaua toda a corte das
20 hordeẽs dos spiritos celestiaes, e tijnham mujtos estormẽtos de muytas maneiras, em que tangiam e faziam mujtos e muy graçiosos sõos. E diziam muj doçes cantares e muy preçiosos louuores ao çelestrial emperador. E depois que tangerom per grande spaço, lançarõ-se
25 sobre suas façes ante a cadeira do glorioso barom e adorarõ-no dizẽdo:

—Asy beençõ e claridade e sabedoria e graças e uirtude e honrra e forteleza seja a Deus todo poderoso! Amem.

---

10. *di.* Cfr. *de sy* em 11; por isso emendei *di* em *de.* 20. No ms. *sp̃s,* que podia tambem transcrever-se *spiritus* (latinismo), visto que o ms. tem *fruytus* (plur.), como vimos.

# XII

## Da «Estoria Geral»

(SEC. XIV—XV)

A *Crónica General* ou *Estoria de España,* mandada compôr por D. Affonso o Sabio (sec. XIII) foi traduzida em português na idade-media [1] e accrescentada. Conhecem-se á hora presente quatro codices com a traducção [2]:

---

[1] No catalogo da livraria de El-Rei D. Duarte figura uma obra com o titulo de *Historia Geral.* Provavelmente é esta traducção. Costuma dizer-se que a traducção foi feita por ordem de D. Denis; servem de base a esta attribuição as seguintes palavras do chronista: «Trabalhou el Rey »Dom Dinis muito por enrique»cer a lingoa portuguesa, & a »este fim mandou traduzir nella »muitos liuros escritos em va»rias lingoas, que hoje nos fal»tão». Fr. F. Brandão, *Monarch. Lusit.,* pt. V, fl. 6 v.

[2] Quando digo *traducção* da *Crónica,* fallo de modo geral, pois, para se ser rigoroso, sería necessario proceder quer ao estudo comparativo dos quatro codices entre si, quer ao das relações d'elles com o primitivo texto castelhano e suas refundições e derivados.

Além dos quatro codices portugueses, tem sido consideradas como portuguesas mais duas traducções: uma que está na Bibliotheca Real de Madrid (marcação 2-H-3) e outra que está na Bibliotheca Nacional da mesma cidade (cod. n.º 8:817): vid. *Bibl. Critica,* p. 144; *Grundriss der rom. Philolog.,* II-2, p. 211; Menendez Pidal, *Crónicas Generales,* Madrid 1898, p. 8-9. Em 1903, no meu opusculo *Uma chronica de 1404,* onde demonstrei que uma traducção que foi possuida pelo livreiro madrileno Vindel (hoje consta-me que ella está na America do Norte) era gallega e não portuguesa, disse eu a p. 8, nota, que merecia a pena deslindar se os citados mss. das Bibliothecas Real e Nacional de Madrid, bem como um possuido pelo Sr. Menéndez Pelayo, erão portugueses ou gallegos, e que eu me propunha de o fazer quando voltasse a Madrid. Ora em 1905 estive ahi, e verifiquei, pelo exame a que procedi nos mss. das Bibliothecas Nacional e Real, e por cópias de trechos que tomei d'elles,

1) Ms. pergaminaceo do sec. XV, na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Pertenceu á bibliotheca dos marquezes de Castello Melhor e acha-se descrito no respectivo *Catalogo*, Lisboa 1878, p. 2-6.

2) Ms. pergaminaceo do sec. XV, na Bibliotheca Nacional de Paris: vid. Morel-Fatio, *Catalogue des mss. port.*, Paris 1881, n.º 4. D'este exemplar ha cópia ms. feita em 1834 pelo Dr. Nunes de Carvalho e existente tambem (mas incompleta) na Bibliotheca da Academia de Lisboa: Gab. n.º 3, E. 13, N.º 3. O mesmo começou a publicá-la em Coimbra em 1863, o que não levou a cabo, porque a morte o interrompeu: cf. *Bibliographia Critica*, p. 144.

3) Ms. chartaceo do sec. XVII, na Bibliotheca de Evora, descrito no respectivo *Catalogo*, III, 430.

4) Ms. chartaceo do sec. XVII, na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Este exemplar foi de Severim de Faria (sec. XVII) e depois teve varios possuidores, um dos quaes Herculano: vid. *Boletim das Bibl. e Archivos*, III (1904), 173, onde vem tambem noticia ácerca dos outros codices.

Dos trechos que aqui publíco, o primeiro extráio-o do codice da Bibl. da Academia (pag. 10, cap. 7), que collacionei com a cópia da Bibliotheca Nacional, trecho que corresponde ao cap. 7 da *Crónica General*, ed. de Menéndez Pidal, Madrid 1906, p. 9; o segundo extráio-o do cod. da Bibliotheca Nacional (ms. n.º 8:650, cap. 418, fl. 369 v. e 370 r.), e corresponde a um trecho dos *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, p. 28, col. 2; o terceiro extráio-o da cit. ed. de Nunes de Carvalho, cap. 37, e corresponde á Geographia ou Chronica do Mouro Rassis [1].

Notação que adopto: B = ms. da Bibl. Nac. de Lisboa; A = ms. da Academia; N = cópia de Nunes de Carvalho.

---

que ambos são em gallego e não em português. Do ms. do Sr. Menéndez Pelayo obtive ultimamente cópia de um trecho, por intermedio do Sr. D. Ramón Menéndez Pidal, e d'ella vejo que é igualmente gallego. Tambem compulsei e extractei o referido ms. da *Chronica de 1404* na livraria do Sr. Vindel; e confirmei o que no meu opusculo eu asseverára primeiro.

[1] A chamada *Chronica do Mouro Rassis* foi traduzida por ordem de el-rei D. Denis: vid. F. Brandão, *Monarch. Lusitan.*, pt. V, fl. 6 v. D'esta trad. possuiu um exemplar André de Rèsende: vid. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 108; provavelmente

## 1

*[Lenda da vinda de Hercules a Lisboa, e da sua partida para Entre-Douro-e-Minho, onde estava Geryão]*

Despois que Hercolles ouue feytas aquellas duas ymagẽes de Callez e de Seuylha, como ia ouuystes, ouue sabor de ueer toda a· terra d'Espanha, e partio-sse d'esse lugar de Seuylha per a· costa do mar ataa que chegou ao logar
5 em que agora he pobrada Lixboa, e dizem algũus que este logar foy pobrado despois que Troya foy destroyda a· segunda vez, e que a· começou de pobrar hũu neto de· Ulixes que auya esse meesmo nome «Ulixes» como· o avoo, e que este morreo ante que fosse acabada de· pobrar,
0 e que mandou a· hũa sua filha, que auya nome «Boa», que [a] acabasse, e que ella a· acabou, e que despois que foy acabada, que ajuntou hũa parte do nome de seu padre ao seu, e pos-lhe nome «Lixboa».

A· este logar chegou Hercolles, sabendo elle ia [1] como hũu a que chamõ «Gedeon» tijnha toda a· terra que he

---

4. N *per a*, B *para a*. 5. *algũ* [9]. 9. N *antes que*. 11. *que acabasse* (mas infra *que ella a acabou*), N *a acabasse*. 15. N *chamavam*, B *chamavão*.

o mesmo exemplar que, de certo por intermedio de Severim de Faria, estava no sec. XVIII na livraria do Conde de Vimieiro: vid. *Doc. e Mem. da Acad. de Hist.*, 1724, XVII-9 e XIX-6. O exemplar perdeu-se, como se suppõe, no terremoto de 1755, e não se conhece mais nenhum. Da relação portuguesa ha porém uma traducção hespanhola: cfr. o que a este respeito diz D. Ramón Menéndez Pidal, *Crónicas Generales*, p. 15, e D. Juán Menéndez Pidal, *Leyendas del último rey godo*, Madrid 1906, p. 18. Da traducção hespanhola existem varios mss.; em 1905 comprei um em Madrid, do sec. XVII, que hoje está na bibliotheca do Museu Ethnologico Português.

[1] = *já*.

des· o Teio [1] ataa o· Doyro. Este Gedeon era muy poderoso e homen forte e muy valente e de grande ligeirice, em tanto, que per força auya tomada essa terra de que era senhor e todos lhe dauã a meatade de· quanto auyam, e
5 ainda dos filhos; e os que lhe esto nõ queriam dar, mataua-os: e por esta rrazon era muy malquiste de todas as gentes da· terra. Mas elles, por que nom achauã nem hũu que os d'elle quisesse nẽ podesse deffender, porem nõ sse ousauã contra elle leuantar; mas quãdo souberon
10 como Hercolles era uijndo em Espanha, prougue-lhes ende muyto, ca entenderon que per elle seeriã liures de· maao senhorio, e enuyaron-lhe dizer em grande segredo, per sua carta, estas palauras:

—Oo grande e muy famoso Hercolles, começador e
15 acabador dos grandes feytos! Oo homẽ forte e ligeyro e piadoso, enuyado dos deusses eternaaes pera destroyr os cruees e sem piedade, e liurar os que ssom em prema e seruydon de tirãnos! Tu que tantos bõos feytos fezeste e ás tirados tantos bõos homẽes de seruydom dos maaos
20 senhorios: rrogamos-te que acorras a· nós, que grauemente somos atormẽtados ẽ mãao de forte tirãno, e ou per teus rrogos, ou per bondade de teu corpo seiamos [2] liurados. E· sse o· teu muy nobre esforço rreger o· teu ligeyro e bem manhoso corpo de· uíjres con Gedeon ẽ batalha e o·
25 uenceres, nós te obedeceremos cõ toda a terra sem contenda.

Quando Hercolles ouue este rrecado dos moradores da terra de que Gedeõ era senhor, prougue-lle muyto, e moueo-sse logo pera vĩjr a elles, ca elle bem ssabya, ia [3]
30 auya longa sazon, o muy grande mal que elles passauã

---

2, 3. N e A *em tanto que*, B *e tanto que*. 5. N *aynda*, B *ainda*, A *ajuda*. O sentido pede *ainda*. 18. *boos*. 27. N *e quando*.

[1] Lêde *Tejo*.
[2] =*sejamos*.
[3] =já.

con Gedeom: e esta fora a causa principal por que sse elle mouera de Grecia; ca nõ embargando que Hercolles era do linhaien dos gigantes e muy forte, pero nõ era cruel nem de maao senhorio, ante era muy piadoso aos bõos, e muj brauo e forte aos maaos, como aquel que nom era vijndo pello mundo por outra cousa se nõ por destroyr os soberuosos e maaos, e defender os bõos e humyldosos. E quãdo uyo as querellas d'aquellas gentes, doendo-se d'elles, foy-se pera alló.

Quãdo Gedeon soube a· uĩjda de Hercolles, e como vijnha sobr'elle assijnadamẽte, pesou-lhe muyto e ajuntou seu poder e foy-sse pera Galliza.

## 2

### *[D. Affonso Henriques em Figueira Velha]*

Quando el-rey Dom Affonso compria vinte e quatro annos de sua idade, tomou aos Mouros Leiria e Torres Novas a el-rey Ismar, que era rey da Estremadura.

E desque tomou estas villas tornou-se para Coymbra, e estando hy quis tomar Santarem.

E cavalgou com todos seus cavaleiros e foy-se a huum campo acerca da çidade, a que chamaõ Arnado, e apartou comsigo Dom Lourenço Viegas e Dom Gonçalo de Sousa e Dom Pedro Paaez, o alferez, e outros dous cavaleiros, mas [1] a estoria nom diz quaaes, e contou-lhes como avia em coraçom de tomar Santarem. E elle[s] fala-

---

17. *quiz.* 21. *Paaes.* Mas noutro logar, fl. 370 r., *Paaez.*

[1] Nos *Port. Mon. Hist.*, Script., p. 28, col. 2, lê-se: «e outros dous cavaleiros mais»; comtudo *mais* supponho que tem o valor de «mas», e que deve ligar-se para diante.

rom em ello de muitas maneiras; mas emfijm acordarom-se todos que a poderiam furtar, se posessem seu feito em boo regimento.

Esto assy determinado, tornou-se el-rey para seus
5 paaços. E indo per Figueira Velha, disse huã molher contra as outras:

—El-rey foy agora falar com seus privados que fossem furtar Santarem.

E quando el-rey ouvio o que a molher dizia, foy
10 maravilhado. E despois que forom no paaço, chamou hos com que falára em segredo, e disse-lhes:

—Ouvistes o que disse [a]quella molher? Seede çertos que, se alguum de vós de my fora partido, que eu cuidára que fora descuberto por elle; e assy ouvera a
15 minha sanha contra sy sem mereçimento!

## 3

### *[Descripção de Santarem]*

Parte o termho de Beia [1] con o termho de Santaren. E Santaren jaz ao poente de Beia e ao poente de Cordoua e jaz sobre o rryo de Teio [2] perto d'onde sse mete en no mar.

20 En no termho de Santaren ha muytas e boas bondades e he muy saborosa terra. E quanto he no chaão, non sayram hy a alqueeuar, nen na laurarám duas uezes senon quiserem, tanto he boa a terra naturalmente. E quando enche o Teio, saae pella terra chaã e cobre-a
25 toda; e despoys que o rryo dece fazen suas sementeyras muy boas sorodeas: e tanto fica a terra en boa maneyra

---

[1] = *Beja.* | [2] = *Tejo.*

desposta, que chega o pam a segar com os primeyros. Em termho de Santaren ha terra tam frutiffera que do dia que semeam o pam ataa sete somanas o segam.

E o castello de Santaren jaz en hũu monte muy grande e muy alto e muy forte, e non ha lugar per honde o possam conbater, se non a [1] muy grande perigoo.

Outras bondades ha en Santaren que odiante diremos. E pode homem hyr de Santaren a Beia [2] en quatro dias.

## XIII

### Da «Estoria de Vespesiano»

(SEC. XV)

A *Estoria de Vespesiano* é um romance do cyclo do Graal, que tem por assunto a cura maravilhosa de Vespasiano operada pela Veronica, a destruição de Jerusalem levada a cabo por elle e por Tito, a conversão d'estes e o castigo de Pilatos.

Foi impressa em Lisboa em 1496, mas só resta um exemplar incompleto, que está na Bibliotheca Nacional. Em 1905 fez d'ella nova ed. o Sr. F. M. Esteves Pereira, que a acompanhou de erudito prologo.

A respeito d'esta obra vid. tambem D. Carolina Michaëlis no *Grundriss der romanischen Philologie*, II-2, 214-215 e 439.

É provavel que a obra que com o titulo de *Destroyçam de Jerusalem* vem mencionada no inventario da guarda-roupa de D. Manoel (1525) [3] seja esta mesma. O titulo geralmente adoptado é deduzido das palavras que se lêem na inscripção typographica do fim: *Foi emprimida a presente* ESTORIA DO MUI NOBRE VESPESIANO, EMPERADOR DE ROMA etc. O verdadeiro titulo não se conhece, porque falta o frontispicio no unico exemplar ora existente.

Comquanto impressa nos fins do sec. XV, a obra foi redigida muito antes, a julgar da linguagem: nella alternam as fórmas syncopadas da 2.ª pess. pl. dos verbos com fórmas não syncopadas, por

---

[1] B *con.*

[2] = *Beja.*

[3] Vid. *Archivo Hist. Portg.*, II, 414.

ex. *rogade* a par de *digaes, bautizedes* a par de *auee;* ora a syncope operou-se no primeiro quartel do sec. XV [1]. Quem fez a cópia que serviu para a impressão de 1496, modernizou um tanto a linguagem do texto primitivo; talvez este date mesmo do sec. XIV.

O trecho que transcrevo extrahi-o da 1.ª edição, onde corresponde ás fl. 11 v. e 12 r.; na 2.ª ed. corresponde á p. 57. As alterações que fiz indico-as em nota.

### *Da grãde alegria que foy na corte do emperador polla saude de seu senhor*

Muyta foy a alegria e folgãça do emperador e de toda sua corte de como o virom saão, que por sua saude mujtos forõ exalçados no amor de Jhesu Christo e derõ grãdes louuores e graças a Jhesu Christo nosso Senhor
5 por a saude do emperador, segũdo que sam Clemente ensinaua e demostraua. E o emperador logo fez coroar seu filho Titus emperador, cõ grãde festa, muy honrradamente, e ly pregou Sam Clemente e foy escuitado cõ grande deuoçõ do emperador e de toda sua corte; e quando
10 acabou seu sermom, disse ao emperador:

—Senhor, pois que Deos vos deu saude, e tanta misericordia ouue com vosco, que vos ha saarado de tam forte enfermidade, praza-vos que por o seu amor vos bautizees e vos cõuertaees aa fee catholica, e exalçade a santa chris-
15 tindade e fazee bautizar toda a gente, e todos os que se quiserem bautizar nõ lhe seja tolhido nem defeso per vos.

---

3, 4. *xpo* (com til sobre o *p)* no original = *Christo.* 4. No original *uosso.* 8. *ly* deverá entender-se *aly* ou *hy,* que são as fórmas correntes. 11. No original *'ds* = *Deos.* 14. *a fee;* mas noutros logares está como emendo, por ex.: *se convertiã aa fee* (cap. 15). 14, 15. *xpindade* (com til sobre o *p)* no original = *christindade.*

[1] Vid. o meu artigo «Fórmas verbaes» in *Mélanges Chabaneau,* p. 175-178 (1906). Cf. tambem *O Livro de Esopo,* p. 121.

# XIV

## De um tratado de cozinha

(SEC. XV)

Este trecho extrahi-o em 1905, na Bibliotheca Nacional de Napoles, de um codice, ainda inedito, que tem esta marcação bibliothecal: I. E-33. Cfr. Alfonso Miola, *Notizie di manoscritti neolatini — Parte prima — Mss. Francesi, Provenzali, Spagnuoli, Catalani e Portoghesi della Biblioteca Nazionale di Napoli,* Napoli 1895, p. 93: «Dei sette (manuscritos portugueses) che ne conta questa biblioteca » il più antico è della fine del secolo XV (I. E-33), cartaceo in 8., con » legatura farnesiana ». O ms. contém varias receitas a que se seguem quatro cadernos sobre os seguintes assuntos: manjares de carne, de ovos e de leite, e conservas. O meu trecho vem a fl. 29 v. e 30 r. — Na transcripção limitei-me a desfazer as abreviaturas, excepto as nasaes, e a pontuar; o resto deixei-o ficar.

R̃. dez gemas d'ouos e duas de craras e duas colheres de farjnha, de prata, tudo mujto bẽ batido ẽ huũa tijella noua pequena ou hũa certaã mũy pequena, e quanto mais alta tanto milhor, mea de mamtejgua, que ferua rrijo; e deitem tudo ally por huũa albarada de bico ẽ voltas como aletrja: e depois que for ffeito, ponhaõ-no a escorer ẽ hũa jueira, e deitem-lhe por cima acuquar clareficado, e mais pisado cõ canela.

---

1. R̃. = récipe. 6. *aletrja* = *aletria.* 6. *escorer* sôa *escorrer.* Ha no ms. outros exs. de *r* por *rr.* 7. *acuquar* sôa *açucar.* Ha no ms. outros exs. de *c* por *ç* (e *qua* é orthographia antiga por *ca).*

## XV

### Poesia religiosa

(SEC. XV)

Esta poesia, que, segundo creio, estava inedita antes da 1.ª ed. do presente opusculo, lê-se no fim de um codice do sec. XV, que pertenceu á Livraria de mão dos Monges de Alcobaça, e hoje se guarda na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Marcação bibliothecal: ant. 274-A / mod. 213.

Toda muy fermosa,
*Genitrix uirgo Maria,*
Es muy delectosa,
*Flos ortorum vite vja.*

5 Tu es exalçada
*Super choros angelorum,*
Muy glorificada
*Summa regina polorum*
*Cum decor[e] amorum,*
10 Vistida de ouro fim,
Mais que serafim,
*In excelsis gloriosa.*

Toda muj fermosa [etc.]

*Virgo singularis,*
15 Parayso deleytoso,
*Mater uirginalis*
De Christo e Deos poderoso:

---

9. No original lê-se apenas *decor.*

Sol tam radioso,
*Qui mundum illuminasti;*
*Celos innovasti,*
Tanto foste poderosa!

Toda muj fermosa etc.

*Virgo sublimata,*
Mais que cedro muj fermoso,
*Celis eleuata,*
Como aciprés gracioso,
Pomar frotuoso.
*Stella matutinalis,*
*Fonsque perennalis,*
De virtudes auondosa.

Toda muj fermosa etc.

*Oo stella maris,*
Porto de seguridade,
*Vera lux solaris,*
Lilio de castidade:
A vosa bondade
*Miseris est consolamem,*
*Pium confortamem,*
Mezijnha muy preciosa.

Toda muj fermosa [etc.]

---

4. No ms. *poderoso,* mas deve ser *poderosa,* como escrevo, porque o ultimo verso de cada estancia rima com os versos impares do estribilho. 20. No ms. *consolamẽ;* transcrevi com *-em,* e não com *-en,* como devia ser, porque no v. seguinte está *confortamem* por extenso. 21. No ms. *pia,* mas como concorda com *confortamen* (embora esta palavra sejá só do baixo-latim), dei-lhe a fórma neutra. 23. A palavra *muj* está em abreviatura.

# XVI

## Do Livro da montaria

(SEC. XV)

O *Livro* ou *Libro* [1] *da montaria* foi composto por el-rei D. João I, como se diz no prologo: «nós Don Joham.. rey de Por» tugal e do Algarue, señor de Cepta.. trabalhamos.. de fazer este » *Libro da Montaria*, en o qual á 70 capitulos divididos en tres li» bros ou partes». Tambem D. Duarte o confessa no *Livro de Ensynança de bem cavalgar*, pt. V, cap. 11: «el-rey meu senhor poẽ alguũs avysamentos no seu *Livro da montaria*», e num trecho do *Leal Conselheiro*, que adiante transcrevo.—Do que se leu acima vê-se que a redacção da obra é posterior a 1415, data da tomada de Ceuta (mas é anterior a 1433, anno em que morreu D. João I).

Do *Livro da Montaria*, ha um unico manuscrito, que é uma cópia feita no sec. XVIII ou XIX; existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde tem a marcação: $\frac{\text{ant. P-3-4}}{\text{mod. 4352}}$. Vid. a descripção d'elle em: Gama Barros, *Hist. da Administr. Pública*, I, 425-426 (nota 8); e Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses*, n.º 29, «As caçadas», 1.ª parte. Recentemente tiraram-se d'este manuscrito duas cópias, que estão em mãos de particulares.—O ms. da Bibliotheca Nacional moderniza um tanto o texto primitivo [2].

---

[1] No ms. está *Libro*, ou por influencia do lat. *liber*, ou porque o copista tomou por *b* o *v* do original. Todavia ha outras obras medievaes nossas com o titulo de *Libro*, por ex.: *Libro de Joseph ab Arimatia* e *Libro das Confissões*.

[2] O cod. no comêço diz: *Trasladado de um original de maom escrito en pergaminho que se achou na Libreria do Collego* (sic) *da Comp.ª de Ihs de Monforte de Lemos—pelo Bacharel Manoel Serrão de Paz este ano de mil e seyscentos e uinte e seys.*

No fim diz: *copiado fielmente* etc., e está assignado com um monogramma.

Como a lettra do cod. não é do sec. XVII, e o monogramma não corresponde ao nome que se lê no principio do cod., é claro que houve uma cópia feita no sec. XVII por Serrão de Paz, e que d'esta se fez outra no sec. XVIII

O trecho que aqui apresento é extrahido do cap. 15 «que falla » en como he pertencente aos monteyros, que aprazam, de saber co- » nhecer ». Limito-me a pontuár, e a emendar alguns erros (porque o ms. é defeituoso), o que indíco; a orthographia conservo-a.

Este trecho dá sufficiente ideia do estylo prolixo e sentencioso de el-rei, ao mesmo tempo que nos apresenta varios termos venatorios e nos transporta ao seio da sociedade medieval, em que « a caça era o desenfadamento usual dos reis, e, por consequencia, » dos fidalgos; e a do monte consideravam-na a mais nobre das di- » versões, porque reflectia, melhor do que nenhuma outra, a ima- » gem da guerra », — como diz Gama Barros, *ob. cit.*, I, 425.

## *Condições para bem «aprazar»*

Assi porque o homen non pode fazer nenhum bem sen. auer boo conhescer, he de força que os monteyros ajam en si boo conhescer; e en como quer que a todollos monteyros en geeral pertença auer boo conhescimento, — pera os que andam a busca compre mays, en muytas guisas.

E porque a primeira cousa que se ao monte[iro] requere assi é aprazar, e qualquer que apraza non pode bem aprazar se non ouuer boo conhescer, en como quer que muytos o saibam bem fazer, pero nós non leixaremos aqui de o escreuer, que os libros nunca forom feitos senom pera aquelles que non sabem e querem aprende[r], que aprendam por elles, — ou se o sabem, que o retenham;

---

ou começos do XIX (que é a actual), transcrevendo o novo copista a declaração expressa na primeira pagina pelo seu antecessor. Temos pois do nosso texto tres codices (sem contar as duas cópias mandadas tirar ultimamente): um do sec. XV, o primitivo, — pergaminho do Collegio dos Jesuitas de Monforte de Lemos, hoje perdido; um do sec. XVII, copiado por Serrão de Paz, tambem perdido; um do sec. XVIII ou XIX, que está na Bibliotheca Nacional, e que pertenceu ao conhecido bibliophilo Thomas Norton.

e porque o saber he en algũas cousas muy longo, e a memoria non poderia reteer *o que* podesse mays perfecto e tostemente achar sem escriptura per ella, por tanto [o] queremos aqui poer en este libro, ca teemos que todollos monteyros, ainda que saybam aprazar, non o saberam perfectamente.

Hora este conhescer devem de o saber os que andam a busca, ca o que a este jogo pertence assi he: conhescer os rastros huns dos outros e departi-los de que animalias son, e depois conhescer de que horas he aquelle rastro que uee pelas fresquidoões das terras e das herbas e do britamento dos paães e das outras cousas; des hi conhescer as cousas que os tempos fazem, que toruam aos monteyros de non poderem conhescer de que horas he aquelle rastro que quer aprazar; e compre de conhescer as cousas que os porcos fazem d'auiamento, per que os monteyros caaen en erro de non poderem aprazar; e deven de conhescer o monte que he azaado de seer o porco, e esto segundo o tempo en que quer aprazar; ainda á mister de conhescer as cousas que os demais dos porcos fazem quando se querem assentar.

En como quer que muytos monteiros ha hi que aprazam que non páraon mentes en como se pode filhar aquelle porco que assi tem aprazado, pero he-lhe necessario de saber conhescer de que guisa pode melhor filhar aquelle porco: ca assi en como tragem de costume nas casas dos reys que quemquer, ouvidor ou desembargador, que uee algum feito que d'elle haja de fazer relaçom, elle deue dizer primeiro o que lhe paresce d'aquelle feito que todollos outros que son en aquella relaçom: e assi deue dizer primeiro o que apraza en como se deue filhar

---

1. No ms. *alguas*. 2. No ms. *que o*. 23. *paraon* com *o* emendado; parece que antes esteve *param*. 27. No ms. *cazas*.

aquelle porco que assi tem aprazado, e por tanto lhe he mister de conhescer bem todallas cousas per que se deue a filhar melhor; ca pera esto bem saber fazer, compre conhescer como e en que lugar he milhor pera lhe poerem
5 a bozeria e en como lhe deue a fazer aquelle que a puser; e como á-de fazer depois que for posta, e tambem conhescer o lugar en que se ajam de poer as armadas, aquellas que son boas pera se filhar o porco: ca sen esto conhescer, o monteyro, qualquer que fosse, non poderia bem fallar
10 en estas cousas, quando lhe seu senhor preguntasse en como se pode filhar aquel porco que assi tem aprazado: e por esto lhe compre de se trabalhar de saber bem conhescer todas estas cousas.

## XVII

### Do «Leal Conselheiro»

(SEC. XV)

**Utilidade de lêr**

Do *Leal. Conselheiro* resta um unico ms., que está na Bibliotheca Nacional de Paris, n.º 7007: cf. Candido Xavier, nos *Annaes das scienc. e das lettras*, VIII (1820), 3 ss., e A. Morel-Fatio, *Catalogue des mss. port. de la Bibl. Nat. de Paris* (1881), n.º 1. Por esse ms. se fez a ed. de Roquete, Paris 1842 (sem o cap. 55; com o frontispicio reformado em 1854, e o acrescentamento do referido capitulo,— possuo um exemplar), e a ed. rollandiana, Lisboa 1843. O trecho que aqui publíco é extrahido d'esta última, p. 94, cap. 27; modifico a pontuação, separo por pontos ao alto as palavras que estão juntas (proclise), e faço outras alterações que indíco em nota.

O *Leal Conselheiro* foi redigido entre 1428 e 1437.

---

4. No ms. *poorem*. 5. No ms. *puzer*. 8. No ms. *este*.

E conssijrando que· os que leem, geeralmente reguardom a· estas fĩjs. s. Prymeira por acrecentar em uyrtutudes, mynguar em fallicimentos, prazendo por ello a· nosso Senhor, e alcãçar na uida presente e [na] que speramos o· que dá graciosamente aos que per ssa mercee lhes praz bem uyuerem. Segunda por contentamento que filhã do que sabem. Terceira por tal sciencia. Quarta por querer parecer sabedores. Quynta querendo algũa parte de tempo bem despender. Sexta, por semelhante, em leendo, antre·ssy ou a·outros, filhar prazer. E·a· mym parece, se afeiçom me nom torua, que os leedores d'este trautado, algũas d'ellas per el poderom percalçar; porem me praz de·o screuer.

E· ssemelhante o· muy excelẽte e uirtuoso rey, meu senhor e padre, cuja alma Deos aja, fez hũu *Liuro das oras de Sancta Maria*, e *Salmos certos por os finados*, e outro *Da· moontaria*. E·o iffãte Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado jrmãao, de· cujos feitos e uida muyto som contente, compôs o *Liuro da uirtuosa benfeituria* e as *Oras da confissom*. E· aquel honrrado rey Dom Affonsso, estrollogo, quantas multidoões fez de leituras? E· assy rey Sallamom, e outros na ley àtiga, e d'outras creenças, seendo em real estado, filharom deseio e folgança em screuer seus liuros, do que lhes prouue, os quaaes me dam, pera semelhante fazer, nom pequena autoridade. E· porém nom entendo que seia occiosidade, mes remedio pera tirar d'ella mym e os outros que per este trautado quyserem leer ou semelhante screver, nom

---

4. A ed. de que me sirvo tem *presente que speramos;* Roquete, ed. de 1854, p. 169, tem *presente e que speramos*. Deve evidentemente corrigir-se como fiz; cf. a mesma expressão no cap. 88: *na presẽte vida e na que speramos*, que vem a p. 418 da ed. de Roquete, e a p. 278 da de que me sirvo. 7. As edd. tem *filha*, mas o sentido pede *filhã*. 19. As edd. tem *compoz;* mas o uso da epoca pede *-s*.

se toruando por ello do que hamde· obrar, como, graças a· nosso Senhor, eu faço.

## XVIII

### Poesias lyricas

(SEC. XV)

Estas poesias vem no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rèsende (sec. XV e começos do XVI). A *editio princeps* do *Cancioneiro* é de 1516, Almeirim-Lisboa; os exemplares são hoje muito raros. Ha nova ed., 1840-1852, 3 vols., feita por Kausler em Estugarda (Stuttgart). O Sr. Archer M. Huntington, de Nova-York, reproduziu magnificamente em 1904 a 1.ª ed. em *fac-simile,* regulando-se por um exemplar d'essa edição, existente na sua livraria; á sua generosidade devo a posse de um dos exemplares reproduzidos, e é d'elle que me sirvo aqui.

Do *Cancioneiro* de Rèsende ha um substancioso estudo da Sr.ª D.ra D. Carolina Michaëlis no *Grundriss der roman. Philologie,* II-II, 264 sgg., onde se citam quasi todos os trabalhos publicados a respeito do *Cancioneiro* até 1897. Apesar dos meritos da ed. de Kausler, torna-se necessaria outra edição, já porque os exemplares d'aquella não se encontram facilmente á venda, já porque hoje a philologia tem outras exigencias que não tinha nos meados do sec. XIX; na *Zeitschrift für roman. Philolog.,* XVII, 113 sgg., publicou o Sr. Prof. Epiphanio Dias muitas e importantes correcções ao texto, que tem de ser utilizadas por quem reeditar o *Cancioneiro.* Os Srs. Julio de Castilho e Anselmo Freire deram a lume em 1900 uns *Indices* (onomasticos) do Cancioneiro de Rèsende e das Obras de Gil Vicente; infelizmente em edição tão limitada, que rarissimas pessoas os poderão consultar. O Sr. Anselmo Braamcamp Freire começou a publicar no *Jornal do Commercio* uma interessante serie de artigos historico-biographicos a respeito dos poetas do Cancioneiro; tenciona reproduzi-los com muitas ampliações e modificações na *Revista Lusitana.*

As poesias que transcrevo, correspondem no *fac-simile* respectivamente ás fl. 46 r., 51 v. e 85 v., e na ed. de Kausler respectivamente ao vol. I, p. 354 e 399, e vol. II, p. 153.

### 1—De Duarte de Brito

Que dias tam mal gastados!
que noytes tã mal dormidas!
que sonos tam desuelados!
que sospiros e cuydados!
5 que tristezas tam sentidas!
Que lembrança! que pesar!
que dor e que sentimento!
que gemer! que sospirar!
que males pera chorar
10 dentro em meu coraçam sento!

Sento sempre meu desejo
encontra de mym esquyuo;
sento tanto mal que vejo,
meu cuydado tam sobejo
15 que nam sam morto nem viuo.
Sento çerta minha morte,
sento nam ver minha fym,
sem ver bem que me conforte;
sento pena de tal sorte,
20 que nam sey parte de mym.

Vós, meu nojo e meu prazer,
meu pesar e minha groria,
meu desejo e meu querer,
vela de minha memoria,
25 descansso de meu viuer,

---

6. Na ed. de Stuttgart lê-se *lembranças;* mas no ex. que da 1.ª ed. existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa está *lembrança,* como no ex. do sr. Huntington.

Desamor de meu amor,
quem meu bem e mal ordena,
meu prazer e minha dor,
meu descansso, minha pena,
5 meu fauor e desfauor,

Minha morte e minha vyda,
meu bem e todo meu mal,
minha doença sentida,
minha doença, e ferida
10 de minha chaga mortal,
Meu desejo e saudade,
de meus males galardam,
tormento sem piadade,
doçe coyta da vontade
15 do meu triste coraçam:

A memoria enganada
de meus tristes pensamentos
anda chea, desuelada,
em lagrymas muy banhada,
20 com grã força de tormentos
E contínua tristura
com que ando sospirando
com voz chea d'amargura:
—s'algum bem me daa ventura,
25 m'o tyra[y]s desesperando!

---

25. No texto *tyras;* emendei em *tyra*[*y*]*s* por causa do *vós* da 3.ª estancia.

FYM:

Dam a fee de meus gemydos
as lagrimas piadosas,
do que sentem meus sentidos,
dos secretos escondidos,
5 de minhas coytas dorosas.
Cada dia, cada ora,
assy ando d'esta arte,
de meu sentido tam fóra,
como quem canta e chora,
10 que nam sabe de ssy parte!

### 2—De D. João Manoel

Ouve vê e calla,
e viverás vida folgada.
Tua porta çerrarás,
teu vezinho louuarás,
15 quanto podes nam farás,
quãto sabes nã dirás,
quãto ves nã julgarás,
quãto ou[v]es nã crerás,
se queres viuer em paz.
20 Seis cousas sempre vê
quando fallares, te mando:
de quẽ fallas, onde e quê
e a quem, como e quando;
nũca fyes, nem perfyes,
25 nem a outro enjuries;

---

3. No texto *de*. 18. No original *oues*; emendei em *ou[v]es*, porque no v. 16 ha *ouve*.

nõ estês muyto na praça,
nem te rryas de quem passa;
seja teu todo·o que vestes,
a rrybaldos nam doestes;
5 nam caualgarás em potro,
nẽ ta molher gabes a outro;
nom cures de ser picam,
nẽ trauar contra rrezam.
Assy lograrás tas caãs
10 cõ tuas queixadas saãs.

### 3 — Vilançete do conde de Vymioso

Meu bem, sem vos ver
se vyuo huũ dia,
vyuer nam queria.

Caland' e soffrendo
15 meu mal sem medida,
myl mortes na vyda
synto nam vos vendo;
e poys que vyuendo
moyro toda vya,
20 viuer nam queria.

## XIX

## Extracto da «Chronica de D. João I»

(SEC. XV)

A *Chronica d'el-rey D. João I* de Fernão Lopez (sec. xv) é-nos conhecida por dois textos, emanados directa ou indirectamente de um primitivo, hoje perdido: um d'elles foi impresso, pela primeira

vez, em Lisboa em 1644 [1]; o outro conserva-se manuscrito na Torre do Tombo no cod. chartaceo n.º 353, copiado em 1532 por Alvaro do Couto. O trecho que transcrevo aqui é extrahido d'este codice, fol. 186 v.; corresponde na lição impressa á 2.ª parte, p. 300 (cap. 137). Para commodidade da expressão, chamo A á lição ms., e B á impressa [2].

Da comparação que fiz das duas lições do meu trecho, vejo que não só os dois textos não coincidem absolutamente um com o outro, mas que a lingoagem de B foi bastante modernizada, tanto na phonetica propriamente dita, como na orthographia, embora contenha alguns archaismos, e que a lingoagem de A, comquanto mais fiel ao que, naquelles dois sentidos, devia ser o texto primitivo, contém alguns modernismos, i. é, seiscentismos; os modernismos de A coincidem em parte com os archaismos de B.

Para a constituição do texto que apresento, procedi assim: segui A, substituindo-o por B, quando a lição d'este é melhor, o que indíco em nota (tambem dou em nota algumas variantes de B); desfiz as abreviaturas, excepto, por ser systematica, *Royz* (ou *Rojz*) =*Rodriguez* (quando a solução das abreviaturas possa causar dúvida, offereço em nota a lição ms., como *R*ª, susceptivel de se resolver em *rainha* ou *reinha*, fórmas ambas usadas no sec. XV: neste caso a frequencia de uma fórma fa-la-ha preferir á outra); substitui por lettras maiusculas as iniciaes dos nomes proprios, quando escritos com lettras minusculas; emendei os erros, o que igualmente indíco em nota; pontuei á moderna.—É provavel que, se eu houvesse de fazer uma edição critica da chronica (tenção que não tenho), introduzisse ainda outras modificações; mas para o meu intuito bastam estas por agora.

---

[1] A *Bibliotheca dos Classicos Portugueses* fez nova ed., cujo 1.º vol. é de 1897.

[2] O codice da Torre do Tombo está sendo publicado pelo Sr. Braamcamp Freire, ás folhas, em appendice ao seu valiosissimo *Archivo Historico Português*.

*Como El-Rey ffoi çerqar Campo Mayor*

Partyo El-Rey de Monçom, e veo-se a Lixboa, e leixou hij a Rainha, por hir çerqar Campo Mayor, hũu bõo logar de sseu Reyno antre Tejo e Odiana, que tijnha vooz d'El-Rey de Casteella. E estaua em elle por alcayde
5 Gil Vasquez de Barbudo, primo do meestre Dom Martinhannes, e elle em Estremoz com suas jentes, hu chegou o primeiro dia de setenbro, e o comdestabre com elle.

Ouue comselho de çerqar primeiro Ulyuença, que tinha Pero Royz da Ffonsequa, mantendo vooz de seus
10 ymygos; Pero Rojz, qoando esto soube, que se queria ir lançar sobr'elle, ffez-lhe ssaber que queria ser seu, e ffazer menajem do logar. E El-Rey mandou laa Afonsso Vasquez Correa, comemdador d'Orta Lagoa, e Gonçalo Lourenço, seu escriuão da purydade, pera afirmarem
15 com elle o que lhe enuyava dizer; e ffeitos taees prometimentos, sem vontaade de os assy goardar, tornaran-se a El-Rey os que assi la fforam.

E elle partio logo, e ffoy çerqar Canpo Mayor, e chegou ssobre o lugar quinze dias do dito mes. E ja-
20 zemdo asy sobre elle, o iffante Dom Joham, que amdaua em Casteella, se veo a Ulyuença, e Pero Rojz o reçebeo na vila, e ffaleçeo da verdade que prometera a el-rey, ca elle nom ffezeera aquelo, senom pelo toruar de se nom ir lançar sobre elle.

25 E em esto veo-sse a Badalhouçe muyta jente com ho

---

1. A *monçãao, R*ª. 5. B *Barbuda.* 5, 6. B *Martim Annes.* 6. A *homde* (em vez de *hu).* 9. Entenda-se *tiinha.* 10, 11. A phrase *que se queria ir lançar sobr'elle,* que vem em B, falta em A. 12. B tem *Alvaro* em vez de *Afonso.* 15. A *E que.* 16, 17. Entenda-se *tornaron, forom.* 23. A *não, senão* (bis). 25. A *com muyta jente* (o *com* é de mais; B não o tem).

meestre de Santiaguo e de Calatraua, e todo Amdaluzia. Martim Affonsso de Meello ouuyo dizer da vymda d'estas jentes, e por ser d'ello çerto, partio do aRayal á mea noute, e ffoi-se lançar em çelada hũa legoa de Bada-
5 lhouçe; e como veo a alua posse-sse em atalaya, e em amanhecendo vyo vir atee oytenta de caualo, que sahirom de Badalhouçe, e fforom ver o aRayal, e tornauom-se: e ffoy a elles de Rosto, e começarom de ffojir; e de-Ribarom algũu d'elles, e os outros se colherom a Bada-
10 lhouçe; e aquelles que deRibarom trouue presos a El-Rey, a que prouue muyto, porque d'elles soube nouas certas das jentes que lhe Martim Affonso disera que estauom nas frontarias, que erom ata duas mjl lamças.

## XX

### Dialogo em verso

(SEC. XVI)

Do *Auto da Feira,* de Gil Vicente, representado em 1527. A *editio princeps* das *Obras* de Gil Vicente é de 1562; depois d'isso foram impressas varias vezes. Sirvo-me do exemplar (mutilado) que da 1.ª ed. existe na Bibliotheca Nacional de Lisbôa, fol. XXXIIII *v.* —Das edições subsequentes a mais seguida é a de Barreto Feio & Gomes Monteiro, Hamburgo 1834; mas sobre o valor d'ella vid. o que escrevi na *Rev. Lusitana,* VIII, 63 ss. Este trecho corresponde nessa ed. ao vol. I, p. 167.—Ultimamente appareceu mais um auto com o nome de Gil Vicente, que, posto que já impresso, não era conhecido; foi reproduzido em optima ed. pelo Sr. Conde de Sabu-

---

3. A *m*ª; B *meia.* Adoptei *mea,* corrente no sec. XV. 6, 7. A *sayrão, forão.* 7, 8. A *tornauãsse, começarão;* B *rostro.* 9. A *derribarã, colherão.* 10. A *derribaram.* 12, 13. A *dissera, estavão, erão, atee;* B *fronteiras.*

gosa com o titulo de *Auto da Festa,* Lisboa 1906.—A respeito de Gil Vicente ha muitas monographias e artigos; os principaes trabalhos são mencionados no citado livro do Sr. Conde de Sabugosa, p. 20-23. —Posteriormente aos trabalhos citados, começou a publicar nova ed. das *Obras de Gil Vicente* o Sr. Dr. Mendes dos Remedios: sahiu por ora o tomo I, Coimbra 1907, de LIX-401 paginas. A respeito d'ella publicará um artigo na *Rev. Lusitana* o Sr. J. J. Nunes.

*... entram dous lavradores, hum per nome Amancio Vaz, e outro Denis Lourenço, e diz*

AMANCIO VAZ:

Compadre, vas tu aa feyra?
DENIS: Aa feyra, cõpadre. AMÃ.: Assi?
Ora vamos eu e ti
Oo longo d'esta ribeyra.
5 DENIS: Bofá, vamos. AMÃ.: Folgo bẽ
De te vir aqui achar.
DENIS: Vás tu laa buscar alguem,
Ou esperas de comprar?

AMANCIO VAZ:

Isso te quero contar,
10 E yremos patorneando,
E er tambem aguardando
Pollas moças do lugar.
Compadre, enha molher
He muyto destemperada,

2. No texto não ha ponto de interrogação no fim do verso, mas o sentido pede-o.

E agora, se Deos quiser,
Faço conta de a vender,
E da-la-ei por quasi nada.
Qu'eu quando casey com ella
5 Diziã-me: — hétega he.
E eu cuydei polla abofee
Que mais cedo morresse ella,
E ella anda inda em pee!
E porque era hétega assim,
10 Foy o que m'a mim danou:
Auonda qu'ella engordou,
E fez-me hétego a mim!

DENIS LOURENÇO:

Tens boa molher de teu.
Nam sei que tu has, amigo...
15 AMÃ.: S' ella casára com tigo,
Renegáras tu com' eu,
E dixeras o que eu digo...

## XXI

## Poesias lyricas

(SEC. XVI)

Das *Poesias* de Francisco de Sá Miranda, ed. critica de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle 1885, p. 15 e 17. Sigo o texto apurado, sem as variantes; só me afasto em alguns casos, no que toca á pontuação e orthographia.

### 1 — Cantiga VII

Comigo me desavim,
No estremo som do perigo:
Não posso aturar comigo,
Nem posso fugir de mim.

5 Com dor, da gente fugia,
Antes que esta assi crecesse;
Agora já fugiria
De mim, se de mim podesse.
Que meo espero ou que fim
10 Do vão trabalho que sigo,
Se trago a mim comigo,
Tamanho imigo de mim?

### 2 — Vilancete II

Que mal avindos cuidados
Me tomárão antre si!
15 Nunca tais cuidados vi!

A minha alma não repousa
Nem de noite nem de dia:
Dentro nela contraría
Toda cousa a toda a cousa.
20 O cuidado que mais ousa,
E que mais confia em si,
Ora é assi, ora assi.

---

8. Adopto *podesse,* d'accordo com a 1.ª ed. (1595), fl. 150 r., e não *pudesse,* como está na ed. de que me sirvo. A fórma *podesse* lê-se noutros lugares d'aquella ed., por ex. a fl. 150 v.

Que me quer este receo
Sobre tantos meus agravos?
Tem-me tomados os cabos,
E os males meus não tem meo.
5 Já não confio nem creo,
E ja confiei e ja cri,
Mal assi e mal assi.

Se esperanças inda i houvesse
Que por tempos se faria
10 Que ũa ora me não temesse,
Isto me satisfaria;
Mas eu não sei por que via
Se possa fazer que assi
Não moura como vivi.

# APPENDICE

## Textos gallegos

(SEC. XIII A XVI)

Estes textos, que provém de um archivo da Galliza, foram copiados, e a mim offerecidos, pelo Sr. D. Andrés Martínez Salazar, douto archivista da Corunha. Apparecem aqui publicados pela primeira vez. Na transcripção d'elles, modifico a pontuação, separo as palavras que estavam juntas (pondo um traço antes das encliticas, e um ponto alto antes das proclitieas), uso alguns accentos, adopto lettra maiuscula como inicial dos nomes proprios, e faço ainda outras leves alterações que indíco nos seus lugares.

Para mais facil leitura, noto d'antemão o seguinte:

1) A consoante palatal-nasal (port. *nh*, francês e ital. *gn)* ora é representada por *ñ*, como na ortographia hespanhola moderna, ora por *nn*, ora por simples *n*, ora por *gn*, ex.: *poño* (tambem *põno)*, *cunnuçuda* = cuñuçuda, *quinon* = quiñon, *pogno* = poño [1];

2) a consoante palatal-lingoal (port. *lh*, hesp. *ll*, ital. *gl)* ora está representada por *ll*, como na ortographia hespanhola moderna, ora por simples *l*, ex.: *fillo*, *moler* = moller.

3) *ll*, além de representarem a consoante palatal-lingual, como fica dito, ora valem por simples *l*, ora correspondem aos *-ll* antigos

---

[1] Como é sabido, *ñ* representa na origem *nn*, sendo o til abreviatura de um *n* sobreposto.

portugueses que representam *l* gutturalizado [1], ex.: *aquelles*=aque[illegible]les, *mill;*

4) o til sobre uma vogal representa várias abreviaturas, po[illegible]r ex.: *ãnos*=annos (anos), *bẽ*=ben;

5) *j* vale por *i* em *auja*=avia, *firmj*=firmi;

6) *z* e *ç* alternam entre si: *raçon, zapateiro;*

7) *ss* vale por *s* intervocalico em *quisser*=quiser, *cassal*[illegible]=casal,—do mesmo modo que *ff-* vale por *f-* em *ffoy* a par de *firmj* [illegible]*j;* inicialmente tambem se usa *rr*, ex.: *rrogo,* a par de *Rey;*

8) No documento n.º 6 ha varios castelhanismos, por elleser d[illegible]de epoca tardia, ex.: *abad, del, en uno, lo, la, lamamento*=llamamiento[illegible]o, *fijos, nyetos*=nietos, *conuene*=conviene, *Salsero*=Salseiro, *es* «é[illegible]».

Na *Rev. Lusitana,* VI, 261 ss., publicou o Sr. Pedro d'Azeved[illegible]do importantes observações sobre a ortographia gallega medieval[illegible]al.

## 1—Titulo de venda

(ANNO DE 1275)

In dei nomine. Amen. Conuçuda cousa seia a quan[illegible]n-
tos esta carta viren e oyren como eu Eluira Iohannis[illegible]s,
filla que ffoy de Iohan Suarez, de Lanbre, por mĩ e po[illegible]r
toda mjña voz, vendo e firme mente outorgo a uos Iohan[illegible]n
5 Suarez, d'Escanoy, e a uossa moler Tareyja Ouequiz e a[illegible]a
uossa uoz que a uos plouger, por xviij.º soldos, moneda[illegible]
de affonsiis blancos, onde bẽ sóó pagada, quanta herdade[illegible]

---

5. No texto lê-se *T.ª*, que transcrevi por *Tareyja,* porque assim se lê em um doc. do mesmo anno, e referido á mesma pessoa, nos *Documentos Gallegos* de Martínez Salazar, pag. 67: «a'nos Iohan Suarez d'Escanoy et a'nossa moler *Tareyja Ouequiz*». Noutro doc. o nome da mesma pessoa vem transcrito com *g (Tareyga):* ibidem, pag. 53. 1. Na phrase *a uossa uoz* poderia *a* estar por *aa* (crase), pois noutros documentos, *loc. cit.,* pag. 66, etc., lê-se: «e *áá' voz* do rey»; mas em muitos está simplesmente *a.* Os accentos nos *áá* indicam apenas duplicação da vogal, e não *ictus.* 6, 7. No texto está *mõn de*

[1] Vid. *Revista Lusitana,* I, | 64.

e uoz eu ayo e auer deuo por uoz de meu padre, ya d(i)to, en todá·á fíglesia de San-Tiso d'Anbroa e en Escanoy, assi chantada cõmo por chantar, a·montes e a·fontes, e todas suas pertíínças e dereyturas: que a ayades e pesuyades en jur d'erdade, e toda uossa uóóntade d'ella façades, uos e todos aquelles que pos uos uéérẽ, en uossa uoz, por ya mays.

E se algũ da mja parte ou da estraya contra esta carta de uendiçõ a·deromper uéér, seia maldito atra vij.ª jéérаçõ; e quanto cóónar a uos ou a uossa uoz, tanto dobre; e a·uoz do senor Rey e a uosa, de por·meo, peyte xxxvi soldos d'usal moneda; e a carta remana sempre ffirme en reuor por ya mais.

Feyta a carta de vendiçõ iii dias de Março, era de mill e ccc e xiii ãnos. Reynaua Rey nosso don Affonso en Cast(e)lla e en Leon.

Et eu ya d(i)ta uendedor outorgo a·ffazer de paz esta dita uendida por mj e por todas mjas boas, assi mouil cõmo rayz.

Ts.: Méém Diaz, alcallde. Pay' Suarez, de Parada.

---

*Affoñ.* Mas noutros documentos lê-se *moneda,* por ex. adiante, no doc. 5, e nos *Docc. Gall.* de Salazar, pag. 68, 72, 83 (duas vezes), a par de *moeda,* ibidem pag. 55, 63, 74, etc.; o *n* póde representar a nasalidade do *o (mõeda* < lat. m o n e t a). — Transcrevi *Affoñ* por *affonsiis,* porque esta fórma se encontra, assim por extenso, noutros textos, como me informa o Sr. Martínez Salazar. Nos *Docc. Gall.* do mesmo Sr. lê-se muitas vezes *alfonsiis,* por ex. a pag. 55, 63, 74; lê-se *alfonsijns* a pag. 87. É a estas ultimas fórmas que corresponde a abreviatura *alffõn,* que ahi se vê, por ex. a pag. 85 e 88. 2. No ms. *Santiso.* 9, 10. *atra vij.ª jéérаçõ.* São numerosos os exemplos de *atra* não seguido de artigo, como aqui; mas tambem se encontra nos *Docc. Gallegos,* por ex. *atana septima géérаçom* pag. 61 (= *ata ẽ na), atroena vij gearaçõ* pag. 66 (cf. pag. 97, etc.). Tambem se encontra *en* sem artigo, por ex.: *seya.. maldita en septima géérаçõ* pag. 101; *sseya.. maldita en setema geraçon.* 12. No texto *mõn.* Vid. a nota 72, 6.

Pedro Martiz Bardanca. Roy Iohanes, d'Oure. E outros moytos que o uiron e oyron.

Et eu Pedro Pelaez, notario publico d'el-Rey na pobra da Ponte d'Eume, presente ffoy e escriui e conffirmo
5 e pogno meu nome e meu signal.

*(Lugar do signal)*

## 2—Titulo de venda

(ANNO DE 1286)

Cunuçuda cousa seja cõmo eu Maria Martiz, ffilla que ffoy de Martin Perez, o Cappelan, que ffoy fillo de Maria Froyaz, que ffoy d'Anbroa, por mj̃ et por toda mina uoz, a·uos Lopo Nunez, ffrade de Monffero, en nome
10 do moesteyro et do conuento de Monffero, uendo-uos por sempre as duas quintas de quanta erdade mjna auoa, ya dita Maria Froyaz, auja et diuia por auer en·toda a ffijgrisia de San Tisso d'Ambroa, de montes a·ffontes, por·u quer que uáá, por quaraenta soldos alfonsiis da
15 guerra, de que me outorgo por bẽ pagada, et outorgo, per mj̃ et por todas mjnas boas, de·uos fazer esto, que uos uendo, de paz, pela erdade que ayo en Vilousaz, et por todas mjnas boas. Et que esto seja firmj por sempre, mando-uos ende ffazer esta carta pelo notario de Villa
20 Alua, .xv. dias de Deçenbro era de mill et ccc. et xxiiij. ãnos.

Testemoyas: F. Martiz et Pedro Nouo, alcaldes de Villa Alua, et Pedro ..ãna, et Martin Johannis, zapateyro, moradores de Villa Alua.

25 Eu Pedro Nouo, notario de Villa Alua, fiz esta carta por rrogo das partes, et fiz y este meu signo.

*(Lugar do signal do notario)*

### 3 — Titulo de venda

(ANNO DE 1299)

Sabam quantos esta carta uirẽ cõmo eu Maria Johànnes, do Caruallar, moller de Pedro Johannes, dito Melles, que ffuj, por mj̃ et por mĩa uoz, vendo a·uos Vermũ Perez, de Leyro, et a·uossa uoz, por duzentos soldos d'alffonsiis da guerra, que de uos Reçebj, de que bẽ soo pagada, a· meadade de toda quanta herdade eu ey et a·auer deuo por uoz de meu padre Johan Çacoto, que ffuj fillo de Maria Caruallìça, ẽna uoz do condado, en toda a·ffijglesia de San Saluador de Moesteyro, qual uos outorgo a·ffazer de paz por mj̃ et por mĩas boas; et se alguẽ da mĩa parte ou da estraya a·uos contra isto quísser passar, mĩa uoz lle tollo, et seia maldito, et peyte aa·uoz d'el-Rey et aa· uossa, de por medeo, por pena, L.ª mors. d'usal moneda, et a·carta ffique ffirme para senpre.

Ffeyta IX dias de Janeiro. Era de mill et CCC et XXXVIJ ãnos.

Ts.: Pedro Eanes, clerigo de Moesteyro. Johan Perez, de Leyro, uizĩno de Betańços. Pedro Mançebo, escudeyro.

Eu Affonso Lourenço ffuj presente et escriuj por mandado de Martim Miguelez, notario.

Eu Martim Miguelez, notario publico d'el-Rey en Betanços, en esta carta que Affonsso Lourenço escriuiu por meu mandado põno meu sinal et confirmo.

*(Lugar do signal do notario)*

---

14. *mors*=*moravedis.* 18. No texto *Eãns*, como tambem se lê nos *Docc. Gall.*, pag. 96, a par de *Eans*, pag. 98; mas ibiden, pag. 98 e 103, lê-se *Eanes*, e a pag. 114 *Anes*. Em *Eãns* o til indica abreviatura.—Sobre a origem d'estas fórmas vid. *Rev. Lusit.*, X, 164-165.

## 4 — Titulo de emprazamento

(ANNO DE 1364)

Era de mill et quatroçentos et dous ãnos, noue dias de Setenbro.

Connuçuda cousa seia a·todos cõmo nos Don Ffrey Pedro Martiz, abbade do moesteyro de Monffero, et o· conuento do dito moesteyro damos et enprazamos a·uos Johan da Rriba et a·Fernan do Rrio, en senllas meatades, por estes quinze ãnos primeyros que uẽen, hũus apus outros, aquel cassal que chaman do Porto-do-Rrio et o outro casal de Cerquido, que son en ffiglisia de San-Tiso d'Anbrõa, con todos seus jures et herdamentos et con a·outra herdade que o dito moesteyro a en Çerquido, por tal pleito et condiçon que ffaçades as cassas et as moredes por uos et que dedes ao dito moesteyro en cada hũ ãno a·terça do que y laurardes, et nos que uos demos hũ boy a·cada hũ, e a semente, segundo o·quinõ que nos dades, e uos que ffaçades a·dito abbade o·seruiço et fforos cada hũ ãno, segundo huso et custume de parçeiros, et que non seiades y amos nen uassalos nen seruiçaes d'outro njhũ senon do moesteyro, nen uezjños de persona, nen de concello.

Et nos, os ditos Johan da Rriba et Fernan do Rrio, todo-o asy outorgamos. Et qual quer das partes que contra esto passar peyte aa·outra parte et aa·uoz del-Rey, de por·meo, por pena, çen morauedis. Et esto ffique ffirme no dito tenpo. Et que seia çerto, mandamos ende ffazer

---

10. No ms. *jũrs*, mas noutros textos, por ex. nos *Docc. Gall.* de Martínez Salazar, pag. 56, *jures;* vê-se que o til é abreviatura. 19. No ms. *pna*. A fórma *persona* é corrente.

dous prazos partidos por *a b c*, tal hũ cõmo outro ffeytos por Johan Eanes, notario, ffeytos no dito moesteyro.

Testemoyas: Fernan Xordo, morador en Vilar Gestoso Johan Martiz, dito Bonome. Pedro da Cerqua. Et outros.

Eu Johan Eanes, notario publico d'el-Rey nos coutos de Monffero et de Pruços et de Mjnofferral et de Feães, a·esto ffuj presente et escriui et poño y meu signo.

*(Lugar do signal)*

Et o·qual casal do Porto do Rrio he ffijglesia de Santiago de Villa Mateu; et non lle enpeesca por que uay escrito so o·signal, que ffuj erro.

### 5 — Titulo de venda

(ANNO DE 1450)

Saban quantos esta carta virẽ cõmo eu Afonso da Vila, morador en Mjño, por mj̃ et por toda mjña voz, vendo para sènpre a vos Dõ Frey Lopo Garcia, abade do moesteyro de Santa Maria de Monfero, para vós et voso moesteyro et monjes e conuento d'el, aquela mjña leira de vyña, cõ sua herdade en·que ela está, que jaz ẽna chousa do Seyxo, friglesia de Santa Maria de Mjño, cõmo testa, por fondo, da vjña de Roy de Mjño, et por çima, da vyña de Lopo de Myño, et da outra parte, da vyña de vos o dito conplador, et da outra parte, da vyña
5 de Pedro de Vilar: a·qual dita vyña d'ontre as ditas devysões vos vendo por preço et contia de quatro çentos et oytenta mrs. de moneda vella branca en· tres dineyros,

---

22. *mrs.* = *moravedis.*

que de uos receui. de que me outorgo por ben pagado et
renũçio. a exceçõ do aber nor contado. nẽ visto nẽ recebido: a qual dita vyña et herdade d'ontre as ditas deuysões vos outorgo de fazer de paz. a todo tempo, de todo
5 embargo. por mj et por meus bẽes. so pena do dobro da dita contia. Et a carta fique firme para sempre.

Feyta en Myño. vijnte et quatro dias de janeyro, año do nasçemento do nosso señor Ihesu Christo de mjll et quatro centos et çinquoenta años.

10 Ts.: Lopo de Myño: et Pedro de Vilar, notario: et Fernã da Rigeyra. — moradores en Myño: et outros.

Eu Juan Lopez, notario publico por Roy Freire d'Andrade ẽno couto de Myño et Vemantes et en todas-las outras suas terras, a esto que sobre dito he presente
15 foy et poño y meu nome et sygnal.

*Lugar do signal.*

## 6 — Fragmentos de um título de aforamento [1]

(ANNO DE 1501)

Saban quantos esta carta d'aforamento vyren cõmo Don Frey Gregorio, abad del mosteyro de Santa Maria de Monfero, en uno con Frey Rodrigo de Bustamante, prior, e Frey Pedro de Paceos, e Frey Juan do Porto e

---

[1] Por causa da sua grande extensão, não transcrevo na integra este titulo ou carta. Os documentos da epoca são demasiado [illegible] *la curia habia inventado ó resucitado fórmulas y repeticiones, a fin de escribir más y cobrar más*, diz-me com viva ironia um amigo meu de Hespanha.

Frey Gregorio, monjes do dito mosteyro, sendo todos juntos en noso cabydo, segundo que lo auemos de uso e de custume, e por lamamento de căpă tangida, outorgamos e conocemos que aforamos e damos en foro e por foro a
5 vos Afonso Salydo, vyziño de Miño, e vosa muller Mõr Salyda, por vosas vydas, e fijos e nyetos, conuene a saber que vos aforamos a nossa ardade e tereo de Salsero, que es syto ẽna flygisya de Santa Maria de Miño, como testa de una parte no Iuncal e de la outra del camino
10 antiguo e de la outra enl Iuncal....

....foy feyto e outorgado ẽno Mosteyro de Santa Maria de Monfero á xii dias do mes de Outubre do año do nascemento de noso Señor Ihũ Xpõ de mill e quynentos e un años....

---

1. No ms. *G.*° 7. *tereo* = terréo. 10. No ms. *antigou* (= castelh. *antiguo). enl* = en el (castelhano).

# ANNOTAÇÕES

# ANNOTAÇÕES

Os primeiros textos extensos, escritos em português, datam do sec. XII [1]; mas já em muitos documentos latino-barbaros, do sec. IX em diante, transparecem palavras que podemos considerar portuguesas [2]. Até meados do sec. XVI (Gil Vicente, Sá de Miranda) a lingoa apresenta caracteres grammaticaes, estilisticos e lexicologicos que a separam da lingoa dos tempos subsequentes.

Como caracteres grammaticaes, temos, por exemplo:

a) Na **phonetica**—distincção entre *s* e *ç*, e entre *s* intervocalico e *z*; differença entre *ch* e *x*; uso de *-om*, correspondente ao moderno *-ão*, em fórmas da 3.ª decl., como *sermom, açom*, e em terminações verbaes como *quiserom, amárom, ouverom*, onde em latim havia -unt; hiato entre vogaes que depois se contrahiram, como *caente, creer, geeral, poboo* (syncope de consoante: cadente-, credere, generale-, populu-); manutenção de nasalidade que posteriormente desappareceu ou fez desenvolver novos sons,

---

[1] D'este seculo possuimos dois documentos datados: um, de 1192, que vem em J. Pedro Ribeiro, *Dissert. Chron.*, I, 275-276, reproduzido por mim, conformemente ao original, nos *Bausteine zur Romanischen Philologie* (Festgabe für Adolf Mussafia), Halle 1905, pag. 677; outro, de 1193, que transcrevi acima, pag. 13-14. Além d'isso, ha mais um do reinado de D. Sancho I (1185-1211), sem data: dou d'elle um fragmento supra, pag. 14-15. A respeito de poesias presumivelmente do seculo XII, vid. esta obra, pag. 16-17.

[2] Cf. supra, p. 9-13.

como *tẽer* <tenere (hoje *ter), pessõa* <persona (h. *pessoa), vĩo* <vinu- (h. *vinho), Eidãya* <Egitania (h. *Idanha);* grupos ou digraphos, *eo* e *ea,* onde *e,* por ser tonico e pre-vocalico, se ditongou depois, como em *creo, meo, cea* (mais ant. *cẽa* <cena), hoje *creio, meio, ceia;* terminação *-vil* ou *-bil,* hoje *-vel,* como *razoavil* e em Camões ainda *terribil* (por influencia do lat. terribilis).

b) Na **morphologia**—a já citada terminação *-om* nos verbos, e além d'isso *-des* na 2.ª pessoa pl., como *amades, devedes, fugides,* terminação ainda agora conservada quando o *d* está precedido de nasal *(tendes, vindes),* e em outras circumstancias; participio em *-udo* na 2.ª conjug., como *recebudo* (hoje *recebido), teudo* (hoje *tido),*—terminação ainda agora conservada no substantivo commum *conteudo* e no appellido *Temudo* (por *temido),* que é erro escrever com *h;* fórmas verbaes, como *som* «sou», *sia* e *siia* (de *seer* <sedēre), *estê* <ste(m) e ste(t), *arço* <ardeo, *senço* <sentio, *fezeste* <fecisti, *querria (quereria),* e preterito em *-i,* como *púgi* <posui, *quiji* <quaesii; participio do presente em *-nte,* por ex.: *temente, amante* (h. *temendo, amando* —propriamente gerundios); nomes uniformes em *-nte, -or* e *-ês,* como *infante* (m. e f.), *senhor* (m. e f.) e *português* (m. e f.); distincção entre pronomes atonos ou conjunctos, e tonicos ou absolutos *(mha senhor* «minha senhora»); fórmas pluraes como *ourivezes* (h. *ourives,* tanto no sing. como no pl).

c) Na **syntaxe**—variabilidade do participio na conjugação periphrastica, como *aver jurada,* e o pleonasmo da negação prèverbal, como *ninguem non levar.*

No estilo é notavel, por exemplo, o abuso da copulativa *e* na ligação das phrases, e a extensão e complexidade d'estas.

O lexico archaico é riquissimo: parte d'elle evolucionou e está representado na lingoa litteraria moderna, como se vê em *fẽestra* >*feestra* >*freesta* >fresta, *cooimha*=cooimia >*cooima* >*coima;* outra parte ficou circumscrita na lingoagem popular ou no onomastico, por ex.: *raer* >rer, *baselica* >Beselga; outra morreu totalmente, por ex.: *fĩir* >*fiir, mãer* >*maer.*

A respeito d'isto tudo veja-se a minha ed. do *Livro de Esopo,* Lisboa 1906, p. 59-121 (= *Rev. Lusitana,* IX, 5-67).

Devo advertir que no longo espaço que dura a lingoa archaica se podem estabelecer periodos secundarios, pois ha phenomenos que são proprios de um tempo, e outros de outro; mas não é agora occasião de tratar d'isso.

*Lingoa portuguesa archaica* é pois a que decorre desde o sec. IX, e mais particularmente desde o sec. XII, até o

sec. XVI; á phase que vai do sec. IX ao XII costumo chamar *português protohistorico* [1].

Dos nossos textos antigos ha duas classes principaes: documentos publicos [2] e obras litterarias. Os documentos publicos (titulos de compra e venda, testamentos, doações, etc.) são muito abundantes desde o sec. XIII, e sobretudo desde o XIV; grande parte d'elles estão publicados em collecções especiaes e periodicas [3], outros jazem ineditos em archivos [4]. Quanto á litteratura, se ella não é tão opulenta como outras romanicas; se nada possuimos comparavel ás epopeias castelhana e francesa, aos *fableaux* e á *Divina Comedia*; e se o nosso lyrismo trovadoresco fica um tanto inferior ao provençal: comtudo, apesar de sermos país pequeno, e de havermos entrado tarde, como nação independente, na vida historica — occupados de mais a mais durante tres seculos, ora na consolidação da nossa autonomia, em luta com os Arabes e com Castella, ora em turbulentas guerras intestinas —, nem por isso deixamos de apresentar á consideração dos eruditos valiosas provas de actividade intellectual (poesia, romance, historia, obras religiosas, moraes e didacticas), por onde póde apreciar-se o nosso genio ethnico em alguns dos seus aspectos, e a evolução da nossa lingoa, e d'onde

---

[1] Cf.: *Revista Lusitana*, III, 44; e *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris 1901, pag. 10-13.

[2] Assim chama J. Pedro Ribeiro «a todos os que eram exarados por tabellião ou escrivão, ou expedidos por ministro ou outro official»: vid. *Obser. Hist. e Crit.*, I, 90, nota 1.

[3] As principaes collecções são: *Portugaliae Monumenta Historica*, obra da Academia das Sciencias; *Docum. Hist. da cid. de Evora* por G. Pereira, Evora 1885-1891; *Docum. Ined. dos seculo XII-XV* por Oliveira Guimarães, Porto 1896. Ha muitos nos livros de J. Pedro Ribeiro, Santa Rosa de Viterbo e d'outros. O *Archivo Historico Português*, O *Archeologo Português* e a *Revista Lusitana* tem publicado bastantes.

[4] Na Torre do Tombo principalmente. Alguns ha tambem noutros estabelecimentos publicos: Bibliotheca Nacional, Museu Ethnologico, e em cartorios de camaras municipaes, de collegiadas, de cabidos, etc.

consta que tambem tomámos parte no movimento civilizador europeu [1].

A breve collecção que hoje trago a lume espero continuar a augmentá-la e a aperfeiçoá-la, pouco a pouco, em edições seguintes. Os trabalhos com que actualmente estou occupado não me permittem, por agora, enriquecê-la mais, pois ninguem desconhece como a publicação critica de textos absorve tempo, e ás vezes se torna mesmo fastidiosa, por causa das contínuas referencias e confrontos que se necessita fazer: todavia, tal como está, creio que talvez sirva, sem prejuizo de outras chrestomathias, para as primeiras necessidades do ensino do português antigo.

---

Por causa da intima connexão que existe entre português e gallego, aggreguei aos textos propriamente portugueses seis documentos gallegos antigos, ainda ineditos.

Nos dois lados do rio Minho desenvolveu-se do latim vulgar da Lusitania, nos primeiros seculos da era christã, uma lingoa substancialmente uniforme, embora, talvez desde sempre, com algumas particularidades dialectaes. Por causa das vicissitudes politicas da Galliza e de Portugal, da idade-media em diante, essas particularidades foram augmentando com o tempo, e constituiram depois o *gallego* e o *português*.

Na historia externa do idioma gallego podem distinguir-se tres grandes epocas:

1) Sec. XII-XVI (começos), em que o gallego, como idioma regional, com todos os seus direitos, é usado abundantemente nos documentos públicos, ao mesmo tempo que nelle se fazem muitas traducções e se escre-

---

[1] No artigo sobre Litteratura Portuguêsa publicado pela Sr.ª D.ra D. Carolina Michaëlis no *Grundriss der rom. Philologie*, II-2, 129 ss., acham-se indicados os nossos principaes monumentos litterarios da idade-media.

vem obras originaes. É o gallego antigo. Além de grande número de titulos forenses e outros documentos, uns já impressos [1], outros ainda ineditos [2], de inscripções lapidares, das poesias dos AA. gallegos que figuram nos nossos Cancioneiros medievaes e no *Cancioneiro Gallego-Castellano* de H. Lang, Nova York 1902 (Macías, Villasandrino, etc.), e de outras composições, como a traducção do *Fuero Juzgo* e das *Partidas*, o *Codice de Calisto*, a *Historia de Iria*, — pertencem a esta epoca as *Cantigas* de Affonso o Sabio (sec. XIII) [3], a *Crónica Troyana* (sec. XIV) [4], e varias *Crónicas* do sec. XV [5].

---

[1] Na *España Sagrada* de Flores, no *Manual de Paleografía* de Muñoz y Rivero, na *Galicia Histórica*, nos *Docc. Gallegos* (ainda em publicação) de Martínez Salazar, etc.

[2] Em archivos e em mãos de particulares.

[3] Ed. da Academia Hespanhola, 2 vol., Madrid 1889. — Cf. *O Archeologo Português*, X, 340.

[4] Ed. de Martínez Salazar, 2 vol., La Coruña 1900.

[5] Vid. supra, pag. 43, nota 2, onde cito quatro *Crónicas*. — Na Bibliotheca do Escorial ha um codice intitulado *Historia General*, do sec. XIV ou XV, com a marcação bibliothecal *O.j.1*, o qual tem sido julgado português: vid. Sammuel Berger, *Les bibles castillanes*, Paris 1899, pag. 90, 91, separata da *Romania*, vol. XXVIII. Já no meu opusculo *Uma Chronica de 1404*, pag. 8, nota, eu duvidei se o sería, e me inclinei a que fosse gallego; investigações a que ulteriormente procedi demonstram que elle é effectivamente gallego e não português, pois em extractos que fizeram d'elle, a meu pedido, o Sr. D. Julio Nombela y Campos, lente cathedratico da Universidade de Salamanca, e o Rev. Antolin, bibliothecario do Escorial, leio: *moy, moytos*, e as seguintes fórmas da 3.ª pess. sing. do preterito perfeito: *fezo, fizo, diso, bendiso, plougo, soubo, estovo, oubo, poso, tevo*, — o que tudo é puro gallego; além d'isso ha ahi castelhanismos, como *rreyna* (tambem na *Crónica Troyana*), *general* («aqui se começa a *general* e grande estoria»); a orthographia é a dos docc. gallegos, — *fillo, escolly, mellores*; cf. mais o seguinte: *noble* (tambem na *Cronica Troyana*), *codiçar* (cf. gall. mod. *codiza*), *njgũ* (na *Cronica Troyana* ha *njgũ, negũ*). — Ficam assim restituidas á litteratura gallega nada menos de cinco extensas *Crónicas*, que andavam indevidamente attribuidas á nossa.

2) Sec. XVI-XVIII. A acção centralizadora, exercida progressivamente por Castella, faz que o gallego deixe de ter a importancia que primeiro teve; o idioma já raras vezes se emprega em documentos públicos [1], e decae tambem do uso litterario, ficando circumscrito em obras mais ou menos de curiosidade (satiras, peças de theatro, escritos casuaes). São d'esta epoca, entre muitas composições miudas (por exemplo os dois sonetos apocryphos que se attribuem a Camões, o *Certamen Poético* de 1708, varias poesias de Feijóo e de Sarmento), a *Historia Gótica de Servando*, apocrypha [2], e as *Obras* do Cura de Fruíme, em 7 volumes, 1778-1781, onde ha varios textos gallegos.

---

[1] A este proposito diz-me em carta o Sr. D. Andrés Martínez Salazar, optimo conhecedor dos archivos gallegos: «Son raros los documentos escritos en puro gallego en el 1er tercio del s. XVI; la mayoría está ya escrita en castellano y con más ó menos palabras gallegas».

[2] Acêrca d'esta obra vid.: Iglesia, *El Idioma Gallego*, La Coruña 1886, pag. 37; e E. Carré Aldao, *La Literatura Gallega*, ibidem 1903, pag. 67, 141, 160. Ambos elles publicam extractos. A obra foi publicada na integra em 1850 na *Revista de Galicia*, e em 1860-1866 na *Galicia*: vid. Carré Aldao, loc. cit., pag. 160. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, secção de mss., coll. pombalina, n.º 60, existe uma cópia do sec. XVII ou XVIII, já mencionada no respectivo *Inventario*, Lisboa 1891. O titulo é: *Historia* | *de* | *Don Servando* | *obispo de* | *Orense* | *traduzida en lengua Gallega* | *por* | *Don Pedro Seguino tambien obis-* | *po de Orense que vivia año de 1191, era* | *de 1153* | *traduzda de sus originales en lengua Gotica* | *por* | *Don Joseph Pellizer de Tovar Señor de la Casa* | *de Pellizer Cronista mayor de su Magd* | *año de 1646.* — Ms. de 60 fls., papel, $0^m,20 \times 0^m,155$, com margens, e manchadas todas as páginas, e algumas com falhas. Pertenceu a J. Freire de Montarroyo, que o obteve de Madrid em 1714, como se lê numa nota do princípio. Este livro está eivado de castelhanismos, e dá a entender que foi escrito por quem não conhecia bem o gallego, pois não podem attribuir-se a êrro de copista tantas palavras castelhanas que ahi se lêem. Tambem contêm portuguesismos, tanto vocabulares, como orthographicos: *intençaon* = intenção (cap. I), e uso de *lh* e *nh* em *mulheres* e *vinha*, a par porém de *ll* e *ñ*.

3) Sec. XIX-XX, época de renascimento, o qual começa com a guerra peninsular: o idioma gallego torna-se orgão das ideias politicas. Depois da morte do nefasto Fernando VII, o movimento litterario activa-se, e hoje está em bastante esplendor [1].

Ao que fica mencionado temos de addicionar a litteratura oral ou popular, que se distribue por todas as tres epocas. Nos *Refranes* de Hernán Nuñez, pelo menos na ed. de 1602, estão já collecionados alguns adagios gallegos [2]; outros vem na *Grammática Gallega* de Saco Arce, Lugo 1868. De poesias ha copiosa messe no *Cancioneiro Popular Gallego*, de Ballesteros, 3 vol., Madrid 1886. De «Literatura Popular Gallega» dei tambem uma amostra num artigo que publiquei em *El Folk-Lore Frexnense y Extremeño*, Fregenal 1883-1884, pag. 96-102.

Os textos que acima publíco pertencem, como se vê, á primeira epoca.

A respeito do gallego antigo, vem ao intento dizer mais o seguinte. A lingoagem usada na idade-media tanto pelos trovadores gallegos que poetaram com os nossos nas côrtes dos reis portugueses, como por outros que, não sendo gallegos de origem, se serviram da lingoagem d'aquelles, distinguia-se do português corrente apenas em alguns galleguismos, por exemplo preterito em *-o (quiso, fezo)*, os quaes, á maneira de fórmulas poeticas, se tornaram tambem patrimonio dos poetas de cá, mas não se encontram nos nossos documentos em prosa, que representam o fallar quotidiano. Assim a lingoagem do *Cancioneiro* de D. Denis é bastante igual á das *Cantigas* de seu avô Affonso X, o Sabio; só aqui ha mais galleguismos *(che*, etc.). Esta lingoagem commum continúa, depois de já encerrado o cyclo trovadoresco português, a ser usada na Hespanha por alguns poetas até o sec. XV, o que consta do *Cancioneiro* de Lang, citado

---

[1] Vid. a este proposito Carré Aldao, *La Literatura Gallega en el siglo XIX*, La Coruña 1903, onde se acha resenhado tudo o que até esta data se publicou em gallego. Obra util e bem feita.

[2] Cf. os meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 115 ss.

supra, onde se lê *ouvo*, *ch'a*, *moito*, *oir*. A *Crónica Troyana*, que é do sec. XIV, e em prosa, apresenta, pelo contrário, muitos mais galleguismos que todas as obras precedentemente allegadas, havendo grande differença entre ella e a nossa *Demanda do Santo Graall*, posto que sejam ambas do mesmo seculo; a *Crónica de 1404* aproxima-se muito da *Crónica Troyana*. El-rei D. Denis e o Rei Sabio estão, quanto á lingoagem, intermedios á *Demanda* (portuguesa) e áquellas duas *Crónicas* (gallegas).

Isto posto, passarei agora á annotação dos meus textos.

---

**Pag. 9** 3. *notum die quod erit*. Expressão consagrada para se indicar a data. Tambem se encontra *quod est*, *quo erit*, *notum die diem quod est era*, *erit die*, etc. Em vez de *notum* lê-se ás vezes nos docc. *nodum*. Vid. a este respeito: Viterbo, *Elucidario*, s. v. «nodum»; J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, II, 137, 140. O participio *notum* (de *nosco)* corresponde a *notatum;* póde traduzir-se por «notificado».

4. *ipsa eclesia:* a igreja de Sosello (Sinfães) [1], cujo orago era, e é ainda hoje, S. André. Nesta doação entravam ao mesmo tempo as herdades e a igreja.

6. *que*, conjuncção integrante, completamente com fórma portuguesa; depende de *placitum facimus* «fazemos escritura».

7. *uindere* «vender». A fórma *vinder* é hoje corrente em certas regiões de Portugal [2]; neste documento póde ser dialectal. Cf. *uinderemus* a pag. 10, 11.

---

[1] O documento tem o seguinte cabeçalho nos *Portugaliae Mon. Hist.:* «Donatio ecclesiae *de Sozello* superaddita donationi anno 870 factae, et in ipsa charta cripta». Deve escrever-se *Sosello*, com *s*, e não com *z;* outros escrevem, mais erradamente ainda, *Souzello*. No doc. do anno de 870, a que se allude no trecho aqui citado, lê-se *in villa Sonosello* (nos *Port Mon. Hist.*, Dipl. et Ch., pag 4). A pronúncia moderna é *Sòsêlo*.

[2] Cf. *Esquisse d'une Dialectologie Portug.*, pag. 100.

9. *vocabulo* «orago», «invocação». Aqui é fórma latina, mas tambem em português se encontra *vocabulo* no sentido indicado: «cujo vocabulo se diz *Santa Maria*», doc. do sec. XV [1]; em gallego do mesmo sec. «su o *vocable* de Santa Olaya» [2].

10. *Et qui minima fecerit* «e quem não fizer absolutamente isto» = e quem não cumprir á risca este contracto.

11. *pariet parte de que isto placito obseruauerit* «pagará á parte dos que cumprirem esta escriptura», i. é «aos que a cumprirem».

11, 12. X *boves de* XIII^m XIII^m *modios*. Diz J. P. Ribeiro: «Quer significar, que cada hum dos dez bois »que havia de pagar de pena o que faltasse ao contra»cto, seria de valor de treze modios, — para se não en»tender que todos juntos he que devião ter aquelle va»lor» [3]. E' frequente nos nossos docc. medievaes repetir o número, em vez de empregar um numeral distributivo. Em XIII^m o *m* representa a letra final de *tredecim*. — O *modio* correspondia a 64 alqueires [4]. — Na idade-media indicava-se a cada passo o valor em generos ou em objectos, em vez de ser em dinheiro: *unum caballum in L modios* (sêc. XII); *hum cavallo de 250 modios e hũa mula de 300 modios* (sec. XIII) [5].

12. *iudicato* «as custas do processo». Cf. em lat. *iudicatum solvere*.

**Pag. 10** 2. *rouoramus* «roboramos», «confirmamos», o que se fazia assignando de cruz. Cf. Merino *Escuela Paleographica*, Madrid 1780, pag. 83. A fórma *rouoramus* é meia portuguesa, meia latina.

---

[1] *Archivo Hist. Port.*, I, 205.

[2] Iglesia, *El Idioma Gallego*, II, 35.

[3] *Observ. Hist.*, I, 106. Nesta obra, pag. 105-107, vem um artigo *Sobre a repetição consecutiva de número nos documentos antigos.*

[4] J. P. Ribeiro, *Observ. Hist.*, I, 102, n. 1.

[5] Vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v. «modio, III». J. P. Ribeiro escreveu sobre o assunto um artigo nas *Observ. Hist.*, I, 101-104. Cf. tambem o meu *Elencho das Lições de Numism.*, II, 9.

4. *notuit.* De *notescere*, por *notare.*

5. O documento começa por discurso directo *(ego)* e continúa em discurso indirecto *(sua)*, o que é vulgar em documentos d'estes.

9, 10. *nullis* (=nullius) *quoque gentis imperio nec suadentis artigulo, sed propria nobis accessit voluntas sano animo atque integro consilio.* Fórmulas tabelliôas muito usadas nos nossos docc.; outros exemplos em Viterbo, *Elucidario*, s. v. **asto animo.** Quanto á Hespanha, cf. Merino, *Escuela Paleogr.*, pag. 94. A fórma *artigulo* é já romanica; significa «artificio», «artes», «astucia», e não é o lat. classico *articulus* (deriv. de *artus)*, mas palavra puramente medieval, deduzida de ars: isto é, *articulum*, de articula. O que digo é confirmado por Du Cange, *Glossarium*, que s. v. **articulum** diz «dolus, techna, artificium» e remette para *articula* =«ars parva», e cita estes textos: *o maleficiorum articula, ut talia in conspectu meo faciatis!* e *o malorum articula* (noutro ms. *o malae artes), quis vos docuit ut tanta faciatis!* O *Diccionario* da Academia Hespanhola dá *articulo* em castelhano antigo na accepção de «maña», «astucia».

11, 12. *sicut et vendimus* «como de facto vendemos».

14. *fer* <> ferit «fere», i. é «vai dar»: 3.ª pess. sg. de *ferir.* Deste verbo diz o A. do *Elucidario:* «partir, demarcar, entestar. *Esta herdade*, v. g. *vai »ferir com caminho publico; vai ferir nas penhas al»tas; vai ferir no ribeiro; no moinho*, etc. He trivial »nas demarcações antigas». A fórma *fer* é já portuguesa.

19-23. Algumas expressões são allitteradas; outras são antitheticas.—Fórmulas correntes nos documentos d'esta natureza, tanto no nosso país, como noutros. Deve entender-se que havia formularios de que os diversos tabelliães se serviam.

21. *aquis aquarum* «as agoas e os respectivos regos, com o direito de derivação d'ellas por predio alheio». A expressão completa era: *aquis aquarumque* (ou *aquas aquarumque) decursibus.* que se lê em documentos de fóra do país. Os notarios resumiram-na, tomando apenas as primeiras

palavras [1]. Vid. o que a este respeito escreveram J. P. Ribeiro nas *Dissert. Chronolog.*, I, 198, nota, e o Visconde de Figanière na *Memoria sobre o valor da expressão* **aquas aquarum** *dos diplomas antigos* (que faz parte das *Memor. da Acad. Real das Sc.*, 2.ª cl., t. VI, pt 1.ª [2]).—A nossa expressão é comparavel a *domus domorum* que se lê tambem em documentos d'esta época: cf. infra, annotação a 11, 22-23.

**Pag. 11** 1. *de odie die.* Litteralmente «de hoje em dia (para o futuro)». *siant.* Fórma ampliada de sient <> sint. A respeito de *siam* em lat. vulgar cf. Meyer-Lübke na *Gram. der rom. Spr.*, II, § 215, e no *Grundriss der roman. Philol.*, t. I, 2.ª ed., pag. 478.—A fórma portuguesa moderna *seja* vem de sedea(m).

8. *que.* Conjuncção integrante, como se dependesse de um verbo subentendido, na accepção de «determinamos», «estabelecemos».

13. *I* deve ser *(h)i* a concordar com *testes:* cf. *hi sunt testes* em um doc. do sec. XI nos *Dipl. et Chart.*, pag. 175. Noutros docc. lê-se *ic* =hic «aqui», por ex. ibidem pag. 98, *Velasco Fortunizi ic testis*, e pag. 134, *Qui ic fuerunt.* A pag. 134 emprega-se um adverbio differente: *Que ibi fuerunt presentiviles.*

17. *asto animo* synonimo de *sano animo* em 11, 10. A respeito d'esta expressão vid.: Viterbo, *Elucidario*, s. v.; e Du Cange, *Glossarium*, t. I, ed. de 1883, tambem s. v. *et bone pacis voluntas.* Analogas a esta expressão ha outras: *placuit nouis bone pacis voluntas* [3] e *per bona pacis et voluntas* [4].

22-23. *domus uel intrinsecus domorum* «as casas e o que está dentro d'ellas». A mesma ideia está mais

---

[1] Num doc. de Hespanha, de 1080, publicado no *Boletin de la R. Acad. de la Historia*, XLIX, 358, vem *aquis aquarum cum aquaductibus earum*, onde a noção grammatical de *aquarum* está tambem completamente perdida. — Este documento foi-me indicado pelo Sr. Pedro de Azevedo.

[2] Tambem foi publicada em volume separado, com o mesmo titulo (Lisboa 1884, 24 pag.).

[3] *Dipl. et chart.*, pag. 14.

[4] *Dipl. et chart.*, pag. 26.

desenvolvida em um doc. de 985: *conzedimus .. ut ipsas vilas .. domus domorum, cum omnibus intrinsegus domorum earum .. ut aveant* [1], onde a expressão condensada *domus domorum* foi aclarada pleonasticamente pela que se lhe segue. Assim como *aquae aquarum* é resumo de *aquae aquarumque decursus*, como se disse em 10, 21, assim aqui *domus domorum* o é de *domus domorum intrinsecus*, onde *intrinsecus*, que em lat. classico é adverbio, funcciona como nome, o que tambem se dá no port. moderno *intrinseco*, adj. e subs. (cf. fr. *intrinsèque*, etc.). — O resumo que se fez das duas expressões resultou de um primitivo notario não ter entendido estas, e suppor que as palavras iniciaes diziam tudo; depois o êrro tornou-se fórmula estereotypada, usada por todos.

24. *aquas aquarum*. Vid. 10, 21.

25-27. A palavra *mancipias* tem aqui a significação de «escravas» e applica-se a escravas mouras, cujos nomes se indicam. Entres as causas da escravidão na idade-media conta-se o cativeiro na guerra e o nascimento (o filho de escravo era escravo). Na luta entre Christãos e Mouros na Peninsula, estes eram constante manancial de escravos para aquelles [2].

**Pag. 12** 2, 3. *tornent se ipsum, que in scriptura [resonat], post tua parte sanas et intecras.* O latim é mais que barbaro, é atroz, pois significa: «passem essas cousas (a villa, as herdades, as escravas), como na escritura se diz, para o teu lado (=para ti) sàs e inteiras».

6. *minsas* «missas», com nasalamento do *i*, devido ao *m* inicial.

23. *mando* «deixo (em testamento)». Lat. mandare

---

[1] Nas *Dissert. Chron.* de J. P. Ribeiro, I, 200.

[2] Vid.: Cardeal Saraiva, *Obras*, V, 325 seg.; A. Pedro de Carvalho, *Das origens da escravidão moderna em Portugal*, Lisboa 1877, pag. 16 seg.; e principalmente Gama Barros, *Hist. da administr. publica.*, II, pag. 57 seg. Este mesmo A. publicou um artigo sobre a palavra *mancipium* na *Revista Lusitana*, IV, 247, o qual reproduziu na citada obra, II, 363 seg.

«recommendar». No *Corpus Inscriptionum Latin.*, II, 2146, lê-se *heredibus mando .. ut;* d'esta ideia se originou a de «legar». Cf. tambem *Elucidario*, s. v. *manda*.

**Pag. 13** 1-12. Este doc. contém já varias palavras com fórma portuguesa, como *manta* (deduzida de mantum), *cabra, pan*. Em *ovelia* «ovelha» póde o notario ter querido empregar uma terminação propriamente latina, por analogia com *filia*, etc., ou póde *-lia* ser mera representação orthographica de *-lha*.

14. *áás virtudes*. Cf. Azurara, *Chronica de Guiné*, cap. II, pag. 9: «eu rogo aas tuas sagradas *vertudes* que ..» (O A. está dirigindo-se ao Principe).

**Pag. 14** 2, 3. *as tres quartas do padroádigo*, i. é «tres votos nos quatro que tinha sobre o direito de padroádigo».

3-5. Aqui *hu, u, us;* nas linhas 1-2 *o, do*. De certo houve uma época em que o artigo definido soava *ó* ou *ô;* mas por causa do seu emprêgo proclitico, essa pronúncia deve ter-se obscurecido cedo, e tornado *u*. Não admira que haja pois oscillações orthographicas.

4. Cf. o mesmo formulario em um doc. do sec. XII, publicado por J. P. Ribeiro nas *Dissert. Chron.*, I, 275, 276, e reeditado por mim, conforme ao original, na *Festgabe für Adolf Mussafia*, Halle 1905, pag. 677.

5. *que*. Conjuncção integrante, como em 11,8. Prefiro esta interpretação á de conjuncção final.

**Pag. 15** 3. *a sua morte* «á hora da sua morte». De certo *a* é mera preposição e não crase de *a* + *a*, senão talvez se tivesse escrito *aa*, como em 13,14. Noutro trecho do documento de que estou tratando lê-se *venerum a villa* [1]. Talvez o escriba tivesse ahi em mente *a(d)*.

4. *que li nunqua ĩde*, = de que lhe nunca. Ha aqui um facto de syntaxe popular (anacoluthia)

---

[1] J. P. Ribeiro, *Dissert.* | *Chron.*, I, 275, l. 16.

que foi excellentemente formulado assim pelo Sr. Julio Moreira: «Nas orações relativas em que o relativo »deveria ser precedido de uma preposição, omitte-se »frequentemente essa preposição, que é depois empre»gada com um pronome pessoal, para exprimir a »mesma relação, no meio ou no fim da frase» [1]. No nósso exemplo *īde* = inde «ende» está em vez do pronome pessoal a que se refere o Sr. Moreira.

10. *que leuarũ īde* = de que levárom (vid. a annotação antecedente). A ordem das ideias mostra que o *que* deve explicar-se assim, e não por «porque».

11. *que li o deuẽ*. O *que* é conjuncção integrante.

16. *que auia auer ī sa uida* = que tinha de ter em sua vida = a que durante a sua vida tinha direito = que lhe pertencia emquanto fosse viva. Cf. *ove aver d'erdade e d'aver* na Noticia de torto [2]. Nos textos gallegos é vulgar lêr-se: *quanta herdade aio e auer deuo* [3]; *quanta herdade auemos et á auer deuemos* [4]. Um texto gallego é ainda mais explicito: *bẽes . . que eu . . ajo e me perteesçen d'auer e herdar* [5]. — Em *auia auer*, com quanto pudesse entender-se *auia àuer* = auia a aver, pois em casos d'estes o infinito póde receber *a*, o mais provavel é que não haja preposição nenhuma, o que não é raro em português.

24. *reuora*. Confirmação de um contracto, dando-se alguma cousa a mais do preço estipulado. Vid. o que a tal respeito escreveram Viterbo, *Elucidario*, s. v., e J. P. Ribeiro, *Observ. Hist.*, I, 98-100; este ultimo, ibid., pag. 99, nota 3, diz que ha em Entre-Douro-e-Minho um costume que deve ascender á revora medieval [6]. Esta palavra tem varias fórmas: *robora*, etc.

---

[1] *Revista Lusitana*, IX, 340. Eis alguns dos ex. citados ahi: «o homem que eu fui *com elle*» = o homem *com quem* eu fui; «o navio *que* ella veio nelle» = o navio *em que* ella veio.

[2] J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, I, 273.

[3] *Documentos Gallegos de los siglos XIII al XVI* (em publicação) por Martínez Salazar, pag. 49.

[4] *Docum. Gallegos*, p. 55.

[5] *Docum. Gallegos*, p. 126.

[6] Cf. D. Cecilia Branco, *Rev. Lusit.*, I, 295.

**Pag, 16** 7. *mao dia* = em mao dia. Nas designações de tempo omitte-se frequentemente a preposição: Epiphanio Dias, *Grammatica Portuguesa*, § 124. — A expressão *mao dia* é uma lamentação que se relaciona com a crença de que ha dias fastos e nefastos (aziagos). Um adagio (Rolland, Lisboa 1780, pag. 152) diz: *Ao bom dia abre a porta, e ao mao te apparelha* [1]. O mesmo acontece com as horas: cf. arch. *maochas*, *aramá*, etc. Uma cantiga moderna da Beira diz:

Eu tinha dezoito annos | Desarranjou-se o amor...
Quando a amar comecei: | *Em má hora* comecei!

8. *que* = pois que.

11-12. *e vós . . e bem vus semelha* = e a vós, bem vos parece. Ha aqui uma especie de anacoluthia, e repetição pleonastica de *e*. Os versos ficariam melhor pontuados assim:

e vós, filha de don Paay
Moniz... e ben vus semelha

pois que o pensamento suspende-se depois de Moniz.

14. *d'alfaya*. Isto é: «a respeito de alfaia».

15-16. *nunca de vós ouve, nem ei, valia d'ũa correia.* Esta maneira de indicar o valor, depreciando-o pela comparação com um objecto sem importancia, é frequente não só na nossa lingoa, mas em todas as lingoas romanicas. Aqui cito mais exs.: *isto não vale um cigarro*, ou *um fosforo*, ou *um caracol* (ou *dois*), ou *um chavo gallego*, ou *dez reis de mel coado*, ou *um figo*, —

---

[1] Este adagio provém do hespanhol *Al buen dia ábrele la puerta* || *y para el malo te apareja;* á rima (toante) de *puerta* e *apareja* não corresponde nenhuma no nosso, pois a palavra *puerta* foi naturalmente traduzida por *porta*.

o que tudo são phrases da lingoa corrente; em um romance popular: «Agora não dou por ti || A *casca da noz furada*» (inedito); «não faço mais caso d'isso que de *hum tremoço*» [1]; «*micho de 5 rs.* tanto vale como *lacayo pequeno*» [2]; «Que os homens verdadeiros || Não são tidos *nũa palha*» [3]; arc. *nemigalha* = nem migalha [4]; em gallego do sec. XIV «nom farey .. *quanto ual hũa palla*» [5]; em hespanhol do mesmo seculo: «su dicho *non vale un figo*» [6]; em francês antigo: «tut *ne vaut un boton*» [7], «vos *ne valez une belorce* (=abrunho bravo)» [8], «de mon servire *n'as qui vaile · I · tornois*» [9]; em francês moderno: *il ne valait pas un haricot* (Norte da França); em provençal antigo: «eu *noc' o prez una medalla*» [10]; em sardo: *m'importat una cáriga*, o que corresponde ao italiano *mi preme un fico secco, un zero* [11]. Já os Romanos diziam: *aliquid flocci non facere.* Os ditados que se referem a frutos mimosos, como figos, nozes, são das terras do Sul ou do Occidente, onde esses frutos abundam; um habitante do Norte da França não os teria em pouco, e é por isso que recorre ao misero abrunho ou ao vulgar feijão.

---

[1] Bluteau, *Vocabulario*, s. v. **tremoço.**

[2] Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. **micho.**

[3] *Auto da Festa*, ed. do Conde de Sabugosa, Lisboa 1906, pag. 123, i. é: não valem uma palha. Quanto á construcção grammatical, cf. *ter em pouco, ter em muito.* — Por aqui deverá talvez explicar-se a expressão *por dá cá aquella palha* = «por nada», muito usual no fallar diario.

[4] Não revolvais aramá, || Que não trago *nemigalha:* G. Vicente, *Obras*, I, 180.

[5] *Crónica Troyana*, t. II, pag. 5.

[6] Arcipreste de Fita (nos *Poetas Castellanos anteriores al siglo XV*, Madrid 1905), est. 349; e vide outros exemplos nas est. 231, 358, 380, etc.

[7] *Romania*, XXXIV, 99, n. 2.

[8] *Lyoner Yzopet* (ed. de Förster), v. 311.

[9] *Raoul de Cambrai*, tir. 724.

[10] *Canção de Santa Fé*, que publiquei na *Romania*, XXXI: vid. pag. 209, nota, onde citei outros exemplos.

[11] Max L. Wagner, no *Archivio Storico Sardo*, I, 144.

**Pag. 18** 3. *digas-me.* Tambem em Christovão Falcão, *Obras*, ed. de Epiphanio Dias, pag. 42: *Natonio, tenhas prazer*, ao que o editor faz a seguinte nota: «No por»tuguês antigo é frequente o emprêgo da 2.ª pessoa »do presente conjunctivo em sentido optativo». E em Gil Vicente, *Obras*, III, 81: *queirais-lhe ser piedosa.*

10. *foi* «fui». *mao peccado.* Variante d'esta expressão interjectiva é *mal' peccado:* cf. Gil Vicente, *Obras*, III, 143; e ainda se usa nas provincias. Numa e noutra talvez *peccado* esteja no sentido de «Diabo». Em *mal' peccado*, a palavra *mal'* é o lat. malu-, adj., e não o adv. male; o *o* cahiu por a palavra ser proclitica, analogamento ao que aconteceu em *a seu bel' prazer*, *almenos* = a l(o) menos, *alvez* = a l(a) vez, *al cor* = a l(o) cor [1], *sea-l' mar* = sea l(o) mar [2], *alpelo* = a l(o) pelo (Moraes), *alfim* = a l(a) fim. — Cf. tambem em hespanhol *mal pecado*, onde o *o* de *malo* cahiu segundo uma regra geral. — O nosso *mal' peccado* representa pois uma phase mais antiga da lingoa do que *mao peccado.* — Cf. a annotação a 22, 16.

**Pag. 19** Já depois de impressa a pagina em que está a poesia de João de Guilhade, publicou o Sr. O. Nobiling dois proficuos opusculos acêrca d'este trovador: *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovador do sec. XIII, escolhidas e annotadas*, Erlangen 1907; e *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovador do sec. XIII, edição critica, com notas e introducção*, Erlangen 1907. A poesia que aqui transcrevo tem nos dois opusculos o n.º 6 e as mesmas notas (pag. 27-28 em ambos).

1. *por que.* Na lingoa moderna dir-se-hia *por quem*, mas na antiga usa-se *que*, referido a pessoa, mesmo precedido de preposição. Cf. Nobiling, op. cit., pag. 28.

2. *serví* = fui seu servo. Ideia feudal.

---

[1] Monaci, *Canti antichi portoghesi*, Imola 1873, pagina 7. Cf. *Bibliographia Critica*, pagina 320 (artigo de Adolfo Coelho).

[2] Monaci, loc. cit.

6. Verso ironico.

8. Este verso é restituido por Nobiling, assim: *e con [tan] bon parecer qual lh' eu vi.*

9. *lume* = luz dos olhos. A expressão *lume d'estes olhos meus* é vulgar nos Cancioneiros. No *Orto do Esposo*, ms. do sec. XIV, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa [1], lê-se a fl. 1-r, b, l.21: «hu he o *lume dos olhos?*». Hoje dizemos ainda: *ter lume no ôlho*, mas em sentido ironico (= ser finorio).

12. *anda .. por qual ant' andava* = está como d'antes.

13. *por de bon prez .. se prezava.* A expressão *por de bon prez* é nome predicativo de *se prezava* [2]. O corrente na lingoa classica é sòmente *prezar-se de* [3]; o *por* aqui reforça o *de*, pois que usualmente o «preço» se exprime tambem com *por*. Em *prezar-se de prez* ha o que se chama — figura etymologica.

14. *dereit' é de .. andar.* O sujeito *(de andar)* é constituido por um infinitivo regido de preposição: citei outros exs. na minha ed. d-*O Livro de Esopo*, pag. 116 (= *Rev. Lusit.*, IX, 62).

**Pag. 20** 2. *á* = ha.

5. *per mi* «por minha causa».

8. *lhe' lo* = lhes lo (assimilação do *l-* ao *-s*, e consecutiva absorpção do *l* resultante).

13-14. *a quen sei ben ca non mi-á de põer conselho* = a uma pessoa que eu bem sei que me não ha-de dar conselho. O relativo *a quen* introduz duas orações: cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 245.

14. *m'eu i porrei.* O *m'* = me é dativo ethico. Cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 131.

15-16. Construa-se: e o conselho que eu i porrei, já o eu filhei.

---

[1] Cod. { ant. 273. / mod. 198.

[2] Cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port*, § 107, observação.

[3] Vid. Moraes, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, s. v.

23-24. *quen é por quen moir(o)* = quem é aquella por quem morro. Cf. *O Livro de Esopo*, pag. 115 (= *Rev. Lusit.*, IX, 61).

24. *que sempre neguei* = que eu nunca disse quem era.

**Pag. 21** 2. *o vosso bem e vosso parecer*. O primeiro pronome está precedido do artigo, o segundo não, por causa do metro (se estivesse *e o vosso parecer*, as palavras *e o* formariam hiato, ao contrário do que hoje acontece, e seriam contadas por duas syllabas). O português ora omitte, ora usa o artigo antes dos pronomes possessivos. Cf.: Moraes e Silva, *Gram. Port.*, Lisboa 1806, pag. 28; J. J. Nunes, *Chrestomathia Archaica*, Lisboa 1906, pag. CXLV.

5. *vós* (complemento directo). Cf. *O Livro de Esopo*, pag. 113 (= *Rev. Lusit.*, IX, 59).

**Pag. 22** 2. *e querede-vos doer*. A conjuncção *e* tem na nossa lingoa significações muito especiaes e delicadas, além da sua significação propria. O sentido dos versos é este: «senhora, visto que sois formosa e de bellos sentimentos, tambem podeis condoer-vos de mim, e por isso condoei-vos».

4. *sõo*, dissyllabo.

5. *peior d'outra rem*. Outros exs. de D. Denis, ed. de Lang: *Desej' eu, mui mais d'outra rem, o que*, v. 393; *valer mais de quantas no mundo são*, v. 1412. Cf. tambem Lang, notas a pag. 123. No *Conto de Amaro*, ed. de O. Klob (extr. da *Romania*, XXX), pag. 15: *terra .. que cheiraua mais e melhor de todallas cousas do mũdo*. Na *Chrestomathia Archaica*, de J. J. Nunes, Lisboa 1906, pag. CXLV-CXLVI, vem mencionados màis exs. do segundo termo da comparação com *de*. Diez, *Gram. des l. rom.*, III, 366-367, cita muitos em italiano ant., franc. ant., hesp. ant. e provençal. — Na lingoa moderna dizemos *do que*.

6-7. *tal bem, qual maior poss(o)*. Outro ex. em D. Denis, v. 145: *Nunca Deus fez tal coita, qual eu ei*. Vid. tambem Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «qual».

8-9. Allusão ao célebre romance medieval de *Floire et Blanchefleur*, de que ha duas redacções francesas do sec. XII: vid. G. Paris, *Littérat. Française*, 3.ª ed., § 51. Conhecido noutras litteraturas, ou traduzido: por ex. em provençal *Floris e Brancaflor*. O trovador português João de Guilhade, de quem acima dei um trecho, refere-se tambem a elle:

Os grandes vossos amores,
que mi e vós sempr' ouvemos,
nunca lhi cima fezemos
como Brancaflor e Flores [1].

Cf. as notas de Lang, pag. 123.—Na tradição popular moderna andam romances com os titulos de *Conde Flores* e *Brancaflor* [2].—Embora a rima exija *Brancaflor* ou *Brancafror* [3], respeitei comtudo a orthographia do texto, pois que nesta epoca *frol*, *flor* e *fror* eram fórmas oscillantes na pronúncia e na escrita. Cf. *Flores* no v. 9.

16. *mao peccado*. Expressão interjeccional. Na *Comedia Eufrosina*, III,II, ed. de 1786, pag. 169: «*mal* »*peccado* isso te entrará a ti por casa». As expressões *mal peccado* e *mao peccado* são ainda correntes hoje na lingoa familiar. Cf. a annotação a 18,10.

**Pag. 22** 14. *Tristam*, *Iseu*. Nos romances franceses que tratam a *matière de Bretagne* (cyclo de Arthur): *Tristan* e *Iseut* [4]. A Tristão applica-se o mesmo adjectivo *namorado* nesta rubríca: *Don Tristan o Namorado* [5].

---

[1] *Canc. do Vaticano*, ed. de Monaci, pag. 138. Cf.: D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 413; Nobiling, *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, pag. 49.

[2] Vid. Th. Braga, *Romanceiro Geral*, Coimbra 1867, pag. 103 e 201-203.

[3] Cf. D. Carolina Michaëlis in *Zs. für rom. Philol.*, XIX, 523-524.

[4] Cf. G. Paris, *Littérat. Fr.*, 3.ª ed., § 56. Do mesmo auctor, *Poèmes et Légendes*, pag. 113.

[5] D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 481.

Tanto a Tristão, como a Brancaflor e Flores, citados acima, allude o Arcipreste de Fita:

.. nunca fue tan leal Blanca Flor a Flores,
Nin es agora Tristan a todos sus amores [1].

**Pag. 23** Nesta poesia temos interessante e directa referencia á litteratura provençal, ao tempo tão estimada dos nossos.

6. *qual.* Correlativo a *tam gram*, no v. 5.

17. *nem vivem.* O *nem* póde ser pedido pelo *nom* das duas estancias precedentes: *nom am tam gram coita, nom am tal coita, nem vivem em qual perdiçom oj' eu vivo;* ou estará em vez de *nom*, por causa do *nom am* antecedente.

17-18. O sentido é: nem vivem na afflicção em que hoje vivo.

18. *que.* O antecedente é *perdiçom.*

**Pag. 24** 5. *lhi.* Pleonasmo, pois que o complemento de *par* é *ao parecer seu* no v. 4.

7. *por vosso* = como vosso. Vid. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 168,3.

11. *quem vos foi aqui trajer?* = «quem vos trouxe aqui?». Preterito periphrastico: cf. *Rev. Lusit.*, VIII, 225.

14. *quem* = aquelle a quem.

17-18. Isto é: mas nem por isso deixarei de ser vosso servo.

19-20. Isto é: me forçou de tal modo que...

21. *cujo* «de quem» é nome predicativo de *seerei*, como em *serei vosso* = serei de vós. Cf. *O Livro de Esopo* pag. 114-115 (= *Rev. Lusit.*, IX, 60).

**Pag. 25** 7. *do que* = d'aquelle a quem.

---

[1] *Poetas anter. al sig. XV*, Madrid 1905, pag. 281, estr. 1675. — Cf. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 514.

8. *o meu*, sc. «coração».

10. *por cujo s'el tem* = por de quem se tem, i.é «de vós, a quem pertence o meu coração»; *por cujo* é nome predicativo de *ter-se* (cf. supra, quanto a *cujo;* e cf. Epiphanio, *Gram. Port.*, § 121, obs. 1, quanto a *ter-se por).*

14. *pino.* O ms. tem *pyno:* vid. *Canc. do Vatic.*, pag. 69. Com quanto noutro lugar do mesmo Cancioneiro haja *pinho* (n.º 173, repetidamente), deixei o simples *n*, como está no original, pois que a pronúncia podia ser *pĩo, pinho*, ou mesmo *pino* [1].

16. A respeito do *e* vid. a annotação a 22,2. O sentido de cada estrophe é: «flores, se sabeis do meu namorado, dizei-me onde é que elle está». O caracter da poesia é popular, em rhythmos alternativos, de um genero ainda hoje existente em Tras-os-Montes: vid. um artigo que escrevi no *Annuario das trad. popul.*, Porto 1882, pag. 19 sgs., ao qual se tem referido varios especialistas que tem tratado da nossa poesia medieval (Th. Braga, D. Carolina Michaëlis, Lang).

**Pag. 26** 4. Quem falla, são as flores das estrophes antecedentes, em resposta á pergunta da interlocutora.

5-13. *sano.* Acêrca do *-n-* ha dúvida analoga á que houve em 25,14. O texto tem *san' e* e *sano;* todavia tambem o n.º 173 tem *huna*, que ninguem hesitará em interpretar por *hũa.*

6. O estribilho é o mesmo das estrophes antecedentes, como que posto na bôca da interlocutora.

16. A poesia que começa com este verso é do mesmo genero da antecedente.

**Pag. 28** 18-20. Na linha 19 *out's* póde tambem interpretar-se por *outros* (Th. Braga interpretou por *outras),* devendo nesse caso passar para antes d'essa palavra a virgula que está depois de *tres.* Com relação á syme-

---

[1] Cf. D. Carolina Michaëlis | na *Zs. für rom. Philol.*, XIX, 601-602.

tria do estilo, parece porém que o texto fica melhor como está: *e taes hy ouve — e taes hy ouve*, em vez de: *e taes hy ouve — outros — e taes hy ouve*. Já Monaci tem *ou tres*.

**Pag. 29** 2. *Conuem a ssaber*. O sujeito é *a ssaber* (infinitivo regido de preposição: reuni outros exs. na *Rev. Lusit.*, IX, 62).

6. Isto é: metade d'ellas sejam temporãs, e a outra metade meãs.

7. *posadeyro* = pousadeiro (que se lê na l. 13) póde ser dialectal, com *o* por *ou*, phenomeno vulgar na região a que este doc. pertence.

8. *dem*. Repetido pleonasticamente, o que nada tem estranho em um doc. de caracter popular como este.

9-10. *em como* = como, segundo. Em hesp. ant. *en como*. Outro ex. em 30,3. — Cf. J. J. Nunes, *Chrestomathia Archaica*, pag. CXLIX.

**Pag. 30** 2. *a eles*. Pleonasmo.

4. *a seus senhores*. Dativo.

5-6. Podia estar virgula, em vez de ponto, depois de *marauedis*. A respeito de *doze doze soldos* vid. 9,11-12.

8. *eles*. Complemento directo. Ha outro ex. infra, ll. 15 e 18. — O emprêgo de *elle* como accusativo é ainda hoje corrente no fallar familiar do Brasil: vid. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris 1901, pag. 160. — Em português litterario moderno dir-se-hia: *dêem-nos a elles*. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 59.

10. *E os bacoros* = e quanto aos bacoros (modo de dizer ainda hoje corrente na lingoagem familiar).

18. *paguem eles de suas soldadas* = os paguem a respeito de suas soldadas (i.é: «lhes paguem as soldadas»).

**Pag. 31** 1-2. *que lhy mete na mão* = de que o encarrega.

2. *que*. Pleonasmo vulgar na lingoa familiar; cf. uma cantiga popular que começa: «Quem diz que o amar *que* custa, || de certo que nunca amou!». Cf. *Obras* de Falcão, ed. de Epiphanio Dias, pag. 68.

12. *como ssy mesma.* Hoje dir-se-hia *como a si mesma:* vid. *Rev. Lusit.*, IX, 59.

**Pag. 32** 3. *d'ella.* Pleonasmo: vid. *Rev. Lusit.*, II, 28, e *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 146. — *seu padre .. filharom-lhe* = a seu padre filharom. Anacolutho: cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 250, *d.*

4-5. *e ouue a tornar aa merçee* = e teve de recorrer á mercê.

8. *em seu poder* = em casa d'elles.

13. E' vulgar nos docc. antigos, mesmo quando antes da data se diz *era* ou *anno*, repetir *annos* no fim; outro ex.: «*ano* do nascimento de nosso Senhor Jhesu Christo de mil b^c^xxx *anos*» (= 1530) [1]. Temos aqui uma das muitas inconsciencias da lingoagem.

14. *serue a proll* = serve de utilidade.

15. *mostram.* Impessoalmente: cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 112, *b.*

**Pag. 33** 3. *faz mençom.* Impessoalmente: cf. *Rev. Lusit.*, IX, 57. Corresponde a «faz-se menção», «menciona-se».

24-25. *fezessem. ouuessem.* Impessoalmente: cf. 32,15.

25. *enleger em.* Cf. Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «eleger».

**Pag. 34** A escola *galleco-castelhana* (sec. XIV-XV), a que esta poesia pertence, está comprehendida chronologicamente entre a escola *galleco-portuguesa* (sec. XII-XIV) e as escolas lyricas de Portugal e Castella (sec. XIV-XV), representada aquella em Hespanha por Affonso o Sabio, que escreveu poesias gallegas, e em Portugal pelos trovadores dos Cancioneiros, e representadas estas principalmente pelo Cancioneiro de Rèsende e de Baena e pelo Arcipreste de Fita.

3. *do mundo é partida.* Entenda-se: para o convento. Cf. v. 13-14.

---

[1] *Archivo Historico Port.*, | II, 474.

12-13. *chora o meu coraçom.* Tambem na poesia popular moderna se encontra o mesmo modo de dizer: «A boca cheia de riso, || *O coração a chorar*» [1]. A's vezes o povo correlaciona de tal modo o amante com o coração, que não é facil separar as duas ideias, como se vê nesta cantiga do Baixo-Douro:

Tanto chorei ont' á noite, | *Coração que tanto chora*
Qu'amolentei o sobrado: | Deve de 'star magoado.

—Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 398.

16. *por vosso* = como vosso.

**Pag. 36** 2. *posta por figura* = por symbolo, por allegoria.

3. *este foi hũu castello.* Embora a expressão se applique á Virgem, está *este* (e não *esta)* por attracção do substantivo seguinte. Isto é mui vulgar em latim: *haec non est ira* = hoc non est ira; *ista quidem vis est* = istud. Cf. Madvig, *Gram. Lat.*, § 313, onde vem varios exemplos.

3-4. Indicação summária dos principaes elementos de um castello medieval.

6. *este glorioso castello.* Accusativo.

7. *que.* Conjuncção consecutiva, dependente de *assy*.

13. *s.* = *scilicet.*

18. *emssinar . . fundar . . hũu castello.* Hoje dir-se-hia «ensinar a».

**Pag. 37** 3. *d'estar e morar.* Infinitivos com *de* como nomes predicativos.

6. *homem.* Serve de pronome, como o fr. *on* e o prov. *om (hom).* Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 57.

7. *em hũu dia, em outro.* Hoje diriamos: «em um dia ou em outro».

---

[1] Vid. *Rev. Lusitana,* VIII. 301.

8. *nosso*. Cf. supra, annotação a 21,2.

9, 10. *deuemos de*. *deuemos a*. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 62.

11. *homem*. Vid. l. 6.

12, 13. *terçeira*. *quarta*. Adverbialmente (não concordam com *paz)*. Hoje dizemos: *á primeira*, *á segunda*, etc., por ex.: «sahiu-se bem logo *á primeira*».

19. *a terçeyra*. Locução adverbial; *a* é preposição. Cf. ll. 12 e 13.

**Pag. 38** 6. *honde* = com o que.

8. *hauya fectos*. O participio concorda com o complemento directo *(que)*. Particularidade da syntaxe archaica. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 58, e infra, 45,1. — Com quanto as orações venham referidas a *pessoa*, aqui está *o* (e não *a)*, porque o A. tem em mente o *algũu* da l. 1.

11. Devia estar ponto-e-virgula depois de *Imijgo*. O sujeito de *deue* é *a pessoa* da l. 5 (e não *a alma)*, como o mostra a palavra *rrepẽedimento* nas ll. 2 e 11. — Entre *ffilha* e *esposa*, de um lado, e *serua* e *barreguãa*, do outro, ha antithese estilistica.

**Pag. 39** 5. *muy mais*. Hoje diriamos: muito mais.

10. *Mesa Redonda* = Tavola Redonda, em francês *Table Ronde*, «à laquelle s'asseyaient en parfaite égalité »les meilleurs chevaliers de la cour d'Arthur (rei len- »dario da Bretanha insular)» — G. Paris, *La Littérat. Franç.*, 3.ª ed., § 54. O cyclo d'Arthur ou da Tavola Redonda comprehende vasta litteratura medieval.

12. *atee a terra* = até o rés-do-chão.

18-19. *nõ seyredes d'aqui se nõ mortos* = só saireis d'aqui depois mortos.

**Pag. 40** Neste trecho notam-se varias reminiscencias de leitura do Apocalypse.

10-15. Para esta descripção devem ter servido de typo as salas ricas da epoca. Nas ll. 13-15 ha provavelmente allusão aos pannos ou tapeçarias de raz (i.é, Arraz ou Arraiz): cf. *Elucidario* de Viterbo, s. v. **Arraiz.**

17. A pedra *jaspe* figura várias vezes no *Apocalypse:* IV, 3; XXI, 11, etc.

**Pag. 41** 5. *e cubertos* = e alem d'isso cubertos. A conjuncção *e* coordena *muitos* e *cobertos*, realçando esta última ideia.

9-10. *de seus nẽbros* = a respeito de seus membros.

11. *oolhassem*. Acêrca do conjunctivo, vid. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 218.

**Pag. 42** 2-3 Cf. o *Apocalypse*, XVII, 14: *Dominus dominorum est et Rex regum;* e XIX, 16: *Rex regum et Dominus dominantium.*

5-16. Cf. o *Apocalypse*, IV, 2, 3, que na traducção do P.e Ferreira de Almeida, *O Novo Testamento*, Londres 1819, pag. 265, soa assim: «E logo fuy em espi»rito *arrebatado:* e eisque hum throno estava posto 'no »ceo, e sobre o throno *hum* assentado. E o que *sobre* »*elle* estava assentado era, ao parecer, semelhante á »pedra jaspe e sardonia: e o arco celeste estava »a o redor, a o parecer, semelhante á esmeralda».

8. *homem*. Vid. supra, 37,6.

18. *hũu liuro çarrado cõ sete sellos*. Numa das visões do *Apocalypse* diz S. João, v, 1 (na trad. do P.e Ferreira d'Almeida, pag. 266): «E vi 'na *maõ* direita »do que assentado estava sobre o throno hum livro »escrito por de dentro e por de fóra, *e* sellado com »sete sellos». — Deve ligar-se com isto a nossa vulgar expressão *fechado a sete chaves*, que significa «muito bem fechado». O numero *sete* figura por muitas vezes no *Apocalypse*.

**Pag. 45** Com este trecho cf. *Crónica General* de Affonso X, ed. de Menéndez Pidal, Madrid 1906, capp. 5-7.

1. *ouue feytas*. O participio concorda com o complemento directo, ao contrário do que se dá na lingoa moderna: cf. *Rev. Lusit.*, IX, 58, e supra, 38,8.

2. *Callez*. Em port. ant. dizia-se *Callez* ou *Caliz* o que hoje se diz «Cádiz»; ainda nos *Dialogos* de Fr. Amador Arraiz, 2.a ed., Coimbra 1604, se lê *Caliz*, a fl. 115 r., col. 1; no *Dicc. Lusit.-Lat. de nomes proprios* de Poyares, Lisboa 1667, pag. 467, lê-se já «Ca-

diz ou Caliz». Na *Crónica General* ha igualmente *Caliz*, loc. citato.

11. *que*. Pleonasmo. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 57, § 36.

13. E' claro que esta explicação de *Lisboa* não passa de fantasia, pois *Lisboa* vem de Olisipona. Etymologias de tal especie são vulgares nos antigos auctores, e ainda hoje no povo. Num texto provençal do sec. XIV explica-se *Tolodol* (cidade de *Toledo)* pelos nomes dos cavalleiros *Tol* e *Ladol*, e explica-se *Segorbia* (cidade de *Segovia)* pelos dos cavalleiros *Sagorbia* e *Cobia* [1]. Já Vergilio disse de Capua: .. *Capys,—hinc nomen Campanae ducitur urbi* [2]. Na *Miscellanea di Filologia*, Florença 1886, pag. 265-267, publiquei algumas lendas populares portuguesas analogas, e conheço muitas mais.

15. *Gedeon* (personagem biblico) por *Geryon*, rei mythico da Iberia. Confusão devida á homophonia d'estas palavras. A *Cronica General* tem *Gerion*.

**Pag. 46** 1-7. Uso e abuso da conjuncção *e*, como é frequente no estylo archaico.

19. *tirados*. Vid. nota a 38,8.

**Pag. 47** 2. *nõ embargando que Hercoles era*=não obstante ser Hercules.

4-5. *piadoso aos bõos*=para com os bons; *brauo e forte aos maaos*=para com os maus.

6. *pello mundo*. A preposição *(pello*=per lo) indica extensão e derramamento; cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 162-b. *por*=para.

7-8. Estilo antithetico.

9. *d'elles* referido a *gentes*, embora do genero feminino, porque se tem em mente «homens». Cf. Moraes, *Gram. Port.*, liv. II, cap. II, § 8.

23. *avia em coração de*=tinha no intento. Infinitivo regido de *de* como complemento directo.

---

[1] Bartsch, *Chrestomathie Provençale*, 6.ª ed., col. 427-428.

[2] *Eneida*, X, 145, ed. de Julio Moreira.

**Pag. 48** 4. *Esto assy determinado.* Participio absoluto. Cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 249, obs. (sobre a collocação do sujeito antes do participio).

7. *que*=para que.

10, 11. *hos com que*=aquelles com quem.

13. *que eu.* Pleonasmo da conjuncção. Vid. 31,2.

15. *sem mereçimento* — sem o merecer. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 62, § 41-c.

18. *rio de Tejo.* Na denominação dos rios omittimos hoje a prepostção *de*, quando essa denominação não é tirada de nome commum ainda reconhecivel: cf. no onomastico *Rio da Ponte, Rio de Maçãs, Rio do Moinho.*

20. *boas bondades.* Pleonasmo, como em francês antigo *bones bontés:* vid. Leiffholdt, *Etymologische Figuren im Romanischen,* Erlangen 1884, pag. 92.

20-21. Desleixo de estilo na coordenação das orações, porque cada uma tem sua concepção.

21. *quanto he no chão*=e pelo que diz respeito a quanto é no chão.

**Pag. 49** 1. *chega o pam a segar com os primeyros.* Parece que se quer dizer que o pão se sega alli quando se segam os primeiros pães, isto é, que é muito temporão. No ms. de Rasis, possuido pelo Museu Ethnologico, lê-se a fol. 33 r: *llega el pan con los primeros;* na ed. da Academia de la Historia *(Memor.*, t. VIII, 1852, pag. 54) lê-se: *llega y el pan en los tempranos.*

2-3. Isto é: segam-no passadas sete semanas depois do dia em que o semeiam.

7. *odiante*=o diante. Ainda hoje dizemos: «lá para o diante».

**Pag. 50** 2. *que*=de modo que.

5. *segundo que*=conforme. Cf. «*segundo que* era ordenado» na mesma *Estoria de Vespesiano*, 2.ª ed., pag. 103.

15. *todos os que .. nõ lhe.* Por «quanto a todos os que .., não lhes».

**Pag. 51** 4. *que.* Cf. 50,2. *rrijo.* Adverbialmente.

**Pag. 52-53** Esta poesia pertence ao genero das orações á Virgem-Maria, de que ha muitos espécimes nas litteraturas medievaes. A mistura de latim e romanço (os Franceses chamam *pièces farcies* a taes composições) encontra-se várias vezes em Gil Vicente, em versos de caracter religioso.

**Pag. 55** 3. *en como quer que* = ainda que.
13. *que* = para que.

**Pag, 56** 3. *sem escriptura per ella* = só por si. Depende do *reteer* da linha antecedente.
11. *do britamento*. Depende de *vee*, isto é: *vee pelas* e *vee .. do*. Complementos de instrumento.
15. *quer* no sing., comquanto na l.14 esteja *poderem*. No espirito do escriptor ora está *monteiros*, ora *monteiro* (synecdoche).
16. *per que* = pelas quaes (cousas).
18. *o monte que he azaado de seer o porco* = o monte que é apto para ahi estar o porco; o monte em que o porco póde estar. Anacolutho.
24-25. *he-lhe necessario de saber conhescer*. Infinitivo regido de *de* como sujeito.
26. *en como* = como. *tragem* impessoalmente.
29. *elle* pleonastico, porque o sujeito é *quem quer* (l. 27).
30. *e assi* = tambem assim.

**Pag. 57** 2-3. *deue a filhar*. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 62.
4. *como e en que lugar he milhor pera lhe poerem a bozeria* = como lhe devem pôr a vozeria e qual é o lugar melhor para isso. O predicado *he melhor* havia de estar impessoalmente, e esta era a intenção primitiva do auctor, mas elle referiu-o a *lugar* (o que se vê de *para*).
12. *de se trabalhar*. Sujeito regido de *de*. Cf. 56,24-25.

**Pag. 58** 2. *prymeira* = primeiramente; cf. 37,12-19. *por acrecentar*: a syntaxe pedia só *acrecentar*, sem *por*

(=para), por isso que o infinitivo é appôsto a *fĩis*, porém na mente do auctor estava o *leem* da l.1; isto é: «leem para augmentarem em virtudes, etc.».

5. *dá*. O sujeito é o *Senhor* da l.4. *per ssa mercee* = por mercê de Deus.

7. *por tal sciencia* = por mera sciencia; isto é, só para saberem.

8. *querer:* infinitivo impessoal em vez do pessoal. *querendo:* depende mentalmente do *leem* da l.1.

9. Sobre a collocação do adv. *bem,* cf. *Rev. Lusit.*, IX, 63.

9-10. *por semelhante, em leendo.., filhar prazer.* Comquanto em hespanhol haja *por semejante* «igualmente», aqui o *por* liga-se com *filhar*, e o *semelhante* está adverbialmente, como nas ll.14, 25 e 28; a phrase vale pois por: para igualmente tomarem prazer na leitura (quando lerem para si ou para outrem). *em leendo:* preposição + gerundio.

10. *E a mym parece* = e de facto me parece.

12. A virgula que está depois de *trautado* é superflua. *algũas d'ellas:* refere-se ao *fĩjs* (do genero feminino) da l.2.

15-17. Das obras aqui citadas, só resta a última, de que publíco acima, pag. 54, um trecho. Cf. tambem *Grundriss der roman. Philol.*, vol. II-2, pag. 242 e nota 7.

19-20. Acerca das obras mencionadas aqui, vid. *Grundriss der roman. Philol.*, vol. II-2, pag. 245 e notas.

21. Na lingoa moderna dir-se-hia: «quantas multidões *não* fez?». O adv. *não* realça.

24. *do que lhes prouue* = acerca do que lhes prouve. A virgula que está antes é superflua.

25. *non pequena* = grande. Lítotes.

27. *mym.* Complemento directo: Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 59, 60.

**Pag. 59** 1. *toruando* (e não *tornando*, como tambem se poderia lêr). O sentido de *nom se toruando* é «não se estorvando (das suas obrigações)» = sem que se distráiam dos seus deveres obrigatorios.

**Pag. 60** 20. *nam sey parte de mym* = não sei noticia de mim, não sei inteiramente nada de mim, não sei o que é de mim.

24. *vela de minha memoria* = que fazeis velar minha memoria, que sois causa de estar sempre de vela a minha memoria, que a trazeis sempre àlerta ou desperta. A mesma ideia em 61,18: *memoria desuelada*, isto é, «desperta». E cf. 60,3, *sonos desuelados*. Nas *Obras* de Christovão Falcão, ed. de Epiphanio Dias, Porto 1893, pag. 56, 57, lê-se:

Como dormiraõ meus olhos!
Naõ sei como dormiraõ,
pois que *vela* o coração.

Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a pude dormir,
de ser muito acordada;
dos meus olhos foi *velada;*
mas como naõ *velarão*,
pois que *vela* o coração?

As horas d'ella cuidei
dormi-las; forão *veladas*.

**Pag. 61** 9-10. *ferida de minha chaga*, isto é: «que abristes minha chaga».

17-18. *de meus tristes pensamentos* depende de *chea*. A respeito de *desuelada*, vid. 60,24.

25. *desesperando* = causando(-me) desespêro.

**Pag. 62** 5. Isto é: «As lagrimas piedosas dão testemunho de meus gemidos e do que sentem meus sentidos e dos meus intimos segredos e das minhas dolorosas angustias».

7. *d'esta arte*. Quasi synonimo do *assy* antecedente. Podia supprimir-se a virgula do fim do verso.

10. *que nam sabe de ssy parte* = que não sabe nada de si. Cf. 60,20.

11 e sgg. Em fórma proverbial. Cf. *Adagios* de Rolland, Lisboa 1780, s. vv. «calar», «porta», etc.

**Pag. 63** 5-6. Rima imperfeita, ou toante, de *outro* e *pôtro*, a não ser que o auctor pronunciasse *ôtro*, como hoje

acontece nos fallares meridionaes (a condensação do ditongo *ou* em *ô*, nesses fallares, é já antiga). Outras rimas toantes são: *calla — folgada*, 62,11-12; *praça — passa*, 63,1-2.—Acerca de *ô = ou*, vid. *Esquisse d'une Dialectologie Port.*, Paris 1901, pag. 106-108.

11-12. Construa-se: «meu bem (vocativo), se vyvo huũ dia sem vos ver».

16-17. *myl mortes . . synto.* E' frequente exprimir a nossa lingoa um numero indeterminado, mas grande, com *mil.* Outros exs.:

*Mil arvores* estão ao ceo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos,

diz Camões, *Lusiadas*, IX 56, na descripção da Ilha dos Amores. Cf. Christovão Falcão, *Obras*, ed. de Epiphanio Dias, Porto 1893, pag. 77:

Os presos contão os dias
*Mil annos* por cada dia.

Na poesia popular (Fozcoa):

Toma lá, que te dou eu,
Um ramo de *resmaninhos*,
Já que te não posso dar
*Mil abraços, mil beijinhos.*

D'este uso nas lingoas romanicas falla rapidamente Meyer-Lübke, *Gram.*, III, § 50, mas só cita «cem». Já em latim: *mille lacer spargēre locis* em Ovidio, *Metam.*, III 522; o arco-iris, *mille colores* em Vergilio, *Eneid.*, IV 701. Tambem em latim se empregava *sexcenti* figuradamente na accepção de «muitos»: vid. Madvig, *Gram. Lat.*, § 70, e exs. nos Diccionarios de Freund e Theil: ao que corresponde o português, na lingoa familiar, com «oh! com seiscentos (diabos)!». Sobre o assunto escreveu Wölfflin um artigo no *Archiv für lateinische Lexikographie*, IX, 177.

UofM

**Pag. 65** 3. *antre Tejo e Odiana.* Era assim que se designava antigamente a provincia do Alemtejo: cf. *Rev. Lusit.*, III, 247.

3-4. *tijnha vooz* = era da parcialidade, era a favor.

8. *ouue comselho* = tomou resolução. *que*, accusativo.

19. *quinze dias do dito mes* = a quinze do dito mês.

19-20. *jazemdo asy sobre elle* = estando assim em volta do lugar, cercando-o.

**Pag. 66** 1. *todo Amdaluzia.* Cf. *todo Hespanha, todo Berberia*, em Moraes, *Gram. Port.*, cap. IV, § 2, n.º 5, o qual porém condemna estes modos de dizer.

4. *hũa legoa* = a uma legoa (de distancia).

5. *como* = quando.

5-6. *em amanhecendo* = ao amanhecer. *vyo vir atee oytenta de caualo* = viu vir cavalleiros que seriam em numero de uns oitenta.

10. *aquelles.* Complemento directo de *trouue;* hoje, na lingoa litteraria, repetiriamos o complemento, dizendo «trouxe-os». Tambem nas *Obras* de Christovão Falcão, ed. cit., Porto 1893, pag. 74, se lê: «as cousas de muita gloria.. recebe bem a memoria» (hoje: *recebe-as).*

11. *a que* = a quem. Cf. supra, annotação a 19,1 (pag. 99).

12. *que lhe Martim Affonso disera que estauom.* O primeiro *que*, relativo, introduz duas orações: cf. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 245. A collocação de *lhe* antes do sujeito é archaica; hoje sería: que M. A. lhe dissera.

**Pag. 67** 3. *eu e ti.* Quasi equivale a «eu comtigo»; mas outros comicos do sec. XVI (Antonio Ferreira, Sá de Miranda) empregam familiarmente o caso obliquo *ti* em circunstancias em que hoje adoptamos *tu*, como se póde ver em Moraes, *Dicc. da ling. port.*, s. v. «ti». O caso obliquo *ti* é normal em gallego, no sentido de «tu». Cf. tambem Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I (1907), 17.

**Pag. 69** 6. *esta*. Refere-se a *dor*.

7-8. Isto é: «agora, que a dor cresceu, até fugiria eu de mim proprio».

12. *tamanho imigo de mim*. Appôsto ao *a mim* do v. antecedente; isto é: «que sou inimigo de mim proprio». Ideia semelhante se encontra nas *Obras* de Christovão Falcão, ed. cit., Porto 1893, pag. 31:

..ha muito que me conheço
aborrecido de mim.

15. *nunca tais cuidados vi* (como estes).

18. *dentro nela*. E' classico. Hoje diz-se mais usualmente *dentro de*.

**Pag. 70** 2. *sobre tantos meus agravos* (que já soffri).

6. Isto é: «e com tudo, já confiei, etc.».

8-11. O sentido é: «se ainda houvesse esperanças de que por tempos viesse a acontecer que ao menos uma hora eu me não temesse, isto satisfar-me-hia». No v. 13 tem *fazer-se* a mesma accepção de «acontecer» que aqui.

**Pag. 72** 3. *filla que ffoy de Iohan Suarez*, isto é: filha de Johan Suarez, hoje fallecido. O mesmo emprêgo do preterito se encontra em documentos provençaes: *que fon fils de F.*, isto é «de F., que já morreu».

4. *firme mente*. O notario tinha ainda a noção de que eram duas palavras; hoje em gallego *-mente* junta-se ao adjectivo, como em português, para formar o adverbio modal. Com relação ao português antigo, cf. *Rev. Lusit.*, IX, 56.

**Pag. 73** 3. *a·montes e a·fontes*. Expressão rhythmica, muito frequente tambem nos nossos documentos.

9-10. *seia maldito atra vij.ª jéérazõ*. «El usar de »anáthemas y maldiciones es cosa muy comun y anti-

»gua en las escrituras y privilegios de España», diz Merino, *Escuela Paleographica*, Madrid 1780, pag. 85; o mesmo A., a pag. 85-87, cita uma escritura com um anathema notavel. Os nossos documentos medievaes abundam tambem nestes anathemas: *siquis tamen .. homo contra hunc meum uotum ad inrumpendum uenerit, in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore habeat portione(m) in eterna pena*, diz um documento dos começos do sec. x [1]; noutros condemnam-se os desgraçados infractores dos contractos a viverem com Dathan, Abiron, etc. Taes imprecações acham-se igualmente escritas nos livros antigos, vibradas contra quem os roubasse: vid. a minha *Noticia do poema de Santa Fé*, Coimbra 1902, pag. 10-11 (nota), onde citei exemplos. Estes costumes provém já da antiguidade; são vestigios das *dirae* dos Romanos e das ἀραί dos Gregos. «Não havia nos Gregos tratado ou lei importante que não fulminasse anathemas contra os transgressores .. Os estados e os particulares usavam d'estas ameaças para assegurarem o respeito dos lugares, dos testamentos, dos tractados, etc.» [2]. O mesmo se fazia com relação aos tumulos: nas inscripções gravadas nelles prohibe-se que ninguem os viole, — do que mencionei exemplos na minha citada *Noticia*, pag. 11 (nota). — Nos documentos gallegos é muito vulgar fazer prolongar o effeito do anathema até á 7.ª geração. Isto tem origem na Biblia, pois no *Exodo*, xx, 5, lê-se: *ego sum Dominus Deus tuus fortis, zelotes, visitans iniquitatem patrum in filios, in tertiam et quartam generationem eorum qui oderunt me.* O numero «sete» foi aqui introduzido certamente por causa do papel mysterioso que desempenha nas superstições; sobre o assunto haveria bastante que dizer, se fosse agora occasião propria para isso [3].

---

[1] *Dipl. et Ch.*, pag. 10 (nos *Port. Mon. Hist.*).

[2] *Diction. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «devotio» (pag. 114-115).

[3] Veja-se contudo: Andrian, *Die Siebenzahl im Geistesleben der Völker*, Viena 1901, onde estão colligidos muitos materiaes. Com relação a Portugal,

11. *de por meo* = a meias, cada um metade, isto é, dezoito soldos cada um.

18. *mouil.* Adjectivo empregado substantivamente = «bens moveis».

**Pag. 74** 6-7. *ffilla que ffoy.* Vid. 72,3.

11. *quintas* = quintas partes.

12. *diuia por auer.* Depois do verbo *dever* o infinitivo em gallego póde construir-se com *por*, com *a*, ou sem preposição, por exemplo: *deuemos por auer* (sec. XIII) [1]; *auemos e á·áuer deuemos* (sec. XIII) [2]; *ayo et auer deuo* (sec. XIII) [3].

15-17. Isto é: *outorgo .. de fazer .. de paz.*

17. *pela erdade.* E' appôsto syntactico a *por todas mjnas boas*, l.23.

18. *Et que esto seja firmj por sempre.* Ao repente póde parecer que o *que* é como em 14,5, isto é, conjuncção integrante, dependente de um verbo como «mandamos», tanto mais que no doc. anterior se diz absolutamente *e a carta remana sempre ffirme*, e nos docc. 3 e 4 se diz do mesmo modo *et a carta ffique ffirme;* mas, se se attender bem, vê-se que o *que* é conjuncção de fim para quê, o que se confirma com outros trechos publicados nos *Docc. Gall.* de Martínez Salazar: *et que esto nom possa caíjr en dulta et seya testimoyo de verdade, fizemos ende estes plazos partidos por a b c* (pag. 90), onde *testimoyo* mostra que o *que* se relaciona com a oração seguinte, e que é pois conjuncção final; *et o prazo esté firme et estauil por sempre, et que esto seia firme, nós conçello et abbade e conuento mandamos ende ffazer estes prazos* (pag. 83-84), onde, se o *que* fosse integrante, e não final, haveria pleo-

---

cf. «O senhor sete» por Trindade Coelho, na *Tradição*, vol. II e III (artigos feitos porém com designio meramente litterario).

[1] Martínez Salazar, *Docc. Gallegos*, pag. 69.

[2] Idem, ibidem, pag. 55.

[3] Idem, ibidem, pag. 71. Cf. pag. 49, 61, etc.

nasmo inutil com a juncção da phrase que elle introduz. Cf. 78,6.

**Pag. 75** 3. *que ffuj* = que foi, que já morreu. Vid. 72,3.

**Pag. 76** 11. *a* = ha.
14. *nos* = nós.
16. *uos* = uós.
25. *que* = para que. Vid. supra.

**Pag. 77** 8-10. Esta clausula é uma «resalva» do notario.
17. *testa . . da vjña* = entesta (confronta) com a vinha.

**Pag. 78** 4-5. Isto é: vos outorgo de fazer de paz com relação a qualquer embargo (= livre de qualquer embargo).

**Pag. 79** 2. *lo*. Já a cima, pag. 72, me referi a este e a outros castelhanismos do documento.
4. Pleonasmos da lingoagem tabellioa.
8. *syto*. No masculino, por concordar só com *ter(r)éo*.
9. *testa no*. Aqui a syntaxe é differente da de 77,17. Mas logo a seguir vem *de*, como supra.

# GLOSSARIO

# GLOSSARIO

Divido o Glossario em duas secções: vocabulos communs e nomes proprios.

Os vocabulos latino-barbaros vão em VERSALETES; os vocabulos portugueses-archaicos vão em *italico;* os vocabulos gallegos vão em **egypcio.** Os numeros escritos com algarismos maiores denotam as paginas; os escritos com algarismos menores denotam as linhas. Busquem-se com *v* e *i* as palavras que não se encontrarem com *u, j* e *y,* e vice-versa. Busquem-se sem *h* certas palavras que nos textos vem com elle.

Os verbos irregulares cito-os nas fórmas com que apparecem nos textos. Os verbos regulares cito-os no infinitivo. As fórmas com *-om, -de -des,* quando pertencentes a verbos que continuaram a existir até hoje, é inutil citá-las, porque foram indicadas de modo geral a pag. 83-84. Certas fórmas que apparecem muitas vezes, por ex. *nom, madre,* não as cito todas. Com relação ás palavras em que apparecem vogaes duplas, temos dois casos: umas vezes ellas são etymologicas, por ex. *meestre, tiinha, sõo;* outras são meramente orthographicas, indicativas de syllabas tonicas, por ex. *Casteella, hij* (= hii), *vooz;* só citarei as palavras que estão no primeiro caso. Dos nomes proprios cito apenas os mais importantes.

## I

## VOCABULOS COMMUNS

### A

*aa,* á: 33,22, 67,2.

*aar,* ar: 42,9.—Cf. *Rev. Lusit.,* IX, 6.

*aber,* haver, bens: 78,2.

*abofee,* polla abofee: realmente, na verdade: 68,6.—Resumo de *a-boa-fé.*—Cf. «bofá».

*aciprés,* cypreste: 53,9.—Cf. gall. *aciprés* e *alciprés,* e hesp. *ciprés.* A fonte de todas estas fórmas é o francês *cyprès (ciprès).*

*acordar-se,* concordar: 48,2 (acordarom-se).

*afeiçom,* affeição: 58,11.

**affonsiis blancos:** 72,7. Acer-

ca d'esta moeda, vid. Heiss, *Monedas Hispano-Cristianas*, I (1865), 40 ss.

*aia* (= haja): 14,5.

*al,* outra cousa: 20,8; 21,3,13.

*alá,* lá: 27,3; 39,14, etc.

*albarada,* o mesmo que *albarrada:* vaso para agoa: 51,5. Cf.: *Dicc. da Acad.,* s. v.; *Elucidario,* s. v. «albarada»; Dozy & Engelmann, *Glossaire,* s. v. «albarrada».

*alcaide:* 29,1 (alcayde): «o alcayde, official do rei como governador militar da povoação, era ao mesmo tempo magistrado municipal, intervindo na distribuição da justiça e no governo economico dos concelhos de primeira fórmula», — A. Herculano, *Hist. de Portugal,* IV, 3.ª ed., 138-139. Não se confunda com *alcalde:* ib., pag. 122 ss.

*alfeire:* 30,9 (alfeyre): rebanho em que não entram reses paridas nem de prenhez adiantada.

*alfeireiro:* 29,13 (alfeyreiro), 15: «o que segurava e mettia no curral, ou estancia nocturna, as vaccas ou porcos» *(Elucidario,* s. v.). O termo ainda hoje é conhecido no Alemtejo (Moura, Serpa e Safára), onde significa o maioral de um rebanho composto de borrêgas, borrêgos, carneiros, e bem assim de gado que pare temporão.

*alganame:* 29,3,4: «O principal pastor, e que toma sobre si a obrigação de concorrer e augmentar o rebanho». *Elucidario,* s. v. O termo é hoje desconhecido, pelo menos no Alemtejo, aonde ainda perduram alguns dos outros que se citam no texto.

*algũu,* algum: 66,9; alguem: 38,1. No f. *algũa,* alguma: 31,1; 58,8.

*alhur,* adv. «outra parte»: 30,20.

*alló,* lá: 47,9.

*almocouvar,* um dos pastores do gado: 30,25 (almocouuar). O texto tem esta serie: mayordomo, almocouuar, mayoral de gados.

*almuzala:* 13,2 = almuçala; cobertor, manta.

*alongado:* 17,3: *que ei alongado* «que está longe de mim».

*alteza,* summas qualidades, excellencia: 34,5.

*alqueevar,* alqueivar: 48,12 (alqueeuar).

*amigo,* namorado: 25,15. Esta palavra ainda hoje se emprega, mas em máu sentido, «amante».

*anojar,* enfadar, incommodar: 38,3.

*ant(e):* 1) antes, mas antes, pelo contrario: 25,4; 47,4; 2) *d'ante,* d'antes, antecedentemente: 38,8; 3) *ante que,* antes que: 37,8; 45,9.

*antre,* entre: 15,5; 41,17; 65,3, etc.

*apostadas,* ajustadas, dispostas: 41,4.

*aposto,* composto, grave: 41,30.

*apostura,* compostura: 41,27.

*aprés (d'),* cêrca, perto: 33,21. — Não é provavel que esta

palavra viesse do prov. *apres* ou do f. *après;* deve ter vindo de appressum em proclise; cf. *través, invés.*

*aprazar:* 55,8,9: «*aprazar por-*»*cos monteses e outra caça,*»—emprazar, fazê-la acan-»toar ou ensacar, para se ca-»çarem mais facilmente».— Moraes, s. v.

**apus,** após: 76,8.

AQUAS AQUARUM: 11,23-24. Vid. pag. 94.

*aquel,* aquelle: 47,5; 76,8 (gallego).—O *-e* de eccu'-ille cahiu em proclise. Cf. *Rev. Lusit.,* II, 102.

*aqueste,* este: 24,13.

*aquest(o),* isto: 22,19.

*aquiles,* aquelles: 15,14. Com quanto em gallego haja *aquil,* a par de *aquel,* deve aqui ser latinismo (-ille), pois logo adiante se lê *este.* Cf. *iste.*

AQUIS AQUARUM: 10,21. Vid. pag. 9.

*ar.* Particula reforçativa «re»: 15,8,9. Cf. *Rev. Lusit.,* IX, 21-22. Variante é *er* em 67,11.

*arco-celestial,* arco-iris: 42,16. O povo ainda hoje em algumas partes diz *arco-celeste* e *arco-celestre.* Cf. *Trad. Pop. de Portugal,* pag. 58.

**ardade,** herdade: 79,7.

*armadas:* 57,7. Termo de caça: «mangas de gente com cães, »que se punham nas batidas »para espantar as feras e as »fazer emboccar os portos, »onde as esperavão os caça-»dores», *Dicc. da Academia.*

ARTIGULO: 10,9: vid. pag. 92.

*aspeito,* aspecto: 41,11.

*assentar:* 56,21. Deve ser termo venatorio.

*assi,* assim: 19,14, 20,16, 33,19 (assy), etc. Nos textos gall.: 73,3, 76,22 (asy).

*assiinadamente,* assignadamente, determinadamente: 47,11 (assignadamẽte).

ASTO ANIMO: 11,17. Vid. pag. 93.

*atá,* até: 32,11 (ata·a), 41,15 66,13, etc.

*ateens,* até: 30,18.—Outras fórmas arcaicas parallelas são *atem, atens.* Tambem ha *atees* em J. Pedro Ribeiro, *Dissert.,* I, 284 (sec. XIII), e em Cortesão, *Subsidios,* s. v.: poderá estar por *atẽes.* Tambem ha *ataes* (acaso por *ataẽs*) <> hesp. arc. *atanes.*

**atra,** até: 73,9.—O *r* provém talvez do de intra ou intro ad: cf. aragonês *entro* e *troa* no sentido de «até» (apud Menéndez Pidal, *Manual elemental de Gram. hist. esp.,* 2.ª ed., § 129), prov. *tro.*

*aturar (comigo):* supportar-me: 69,3.

*augua,* agoa: 40,8; 42,14.

*avangelho,* evangelho: 36,1 (auangelho).

*avedes.* Vid. *aver.*

*aver:* 1) ter: 31,2 (auer); 2) bens, riqueza: 14,12 (auer); 3) *avedes,* haveis, tendes: 21,16.

AVELLANALES, avellanaes, avellanares, avellares: 10,21.

**avóa,** avó: 74,11 (auoa).

*avondar,* bastar, bem bastar: 68, 11 (auonda).
*avondança,* abundancia: 36,5 (auomdamça).
*avondosa,* abundante: 41,22 (auondosa), 53,13.
*avoo,* avô: 45,9.
**ayades** (=ajades?) hajaes: 73,4.
**ayo** (=ajo?) hei: 73,1; 74,17.
*azur:* 40,12. Com quanto se queira designar «côr azul», aqui *azur* não é o adjectivo «azul», mas uma pedra (talvez a *azurite).*

## B

*barom,* barão, varão: 41,8 (baron), 41,16.
*barregãa,* concubina: 38,10.
*barvara,* brava, inculta: 10,19 (baruaras). Do lat. barbara. Cf. J. Cornu, *Romania,* t. XIII.
*bautizar,* bàtizar: 50,15, 16; *batizees* «batizeis» 50,13.
*beençõ,* benção: 42,27.
*bẽes,* bens: 38,7. Num texto gallego: 78,5 (*bẽẽs*).
*bõa,* boa: 21,14; *per bõa fe* «por certo»: 21,14; 25,4.
*boas,* bens: 73,18; 74,16; 75,10.
*bofá,* a boa fé (emphaticamente), em verdade: 67,5.—Cf. «abofee».
*boo,* bom: 48,3; 55,4.—Cf. *Rev. Lusit.,* IX, 11-12.
*bõo,* bom: 65,2; 46,18, 19 (bõos).
*bozeria,* vozeria: 57,5. Cf. Moraes, s. v.
*bragarense*=bracarense: 11,22.
**branca:** 77,22. Acerca d'esta moeda, vid. Heiss, *Monedas Hispano-Cristianas,* I (1865), 40 ss.
*britamento:* 56,12. *britamento dos paães:* québra das hastes dos cereaes, etc., ao passarem por ella os animaes.
*busca, andar a busca:* 55,5; 56,7-8. Loc. de caça. Cf. Moraes, s. v. «busca».
*buscar:* 19,19. Ainda hoje dizemos: «foi o que eu lá fui buscar», isto é: o que eu lucrei..

## C

*1. ca,* porque, pois que: 18,5, 9, 17; 20,4; 37,2; 38,3; 39,11, 18; 46,11, 29; 56,4, 8, 26; etc.
*2. ca,* que (conj. integrante): 20,13; 39,4.
*3. ca,* do que (conj. comparativa): 20,20; 22,4.
*calçadura,* calçado: 42,4.
*camareira,* criada de quarto: 38,12.
*cantas,* quantas: 40,12.
**cãpã,** campainha: 79,3.
*çarrado,* fechado: 42,18.
*çarrar,* fechar: 39,17.
*çelada,* cilada, embuscada: 66,4. —A fórma classica port. é *cilada.* Cf. porém o hes. *celada.* Do lat. celata (celare). São fórmas semi-populares.
*celestrial,* celestial: 40,1; 42,23 (çelestrial).—Como se dizia *celestre,* com *r,* por influencia do de *terrestre,* o mesmo *r* passou para *celestial.*

*certamente,* com certeza, com veracidade: 33,5.

*certaõ,* certo: 22,4.—De certanus, derivado de certas. Cf. fr. *certain,* prov. *certá,* etc.

**chaman** (=chamã), chamam: 76,8.

*chanos* (=canos), alvos: 41,13.

**chantar,** plantar: 73,3; *chantada* (partic.): ib.

*chea,* cheia: 61,18.

**chousa,** tapada: 77,16.

*çinto,* cingido: 42,1.

*cobra,* copla, estrophe: 28,16.

*coita,* dôr, angustia: 19,4,15; 20,12,13,20; 23,5; etc.—Substantivo verbal de *coitar* <coctare *(coquere* «cozer») Metaphora analoga se usa hoje em *frigir* e *fritar* «consumir», *frito* «consumido».

*coitado,* angustiado, cheio de *coita:* 20,17.

*color,* côr: 23,14; 40,15 (collor), ss. (id.), 41,19 (id.).—Latinismo.

*comdestabre,* condestavel: 65,7.

*come,* como: 28,9; 30,10.

*como quer que digam que,* ainda que digam que: 28,18.

*comprido, -a* (comprir), cheio, cheia: 34,1; 36,12, 40,4.

*comprimento,* acabamento, arredondamento: 28,25.

*comprir:* 1) completar: 47,13; 2) *compre,* cumpre, importa, deve-se: 37,9 (conpre); 55,5; 57,3.—Do lat. complere, com mudança de conjugação. Fórma semi-litteraria.

*concludir,* concluir: 28,5 (concludirem).

**condado:** 75,8. Vide «voz».

**condiçon,** condição: 76,12.

*confi(s)som,* confissão: 38,11; 58,20.

*conhecedor dos porcos.* Cf. o verbo *conhescer* a pag. 55-57.

*conhocedor,* conhecedor: 29,7,16. No Alemtejo chama-se *conhecedor de porcos* ao maioral que, por ter grande prática de guardador, é encarregado de vigiar vários rebanhos de porcos, e incumbido de apurar as raças.

**connuçuda** (=coñuçuda), conhecida: 76,3. Cf. *conuçuda* e *cunuçuda.*

*co' no,* com o: 14,1. Por *cõ lo.*

**conocemos** (=coñocemos), conhecemos: 79,4.

**conplador,** comprador: 77,19. Fórma artificial.

*consiirar,* considerar: 58,1 (conssijrando).

*conteudo* (conteer), contido: 33,6 (contheudo), 26. Vid. pag. 84.

**contia,** quantia: 77,21; 78,6.—De *quantiva.

*contra,* para: 48,6; *encontra* (ou *em contra) de:* contra: 60,12.

*contriçom,* contricção: 38,2.

**conuçuda** (=coñuçuda), conhecida: 72,1.

---

[1] Apud. Calindo y Vera, *Progres. y vicis. del idioma castell.,* pag. 120.

**convento,** communidade, conjuncto dos monges do mosteiro: 77,14 (conuento).

**cóónar,** damnificar: 73,10. Provavelmente soava *cooñar,* com *n* = *ñ,* como em *conuçuda:* cf. hesp. ant. *calonna* = *caloña.* Com esta palavra se relaciona o port. *coima,* ant. *coomha, cooymha.* O etymo está no lat. calumnia: cf. J. Cornu, *Romania,* XI, 84 ss.; já porém antes d'elle Herculano, *Hist. de Portugal,* IV, 3.ª ed., 385, tinha visto a relação que existe entre calumnia e coima.

*coraçom,* coração: 23,5; 38,2 (coraçõ); *auia em coraçom:* 47,23, vid. a annotação a pag. 110.

*corréga,* compense: 30,22. Até o sec. XV é vulgar *correger.* Em *corréga* o *g* creio que tem valor guttural e não palatal *(j):* cf. *corrégua* e *corregãno* (=corrégã-no) em um doc. do sec. XIV no *Archivo Hist. Port.,* I, 351. Póde ser o lat. corrigam, com (recomposição).

*craras,* claras (d'ovos): 51,1.

*creer,* crer: 21,9 (creede): 70,5 *(creo* «creio»).

*creo.* Vid. «creer».

*cruees,* crueis: 46,17.

*çugidade:* 38,13. Hoje escreve-se inexactamente com *s-.*

*cujo:* 24,21. Vid. annotação a pag. 103.

*cunuçuda:* 15,13 (cunucuda). Num texto gallego: 74,6.

## D

*dada,* data: 33,1.

**dades** (dar) dais: 76,16.

**dedes** (dar) deis: 76,17.

*departir,* distinguir: 56,9.

*dereito,* justo, de justiça: 19,14.

**dereyturas,** direitos: 73,4.

*derom* (dar), derão: 32,7; 53,3 (derõ). Cf. pag. 83.

**deromper** (=derromper), romper: 73,8.

*des,* desde: 16,9; 30,2; 46,1; *des'y* ou *des hi* «em seguida: 56,12; 37,12, 17. Do lat. de ex.

*despois,* depois: 45,1; 45,6; *despoys que:* 48,25.

*desposta,* disposta: 49,1.

*desque,* desde que, logo que: 47,16.

*destorvar,* desviar: 24,12.

*desvairada,* variada: 40,5 (desuairadas): 40,14.

DEVENDICARE, resgatar: 11,7.

*devoçom,* devoção: 50,9 (devoçõ).

**devysões,** divisões: 77,21; 78,3.

*deziam,* diziam: 42,2.—Hoje é corrente *dezer.*

**dineyro** (=diñeiro): 77,22 (dineyros).

*disserom* (dizer), disseram: 39,5 (disserõ); 39,11 (id.).

**dito,** chamado (por alcunha): 75,2; 77,4.

**diuia** (dever), devia: 74,12 (diuia).

DIVIDENT, confrontam, partem: 10,14.

*dixeras* (dizer) disseras: 68,17.

*díxi* (dizer) disse (1.ª pess.): 24,6; 24,16. Cf. pag. 84.

*dizedes* (dizer), dizeis: 25,2. Cf. pag. 84.
*dizer*. Fórmas usadas nestes textos: *deziam, disserom, dito, dixeras, dixi, dizedes.*
*dona,* senhora: 19,1.
DUBLADO (duplicado): 11,9 (dublados).

## E

*e:* 22,2. Vid. Annotações, pag. 101.
*edeficar,* edificar: 37,5.
*eigleija,* igreja: 14,3 (eygleyga).
*eixeçom,* excepção: 78,2 (eyxeçõ).
*el,* elle: 25,10; 36,2 (ell); 39,16. Num texto gall.: 77,14. Cf. «aquel».
*ello,* isso: 48,1; 58,3; 66,3.
*embargando:* 47,2. Vid. Annotações, pag. 110.
*em,* 1) d'isso: 20,2 (en); 25,4. 2) isso: 39,6 (por en).—Esta fórma concorre com a fórma plena *ende* na lingoa antiga. Do lat. inde. Cf. *Rev. Lusit.,* IX, 20. A fórma contracta *en* deduziu-se de *ende* em próclise: o hesp. arc. conserva a fórma intermedia *end:* vid. Pidal, *Manual element.,* 2.ª ed., § 128.
*em como quer que,* ainda que: 55,3,9-10; 56,22.
*em na,* em a: 42,1-2. Por *em la:* vid. o meu opusculo *As «Lições de Linguagem» do Sr. C. de F.,* 2.ª ed., pag. 55 ss.
*em no,* em o: 41,24; 48,18-19,20, (en no). Vid. «eno» e «em na».
*emperador,* imperador: 36,14; 40,1 (ẽperador).
*en.* Vid. «em».
**ẽna,** em a: 75,8; 77,16; 79,8.—Cf. «em na».
*encontra* (=em contra). Vid. «contra».
*ende,* d'isso: 46,11; d'ahi, d'elles: 30,12; por isso (doc. gall). 74,19; 76,25.—Vid. «em».
*endõado,* em vão: 18,11,23.
*enha* (em próclise): minha: 67,13.
*enleger,* eleger: 33,25.
*eno* (=em no=em lo) no: 23,14. Vid. «em na» e «em no».
**ẽno,** em o: 78,13.
**enpeesca,** faça dano, seja motivo de annulação: 77,9. Flexão de *enpeesçer.*
*entom,* então: 16,9 (enton); 24,8.
*entruido,* entrudo: 30,18,19 (emtruido).
*enviar, enviar dizer:* 65,15.
*enuyaron* (=enviárom): 46,12.
*enxempro,* exemplo: 36,17.
*er:* 67,11. Vid. «ar».
*erom* (eram): 66,13.
**escrivi,** escrevi: 74,4 (escrivi); 75,20 (id.); 77,7 (id.).
**escriviu,** escreveu: 75,23 (escriuiu).
*escuitado,* escutado: 50,8.
*esguardar,* vêr, considerar, attender: 37,9.
*espartidura,* rego do cabello: 41,16.—Derivado do verbo *es-partir.*
*esprandecente,* resplandecente: 42,8,14 (esprandecẽte).
*esso,* isso: 25,2.
*est* (antes de vogal), é: 20,22.

*estadura,* talhe: 41,9.
*estauom,* estavam: 66,12.
*estês,* estejas: 63,1.
*esto,* isto: 21,9; 22,15 16; 29,1; 46,5; 48,4; 57,3; 65,10; etc. Em textos gallegos: 74,16; 67,23.
*estoria* = historia: 40,14.
*estormento,* instrumento musico: 42,21 (estormẽtos).
*estrollogo,* astrologo: 58,21.
**estraya,** estranha: 73,8; 75,11.

## F

**façades,** façaes: 73,5; 76,12,16 (ffaçades).
*fallecer: faleçeo da verdade,* faltou á verdade: 65,22.
*fallicimento,* defeito: 58,3 (fallicimentos).
*fazede,* fazei: 39,18.
*fazenda,* circumstancias: 20,3.
*fazer.* Fórmas usadas nestes textos: *fazede, fecerũ* (=fezerõ), *fecto* (=feito), *fezer, fezera, fezerom, fezesse, fezessem, fezeste.*
FECERŨ (=fezerõ), fizerão: 15,11.
*fecto* = feito: 38,8,10; *fectu:* 15,14.
*fee,* fé: 50,15. Em 21,14, temos *per bõa fe.* Outros exs. no *Canc. de D. Denis,* ed. de Lang, Gloss., s. v. Cf. «abofee» e «bofá» supra, e *bofé* em Moraes, *Dicc.,* s. v. Na *Eufrosina* de J. Ferreira, III, II (ed. de 1786, pag. 166): «*bofé,* senhor, não sey».
*feito,* sorte, destino, fado: 21,11; *de feito:* de facto, na realidade: 37,17.
FER: 10,14. Vid. pag. 92.
*fermosa,* formosa: 52,1; 31,8 (fermosas).—Vid. «fremoso».
*fezer,* fizer: 31,1.
*fezera,* fizera: 65,23.
*fezerom,* fizerão: 28,25; 39,1 (fezerõ).
*fezesse,* fizesse: 37,6.
*fezesem,* fizessem: 33,24.
*fezeste:* 46,18.
*ff-:* vid. *f-.*
*fiiglesia:* 73,2; 75,9 (ffijglesia); 76,9 (ffiglisia).—Vid. o vocabulo seguinte.
*fiigrisia,* frèguesia: 74,13 (ffijgrisia).—Vid. o vocabulo antecedente.
*fiinda.* Pag. 28,1-10. Ahi se dá a definição. Cf. D. Carolina Michaëlis no *Canc. da Ajuda,* II, 142-143: «curtas es» trophes ou meias estrophes » finaes, designadas pela cri» tica moderna como *tornada,* » *cabo, volta*».
*fĩjs,* do genero feminino, «fins»: 58,2.—Vid. «fim».
*filarũ* (=filharom), tomaram: 15,1.
*filhã,* tomam: 58,7.
*filhar,* tomar: 20,15 (filhei); 36,9; 58,10; 58,23 (filharom); tomar, receber: 32,2,3; apanhar: 56,25.
*1. fim,* fino: 52,10.—Cf. *Leonoreta fin roseta,* no *Canc.* de Collocci-Brancuti, n.º 230 (244), e na *Zs. f. rom. Phil.,* IV, 347-351 (artigo de D. Carolina Michaëlis).

*2. fim* do genero feminino: 60, 17 (fyns). Vid. «fĩjs».
**firmj** (=firmi), firme: 74,18.
FOCE: 10,16: foz.
**fondo,** fundo, baixo: 77,17.
*forom,* foram: 32,7; 40,3; 66,7 (fforum); *desppois que forom no paaço,* 48,10: «quando já estavam no paço», «assim que chegaram ao paço».
*fremoso,* formoso: 24,2; 36,20; 40,4.—Vid. «fermosa».
*frol,* flor: 23,3; 23,15: *no tempo da frol* «na primavera».
*fruytus,* frutos: 40,7. — Em 15,10: *fructo*=fruito.
*fui,* foi: 15, 19. Num doc. gall.: 75,3,8 (ffuj); 77,10 (id.).
*fundo,* baixo: 41,14; *a fundo,* a baixo: 41,1.
*furtar,* conquistar: 48,8.

## G

*gaado,* gado: 30,14.
*gafo,* leproso: 13,9 (gafos).
GANARE: 9,5: «ganhar».
*geeral,* geral: 55,4.
*geeralmente,* geralmente: 58,1.
*grado (de),* de boa vontade: 34,6; 39,11.
*gran,* grande (em próclise): 17,2, 6. Cf. *Rev. Lusit.,* VIII, 169.
*groria,* gloria: 60,22.
*guaanha,* ganha: 38,7.
*guardar-se,* precaver-se, estar acautelado, prever: 39,16.
*guarnido,* provído: 36,3,20.
*guarvaya* (=garvaia), 16,13. Certo vestuario rico. Cf. *Zs. f. romanische Philol.,* XXVIII, 385 ss. (D. Carolina Michaëlis).
*guazeo*=gázeo: 41,25 (guazeos).
*guisa,* especie: 40,8; maneira: 42,9 (guysa), 56,25.

## H

*herdamento,* herança (em sentido concreto): 14,1,3. Num doc. gall.: 76,10 (parece que em sentido abstracto).
*hétego,* hético, tisico: 68,5 (hetega), 9 (id.), 12.
*hi,* ahi: 41,13 (hj); 47,17 (hy); 65,2 (hij); *hy ouve:* 28,24 «houve».
*homẽe,* homem: 37,4. Como pronome: 37,6,11; 49,8 Vid. pag. 107.
*humildoso,* humilde: 47,8.
*hũu,* um: 28,23; 36,3; 39,7; etc. Num doc. gall.: 76,7 (hũus).

## I

ĩ (latinismo, por *em):* 15,6.
IACE=iacet: 11,20.
ĨDE (latinismo, por *ende):* 15,4, 10. Vid. «inde».
IERMANA=*germana:* 11,18, «irmã».
*ifanta,* infanta, infante: 33,13 e 14; 58,17 (iffãte). Vid. pag. 84.
*imiigo,* inimigo: 36,19 (imijgos). No sentido de Diabo, em 38,11. Cf. *imiigo* e *emiigo* no Vocabulario do meu *Livro de Esopo.* Vid. o vocabulo seguinte.

*imigo,* inimígo: 69,12. Tambem póde entender-se *ĩmigo.* Vid. «imiigo».

INDE (latinismo, por *ende):* 15,2. Cf. «ĩde».

IUDICATO: 9,12; 12,15. Vid. pag. 91.

*infinta,* fingimento, apparencia fingida: 39,1 (infynta). Cf. *enfinta* em Cortesão, *Subsidios para um Dicc.,* s. v.

*inliçom,* eleição: 33,24,

INTECRA = *integra:* 11,22; *intecras* «inteiras»: 12,3.

INTRINSECUS: 11,23.—Vid. pag. 94.

IPSA: 9,4: «a». Vid. pag. 90. —Sobre o uso de *ipse* em romanço, com o valor de artigo, vid. Pio Rajna na *Romania,* XX, 393 ss.

*irmãa,* irmã: 33,15.

ISTES, estes: 15,10.—Com quanto em gallego exista ainda hoje *iste,* a par de *este,* é provavel que seja aqui latinismo, pois no doc. ha outros. Cf. «aquiles».

## J

*já quanto,* um tanto, um pouco: 41,1,14.

**jeeraçõ,** gèração: 73,10.

*jogo,* exercicio (da caça): 56,8.

*jouso* (=joso ou juso), adv. «baixo»: 30,3.—Vid. «juso».

*joyz:* 29,1: juiz.

**jur,** direito: 73,5; 76,10 (jures).

*juso,* adv. «para baixo» «abaixo»: 10,17. Do lat. deosum. —Vid. «jouso».

## L

*labastro,* alabasto: 40,3.

*leedor,* leitor: 58,11.—Deriv. de *leer.*

*leendo,* lendo: 58,10.

*leer,* ler: 58,28.

*leitiga,* leitoa: 30,1.—Outros exs. em Cortesão, *Subsidios,* s. v. Para etymo deve admittir-se *lactica, correspondente a *lacto, -onis, «leitão».

*leixar,* deixar: 37,16; 65,1-2; *leixaremos:* 55,10.

*lenzo:* 12,6 = *lenço,* em sentido mais geral que o que tem modernamente. Cf. Moraes, *Dicc.* s. v., e este passo do *Esmeraldo,* na ed. de Epiphanio Dias, 111,12-14: «e as »mercadorias por que se aqui »faz o resgate do ouro, sam: »manilhas de latam . . e pano »vermelho e azul, e *lenço* nem »muito grosso nem delgado». Do lat. linteum «panno de linho».

*letera,* letra: 42,2.

*levar,* soffrer: 23,6; conduzir: 39,1 *(levárõ).*

*lhe' lo* = *lhe(s) lo,* lhes o, i. é «lh'o» (que tanto se usa no sing., como no plural): 20,8.

*lhi,* lhe: 24,5; 30,25 (lhy); 30,12 (lhis); 14,12 *(li);* 15,1-11 (li).

*li.* Vid. «lhi».

*libro,* livro: 55,11 (libros). Cf. pag. 54, n. 1.

*lidice,* ledice, alegria: 39,2.

*ligeirice,* presteza, actividade: 46,2.

*ligeyro,* destro, activo: 46,15, 23.
*lilio,* lirio: 53,18.
*linhaien* (= linhagem), masc.: 47,3.
*lo.* Vid. «lhe' lo».
*loar,* louvar: 23,7; 34,5.—De laudare > *lodare.
*ly:* 50,8. Vid. a nota ibidem.

## M

*madre,* mãe: 26,18, etc.
*mais,* mas: 20,3,6; 23,3; 24 11.
*malandante,* infeliz: 32,4 (mallandamte).
*malquiste,* malquisto: 46,6.—Sem dúvida esta lição é boa, pois está em todos os mss.; o *-e* explica-se como o de *acceite, assente, entregue:* cf. *Rev. Lusit.,* IV, 133.
*mancipia,* manceba: 11,26. Vid. pag. 94.
*manhoso,* bem dotado: 46,24. —Hoje emprega-se em accepção pejorativa.
*mao pecado:* 18,10. Vid. a annotação a pag. 99.
*maravedi:* 29,5, 9, 16; 30,15. Acerca d'esta moeda, vid. Teixeira de Aragão, *Descripção das moedas,* etc., t. I, Lisboa 1875, pag. 22 ss. e Viterbo, *Elucidario,* s. v. «maravidil».
*marrão,* porco pequeno, mas que já não mama (cf. Moraes, *Dicc.,* s. v.): 30,1.—No districto de Evora *marrã* é porca já crescida, que pesa de uma a duas arrobas. Na Beira Alta *marrã* tem a significação de «carne nova de porco».
*mayoral.* Vid. «rabadam».
*mayordomo,* mordomo: 30,24.
*mazela,* mágoa, desgôsto: 34,12. Do lat. *macella, por macula, com troca de -ula *(-cula)* por -ella *(-cella).* Cf. outros exs. em Cohn, *Die Suffixwandlungen,* Halle 1891, pag. 17 e 23.
*mea,* meia: 66,3.—Vid. «meo».
*meatade,* metade: 46,4.—Tambem nos textos gall.: 75,6, 76,6.
**médeo,** meio: 75,13.
*meesmo,* mesmo: 37,13; 45,8.
*meestre,* mestre: 66,1,5.
*meestria: cantiga de meestria:* 28,13-14, sem refrain ou estribilho.
*mençom,* menção: 32,19; 33,3; *faz mençon:* vid. a annotação a pag. 106.
*mentes.* Vid. «parar».
*mentre,* em quanto: 16,2; 32,8. —De dum interim, d'onde arc. *dementre* = *de-mentre.*
*meo,* meio: 40,16; 69,9; 80,4.—Nos textos gall.: 73,11; 76,24. —Vid. «mea».
*meor,* menor: 31,13, 17.—A fórma antiga *meor* perdeu-se, seguindo o mesmo destino de *meos* «menos», só hoje conservada em *mascavado* (açucar) < arc. *mascabado* < * *meoscabado* < *menoscabado;* cf. fr. ant. *meschever.* A base é minus caput.: vid. Körting, *Lat. rom. Wb.,* s. v.
*mercar,* contractar: 29,10; 30,3

*mercee,* mercê: 58,5.
*mereçimento:* 48,15. Vid. annotação a pag. 111.
*mes,* mas: 58,27.— Fórma corrente no *Leal Conselheiro;* attenuação de *mas,* que por sua vez o é de *mais* (próclise).
*messegeiro,* mensageiro: 36,8. —Do fr. *messager (messagier).*
*mester,* mister: 32,7.
*meyan:* 29,6: meã. Vid. *temporan.*— Do lat. mediana.
*mh* (=*mi,* atono), me: 21,1; 26,2.— Na nossa antiga orthographia o *h* valia pela semivogal *i* ou *y:* vid. «mha»; cf. *sabham,* vulgar nos docc. antigos.— Vid. «mi».
*mha* (=miâ): 18,2,3; 21,6,12; 23,6. Vid. «mh» e «miâ».
*mi.* Umas vezes «mim» (tonico): 19,2; 20,5; 21,3,13,16; 22,3; 48,13 (my).— Outras vezes «me» (atono): 20,1,13; 21,6; 22,5,11,17; 25,3.—Vid. «me».
*mia* (em próclise) «minha»: 16,4,9; 19,15; 20,3,11,12.
**mĩa,** minha: 73,8 (mĩa), 18 (mĩas); 75,10,11 (mĩas).— A nasal é devida á influencia do *m* inicial. São numerosos os exemplos d'este phenomeno em português.
MICHI=michi=mihi: 11,17.
*mig(o),* comigo: 27,2.— Do lat. mecum, com *i,* por influencia do de *mi.* Hoje diz-se usualmente *comigo* (i.é *cumigo)*< *com migo,* com repetição pleonastica de *com,* por se ter perdido a consciencia de que a preposição já estava representada em *migo;* em *comigo* a nasal de *com* foi absorvida pelo *m* seguinte [1]. E' pelo mesmo motivo que o o povo diz *mais melhor;* cf. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa,* I, 344.
MINSAS: 12,6=missas. Vid. pag. 94.
**mj** (=mi): 77,12.
**mjnas,** =miñas: 74,16.
*modio:* 9,24; 10,24: moio, sessenta e quatro alqueires (por este tempo): J. P. Ribeiro, *Observ. Hist.,* pag. 102, nota 1.
*moensteiro,* mosteiro: 13,14; 14,5 (moensteyro).— Do lat. *monisterium (por *monasterium;* como *baptisterium).*
*moesteiro,* mosteiro: 33,21.— Vid. o vocabulo antecedente.
**moesteyro:** 76,4,5,11.— Vid. o vocabulo antecedente.
*moiro* (vb.), morro: 16,3; 20,24; 63,19 (moyro); de *morio *(morior).*
**moneda:** 73,12; 77,22. Vid. a nota ao texto, pag. 73.

---

[1] É frequente ouvir-se em algumas terras (por ex. no Sul) *cõmigo*= *com migo,* mas tenho esta pronuncia como moderna, por analogia com as fórmas parallelas *comtigo* e *comsigo.*

*morabitino:* 13,11; 15,17, 18. Acerca d'esta moeda, vid. Teixeira d'Aragão, *Descripção das moedas,* etc., t. I, Lisboa 1875, pag. 24, e Viterbo, *Elucidario,* s. v. «maravidil».

**morauedis:** 76,24.—Acerca d'esta moeda, vid. Heiss, *Monedas Hispano-Cristianas,* I (1865), 40-62.

**moredes,** moreis: 76,13.

*morrei,* morrerei: 34,16.

**mors.** = moravedis: 75,14. Vid. esta palavra.

*morrer.* Fórmas usadas nestes textos: *moiro, morrei, moura.*

*moura,* morra: 70,14.—Variante de *moira.* Cf. «moiro».

**móvil,** móvel: 73,18 (mouil).

**moyto,** muito: 74,2 (moytos).

## N

*nado,* nascido: 18,9. Este antigo participio conserva-se ainda em algumas raras expressões modernas, como *sol nado* [1], *nado e criado,* etc. Do lat. natus.

**nasçemento,** nascimento: 78,8; 79,13.

*negar.* Vid. pag. 101.

*nembro,* membro: 41,10 (nēbro).—Do lat. membru(m), como arc. *nembro* (de *nembrar),* por **membro* < memŏro (de memorare). O substantivo *nembro* usa-se ainda no Algarve [2]; mas desappareceu da lingoa litteraria, sendo substituido por *membro,* que é mero latinismo.

NICIL: 10,25: nichil = nihil.

**njhũ,** nenhm: 76,19.

*nojo,* desgôsto, enfado: 25,4; 60,21.

*nom,* não: 21,12; 23,4; 20,1 (non), etc.

**non,** não: 76,18.

*no'no,* não o (embora não se escreva, tambem familiarmente se diz hoje ainda *não no):* 20,6. Cf. *co'no.*

NOTUM DIE: 9,3; 12,16. Vid. pag. 90.

*nulha.* Nas phrases *nulha rem* «coisa nenhuma», «nada»; 19,2, e *nulha sazom* «em tempo algum»: 21,13. Estas phrases tem, quanto a mim, origem nas provençaes *nulha ren, nuilla ren, nulha sason.* São locuções poeticas internacionaes.—E' mais provavel que *nulha* viesse do provençal, do que, como diz Nobiling (*Cantigas* de Guilhade pag. 28), do hespanhol.

---

[1] Cf. Epiphanio, *Gram. Port.,* § 89-a.

[2] J. J. Nunes, in *Rev. Lusit.,* VII, 249.

## O

OBTINE = obtinet: 11,25.
*odiante,* adiante: 49,7. Vid. Annotações, pag. 111.
*offeiro* «offereço: 13,13 (offeyro). 14,1 (id.).—De *offerio (por *offero),* que presuppõe **offerire* (por *offerre);* cf. ital. *offerire,* fr. *offrir.*
*oí,* ouvi: 24,1. Vid. *oïr.*
*oimais:* agora, d'ora avante: 19,18.—Provavelmente é provençalismo poetico *(oimais).*
*oïr,* ouvir: 19,16; 25,3. — Talvez galleguismo poetico. Flexões neste glossario: *oí, oiu, oyren* (gall.), *oyron* (gall.).—De audire > *odire. Tambem em hespanhol: *oïr.*
*oiu,* ouviu: 24,9.—Vid. *oïr.*
*onde,* d'onde: 30,20; pelo que, com o que: 38,6 (honde). Num texto gall. «do que»: 72,7.
**ontre,** entre: 77,20; 78,3.
*oolhar,* 41,11,24.—De *a(d)oculare > **aolhar.*
*ordem,* communidade monastica: 34,14
*ordenaçom,* constituição, lei: 33,27 (hordenaçom).
**outorgo,** *de que me outorgo* = de que me confesso, de que me declaro: 74,15,16; 75,10.—Flexão de *outorgar* < *auctoricare.
**outubre,** outubro: 79,12.
*ouue,* teve: 31,7.
*óuvi,* houve: 18,12,25.
OVELIA: 13,3 = ovelha.—Mera latinização da fórma portuguesa.
**oyren,** ouvirem: 72,2.
**oyron,** ouviram: 74,2.

## P

*paaço,* paço (real): 48,5 (paaços).—Do lat. palatiu(m).
*padre,* pai: 31,14; 45,12; 58,15. —Num texto gall.: 73,1.
*padroádigo,* padroado: 14,3. Cf. *Bausteine zur romanischen Philologie,* Halle 1905, pag. 681.
*pagar-se,* namorar-se, gostar: 19,3; 32,2.—Tambem em hespanhol *pagar* «prendarse», «aficionarse».
PAN: 13,5; pão.
*par* (adj. fem.): igual, semelhante: 23,12,21; 24,5.
*parar mentes,* attentar, attender, notar: 56,23.—Vid. Viterbo, *Elucidario,* s. v. «pára bem mentes», «pára mentes (parade mentes)»; cf. hesp. arc., por ex. no Arcipreste de Fita, *Libro de los Cantares,* est. 877 (ed. de *Poetas castell. anter. al sig. XV): en todo paro mientes.*
*parelha* (subst.), coisa igual ou semelhante: 16,1.—De paricula.
*paricía,* parecia: 42,4.
PARTE: 12,3 *(post tua parte).* Vid. pag. 94.
*parte,* nada: 60,20. Vid. pag. 113-114.
*partir,* separar, retirar: 25,9 (partirá).

*pa(s)sar,* exceder: 42,7 (pasaua).

**passar**: *contra isto quisser passar,* 75,12: contra isto quiser ir, isto quiser ultrapassar: 76,23.

*pastor,* pastora: 24,3. Cf. pag. 84.

*patornear,* praticar, conversar: 67,10 (patorneando).

*pee,* pé: 41,31; 42,3 (pees).

*pendença,* penitencia: 37,18 (pendemça). — Esta é a fórma legitimamente popular, correspondente a poenitentia; *penitencia* é fórma ecclesiastica, restaurada como latinismo.

*per,* por: 20,5; 29,1; 45,4; 46,11; etc.

*pera,* para: 28,4; 33,1; 46,16; etc.

*percalçar,* alcançar, adquirir: 58,12. — Vid. Diez, *Et. Wb.,* II, 417.

*perdiçom,* ruina, desgraça: 23,17.

*perdom,* perdoe: 23,11. — Por **perdõe,* de *perdõar* < perdonare.

*perfiar,* porfiar: 62,24 (perfyes).

*perigoo,* perigo: 49,6.

*perjuizo,* prejuizo: 32,17.

*pero,* com tudo: 22,4, 6, 10, 12, 18; 28,25; 47,3; 56,24; ainda que: 19,7, 17; 23,7; 34,15.

**persona,** pessoa, ninguem: 76,19.

**pesuyades,** possuaes: 73,4-5.

**pertiinças,** pertenças: 73,4.

**peyte,** pague: 73,11; 75,12; 76,23. Flexão de *peitar* < *pactare, de pactum.

*piadade* = piedade: 61,13.

*piadoso,* piedoso: 46,16; 47,4; 62,2 (piadosa).

*picam* (= picão): arruaceiro, valentão: 63,7.

*pino:* 25,14. Vid. Annotações, pag. 104.

PLACITUM: 9,2: «contracto», *Elucidario,* s. v.

*plazo,* prazo: 30,14; contracto: 15,11.

**pleito,** placitum: 76,12.

PLORIS, por *proles* «prole»: 12,19.

**plouguer,** aprouver: 72,6.

**pobra,** póvoa, povoação pequena: 74,4.

*pobrado,* fundado: 45,5 (pobrada), 6 (pobrado).

*pobrar,* povoar: 36,8; 45,7, 9.

*podedes,* podeis: 15,2.

*poder* (substantivado), forças militares, tropas: 47,12; *em seu poder:* 32,8 (vid. pag. 106).

*poderom,* poderão: 58,12.

*poer,* pôr, escrever: 56,4; pôr: 57,7.

*põer,* pôr, apresentar, dar: 20,13. Vid. «porrei».

*poerem,* pôrem: 57,4.

*pois,* depois: 39,17; depois que, logo que, quando: 39,7; visto que: 21,11.

*polla,* pela: 68,6; 67,12 (pollas).

*ponto: en bõo ponto (ali ueerõ):* 39,2: em boa occasião, a proposito.

*por,* para: 47,6. Nos textos gall.: 74,10, 18.

*porcariço:* 30,7: guardador de porcos. — Suffixo -aricius. Cf. A. Thomas: *Romania,*

XXXII, 177 ss., e *Nouveaux Essais de Philologie,* pag. 65.

*porém,* por isso: 24,6; 31,14; 37,8; 58,12, 26; comtudo: 46,8.

*porrei,* porei: 20,14, 16. De **pon'rei.*

*porsanar* (=porsãar), compensar, remediar: 15,12. — Cf. lat. *persanare.*

PORTU: 10,22: passagem, portella. Cf. *Elucidario,* s. v.

*portugalense:* 11,22=portuense. O nome antigo da cidade do Porto, origem do da nossa patria, foi *Portucale-,* que se tornou *Portugale-,* d'onde depois veio *Portugal.* A fórma *Portugalia,* que se lê em docc. lat., etc., é barbara.— Cf. *O Arch. Port.,* XI, 322-323.

*pôs,* estabeleceu, combinou: 25,21.—Flexão de *poer* (põer).

**pos,** depois de: 73,6.

*posadeiro:* 29,7. Vid. «pousadeiro».

*posse-sse* (=pose-se), pôs-se: 66,5,—O protótypo latino é: posi(t)-se (posuit se). Na lingoa popular é vulgar dizer-se: *pose-o,* etc.

*postumejro,* ultimo: 39,19 (postumeyra).—De *postremarius. Cf. *Rev. Lusit.,* II, 369; e vid. «prestumeiro».

*pousadeiro:* 29,13. O pousadeiro «era um dos zagaes do »rebanho, que parece tinha a »seu cargo prever o lugar »mais commodo para as amei»joadas». *Elucidario,* s. v.

*prazivel,* aprazivel: 36,7.—De placibile-.

**prazo,** documento, titulo (de emprazamento): 77,1.

*preguntar,* perguntar: 39,3.

*preito,* ajuste: 26,17: *talhou preito,* fez combinação, ajustou.—Cf. *pleito.*

*prema,* oppressão, afflicção: 46, 17. Nome verbal.

*prestumejro* = último: 28,15 (prestumeyra).—Vid. «postumeiro».

*prez,* preço, valor, merito, merecimento: 19,7.—Talvez provençalismo *(pretz).*

*priçiosas,* preciosas: 42,5.

*proeza,* nobreza, cavalheirismo: 34,2.

*prol,* utilidade: 25,1; 32,14 (proll); *nom vos tem prol* «de nada vos serve»: 25,1.

PRONO: 10,17: lat. *pronum.*

*prougue,* aprouve: 46,10, 28.

*prouximo,* proximo, vizinho: 37,12. A fórma *prouximo* repete-se mais duas vezes a fl. 5 v. do *ms.* do *Castello Perigoso;* o *x* de proximus deu aqui *ou,* como o de fluxus em *frouxo.* Nem *frouxo,* nem *prouximo* são porém da primeira epoca da lingoa.

*puridade* (escrivão da): 65,14. Vid. Moraes, *Dicc.,* s. v.

## Q

*quanto.* Vid. «já quanto».

**quaraenta** = 40: 74,14.

QUARTARIO: 13,5 = quarteiro;

quarta parte de um moio *(modio)*, i. é «dezaseis alqueires». Cf. *Elucidario*, s. v., e J. P. Ribeiro, *Ob. Hist.*, I, 102, nota 1.

*querede* (imperativo): 22,2.

*queredes*, quereis (querer): 22, 5, 11, 17; 39,9.

*querellas*, queixas: 47,8.

*querria*, quereria (querer): 21, 6, 12.

**quinõ** (=quinhõ): quinhão: 76,15.

## R

*rabadam:* 29,4. Hoje no Alemtejo significa o feitor encarregado de vigiar todos os maioraes *(maioral* é o principal pastor de um rebanho). —Cf. Gonçalves Viana, *Apostilas aos dicionarios*, II, 324.

*razom*, motivo, assunto: 23,16; assunto, thema: 28,6 *(as rrazões que disserom* «os themas que tratarom»); razão: 46,6; *rrazões* «discussões»: 31,3; *rrazum* (variante orthographica) «razão»: 30,15.

*razum*. Vid. *razom*.

*recábedo*, recibo: 30,10, 13. E vid. Moraes, *Dicc.*, s. v.

*receo*, receio: 70,1.

*regimento*, procedimento, plano: 48,3.

*regnar* = reinar: 33,17. Latinismo orthographico.

*regno* = reino: 32,10 (regnos). —Latinismo orthographico.

*reguardar*, olhar, attender: 58,2 (reguárdom).

*rem*, cousa: 19,2,3 *(ren)*: 22, 5, 11, 17; nada (adverbialmente): 20,3; 25,13.—Cf. neste glossario «nulha», e *Rev. Lusit.*, IX, 38, nota.

*remaecer*, ficar, restar: 15,18 (remaece). De *remanescere (inchoativo de remanere).

**remana**, fique: 72,12.—Devia soar *remanha*, do lat. remaneat. Cf. *Rev. Lusit.*, III, 171 (D. Carolina Michaëlis): ahi se citam fórmas de *maer* < manere. A *Crónica Troyana* tem *rremaeçer*. E vid. tambem este glossario s. v. «remaecer».

*ren*. Vid. «rem».

*renembrança*, lembrança, memoria: 32,9,14 (rrenembrança). — Cf. «nembro» neste glossario.

*repeendimento*, arrependimento: 38,2,11 (rrepeendimento).

*requere*, requer: 55,8.—De requaeri(t). O *-e* apocopou-se depois, como no arc. *sal* < sali(t), etc.; só se mantém hoje quando se lhe segue o pronome accusativo *(requere-o*, como *quere-o*, a par porém de *qué-lo)*.

*resona:* 12,15 < > resŏnat.

*reteer*, reter na memoria; 55,13; 56,2.

*retraya*, retrate: 16,5.—Infinitivo ant. *retraer*, do lat. retrahere, de cujo participio retractus se deduziu o moderno verbo *retratar*.

**revor**, isto é, *en reuor*, em con-

firmação (=confirmado): 73, 10.
*reſram,* estribilho: 28,16.
*reger,* guiar, levar: 46,23.
*ribaldo,* velhaco: 63,3 (rybaldo).
*rijo,* adv. «muito»: 51,4.
ROVORAMUS: 10,2 (rouoramus). Vid. pag. 91.
ROVORAVIMUS: 11,13 (rouorauimus). Vid. «revorar», e pag. 91.
*rr-.* Vid. *r-.*
*ruguadura* (=rugadura), rugas: 41,19.

## S

*sa,* sua: 15,16; 32 1; 58,5 (ssa); *sas:* 23 8; 28,4; 31,9. Fórma atona (a tonica é *sua*).
*saarado,* sarado: 50,12.
**saban,** saibam: 77,11; 78,16. Fórma analogica com as dos verbos regulares.
*sabedes,* sabeis: 25,15. Cf. pag. 84.
*saber,* conhecer: 33,8.
*sabor,* gôsto, prazer: 45,2.
*saboroso,* deleitavel: 48,21 (saborosa).
*sage,* prudente: 36,12.
*saido: ant' o prazo saido,* 26,11: «antes de decorrido ou terminado o prazo».
*sam,* estou: 60,15.—Cf. Adolfo Coelho, *Theoria da Conjugação,* pag. 21.
*sandece,* loucura: 19,19.
*san(o):* 26,5. Vid. pag. 104.
SAUTO: 10,20: souto.
*sazom (sazon),* tempo: 46,30: *iá auya longa sazon* «havia já muito tempo»; *á gran sazon* «ha muito» 20,12; *quand'a frol sazon á:* quando a flor chegou á sua epoca (em que apparece): 23,10.
*sazon.* Vid. «sazom».
*se* (<>*si),* assim: 23,11. Em jura. Cf. *se vos valha Deus* no *Canc. de D. Denis,* v. 1975; *se mi valha Deus,* ibid. v. 1974.—Do lat. sic.
*seeda,* assento: 41,4 (seedas). —De *sédita (por sessa); cf. *venda* < véndita (em hesp. *venta).*
*seede,* sede, estae: 48,12.
*seendo,* estando: 58,23.
*seentado,* sentado: 41,8.
*seeria,* seria: 37,7.
*seeriã,* seriam: 46,11.
*sega*=seja: 15,13.
*segundo que:* 50,5. Vid. pag. 111.
**seiades** (=sejades): 76,18.
*sejades,* sejaes: 39,5 (seiades),
*sem,* entendimento, razão: 22. 20; *sen* «motivo»: 20,9 *(já per neun sen* «por motivo inteiramente nenhum». Cf. provençal *per cal sen.*—Do german. sin (em all. *Sinn).*
*semelhante* (adverbialmente): 58,24, 25, 28.
*sen.* Vid. *sem.*
*senara* (=sẽara), seára: 15,8.
*senhas:* 29,13 e 14. Nome destributivo: «a cada um seu».
*senhor,* senhora: 16,4; 21,11; 22,1, etc. A palavra tanto era masc., como fem., por isso que vem de lat. seniore-.
*senhorio,* estado, imperio: 40,2;

govêrno: 47,4; govêrno, dominio: 46,20 (senhorios).

*senhos:* 30,5: *por senhos* «cada um por seu».

**senllas**: *en senllas,* «cada um em sua»: 76,6.

*senom,* senão: 38,1; 48,23 (senon): 55,12; 65,23; mas: 31,3 (senão).

**senon,** senão: 76,19.—E vid. «senon».

*sento,* sinto: 60,10, 11, 13, 16, 17, 19. —Em hesp. *siento.*—Cf. «servo» neste glossario.

*ser* (arc. *seer).* Fórmas usadas nestes textos: *erom, forom, fui* (3.ª pes.), *sam, seede, seendo, seeria, sega* (=seja), *sejades, siant* (sejam), *siia, som* (1.ª pes.), *som* (pl.), *son* (gall.), *soo* (gall), *sõo* (sou), —ora no sentido de «ser», ora no de «estar».

*sermom,* sermão: 50,10.

*servidom,* servidão, escravidão: 46,18 (seruydon), 19 (seruydom). Do lat. servitudine-, com a fórma intermédia **servidõe.*

*servo* (verbo), sirvo: 34,6.—Fórma tambem hoje usada em Tras-os-Montes (ouvi-a em Felgueiras de Moncorvo, tanto no fallar usual, como num romance); em ant. leonês *siervo.*—Cf. «sento» neste glossario.

SESSEGAS: 11,24=*séssegas* (pl. de *séssega). Ses(s)egas mol(l)inarum* exprime o direito que tinha o dono de um moinho, situado em chão alheio, de o substituir por outro: J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.,* IV, pt. II, pag. 133. Provavelmente *molinarum* (com quanto em lat. houvesse *molina* «moinho») está por *molinarias,* i. é *sessegas molinarias;* cf. *sesicam molinariam* nos *Dipl. et Ch.,* pag. 16.—A palavra *séssega* relaciona-se com *sessegar* (mod. *sossegar),* do lat. *sessum:* vid. D. Carolina Michaëlis, na *Miscellanea Caix-Canello,* pag. 156.

*ses(s)eenta,* sessenta: 33,19.

*seyredes,* saireis: 39,19.

SIANT: 11,1. Vid. pag. 93.

**signo,** sinal: 74,26; 77,7.

*siia,* estava: 41,7.

*sinprez,* simples: 41,24.

*sirgo,* fio de seda: 40,11.—Do lat. sēricus: cf. J. Cornu, *Gram. der portug. Sprache,* 2.ª ed., § 11, que explica a mudança de *ē* em *i,* por influencia do *i* seguinte,—phenomeno de que cita varios outros exemplos, como *divida,* etc.

**so,** sob: 77,10; 78,5.

*sobervoso,* soberbo: 47,7 (soberuosos).

*soem,* costumam: 23,1.—Do lat. solent.

*sol,* i. é *sol non,* de nenhum modo: 19,16; sòmente: 25,3 Cf. Nobiling, *Cantigas de Guilhade,* pag. 23.

**soldos**: 72,6; 73,11; *soldos alfonsiis da guerra:* 74,14; *soldos d'alfonssis da guerra:*

75,5. — Vid. Heiss, *Monedas Hispano-Cristianas,* t. I (1865), pag. 40 ss.

*1. som,* estou: 58,19; 69,2,

2. *som,* são: 33,7; 37,3; estão: 46,17 (ssom): 56,30 (son).

*somana,* semana: 49,3 (somanas).

**son,** são; 76,9. E vid. *som.*

**soo,** estou, fico: 72,7 (sóó), son: 75,6.

*1. sõo,* sou: 22,4 (no *Canc. Vatic.,* n.º 115, está porém *soo):* 23,9.

*2. sõo,* som: 42,22 (sõos).

*sorodeas,* serodias: 48,26.

*soube,* teve conhecimento de: 47,10.

*souberon:* 46,9.

*ss-.* Vid. *s-.*

*suso,* a cima: 30,15; 36,16.—Do lat. sūsum (não de *sursum).*

*sya.* Vid. *siia.*

## T

*ta,* tua: 63,6,9 (tas).—Fórma atona; a tonica era *tua.*

*talhar,* decidir, combinar: 26,17.

*teemos,* temos: 56,4.

TELEGA: 13,5; teiga, certa medida (variavel).

*temporan* = temporã, 29,6. No Alemtejo chamam-se *temporãs* as cordeiras ou borrêgas que nascem em Novembro e Dezembro; e chamam-se serôdias ou *meãs* as que nascem em Janeiro e Fevereiro.

*ter* (arc. *teer, têer).* Flexões nestes textos: *teemos, teverom, tiinha.*

*termho* (= térmio), «termo»: 48,16,20; 49,2. Do lat. terminu-.

**tereo** (= terréo), terreno: 79,7. —Hoje ainda em gallego *terréo.* Do lat. terrēnu-.

*terra, atee a terra:* até o rés do-chão: 39,12.

**testa** (verbo), entesta, confronta: 77,17; 79,9.—Derivado do substantivo *testa.*

**testemoyas** = testemunhas: 74,22; 77,3. — Cf. *estraya.*

*teverom,* tiverão: 39,2 (teuerõ). Da fórma arc. **têverom* < tenuerunt.

*tiinha,* tinha: 41,30 (tijnha): 42,4 (id.): 65,3 (id.).

TIVI = tibi: 11,18 (tiui), 22 (id.), 24 (id.).

*todalas,* todas as: 42,7.—Cf. «todolos».

**todaslas,** (= todallas), todas as: 78,14.

*todo,* tudo: 63,3.

*todolos* = todos los, «todos os»: 29,2.—Cf. «todalas».

TORNENT: 12,2 = tornem, voltem.

*torto* (subst.), sem-razão, damno: 15,2,10.—Cf. fr. *tort.*

*torvar,* estorvar: 59,1 (toruando: 65,23 (toruar): 51,13 (toruam); perturba: 58,11 (torua).

*tostemente,* de pressa: 56,3.—Tambem ha em port. arc. *toste,* como adverbio. Este adverbio foi reforçado com o habitual suffixo *-mente,* como *malmentes* por «malmente» (cit. na *Rev. Lusit.,* II, 250); cf. francês *aussiment* e *autressiment,* de *aussi* e *autressi* (em A. Thomas, *Mélan-*

*ges d'etym. fr.*, Paris 1902, pag. 113). Prefiro dar esta explicação, a admittir *toste* como adjectivo.

*trajer*, trazer: 24,11; 56,26 (tragem). Outras flexões: «treiserem» = «trexerem», «trosessem», «trouxe». — O verbo *trager* vem de *tragere, infinitivo deduzido de traxi, por analogia com os verbos em -gere, que tem o preterito em -xi. Vid. *Rev. Lusit.*, II (1890-1892), 269 e 349.

*trautado*, tractado: 58,12,18.

*treiserem* (com *s* = *ss*), trouxerem: 30,11. — Cf. «trexerem».

*trexerem*, trouxerem: 30,7,9. — Presuppõe a 1.ª pess. *trexe* < **treixe* < traxi. O texto em que vem este vocabulo é do Alemtejo, e na lingoagem d'essa região é usual *e* por *ei*.

*trobar*, trovar, poetar: 19,10; 23,1,3.

*trosessem* (=trossessem), trouxessem (que se pronuncia litterariam. *troussessem*): 30,10.

*trouve*: 66,10 (trouue). — Cf. *Rev. Lusit.*, II, 269-271.

## U

*u-*. Vid. *v-*.

*u*, onde: 21,5,10,15; 24,13; 25,12,16, etc.; aonde: 65,6 (hu) — Tambem nos textos gall.: 74,14, onde. — Do lat. ŭbi. O *ŭ* está representado por *u*, e não por *o*, por causa de ser proclitica a palavra; cf. na lingoa familiar *im* por *em*, do lat. ĭn.

*ũa*, huma: 70,10. — Cf. «unha».

UNDE. Latinismo orthographico por *onde* «d'onde», «do que», em 15,5,7 (unnde), 8 (ũde); «d'onde», «de que terra», em 39,3. Em documentos officiaes conservou-se até tarde na fórmula *unde al nom façades*. Vid. *Elucidario*, s. v.

*unha* (= ũa), uma: 24,3.

UNO (= ũo), um: 15,9. Latinismo orthographico.

**usal**, usual: 73,12; 75,14. — Deriva de *uso*, ao passo que outras fórmas romanicas, parallelas a esta, como port. *usual*, hesp. *usual*, fr. *usuel*, ital. *usuale*, vem directamente do lat. usualis.

*úú, nẽ úú* (=nẽ ñu): 25,18, nenhum.

## V

*val*, vale: 37,20 (uall). — De valet. Cf. «quere». Na lingoa litteraria dizemos hoje *vale* ou *val*, embora escrevamos a palavra com *-e*.

*varom*, varão: 24,10. — Cf. «baron».

*vas*, vais: 66,1,7. — Não vem de vadis, como *vais*, mas é fórma analogica: *vou-vás*, como *estou-estás* e *dou-dás*. Na lingoa popular manifestão-se ainda outras analogias entre estes verbos.

*vee*, vê: 56,11 (uee), 28 (id.).

*veer*, ver: 26,16; 39,11 (ueer): 41,27; 42,8 (id.); 45,3 (id.). — Tambem num doc. gall.:

73,9 (ueer). Flexões: «vee», «veerei», «virĩ», «virom», «viron» (gall.).

**véérẽ**, vierem: 73,6 (uéérẽ).

*veerei*, verei: 21,4,9,14.

**vendedor**, vendedora: 73,17 (uendedor). Este nome tanto era masculino, como feminino, porque, comquanto em lat. seja venditor masc., foi identificado com os nomes uniformes em *-or*: cf. pag. 84.

**vendiçõ**, venda: 73,9 (uendiçõ), 14.

**véndida**, venda: 73,18 (uendida).—Do lat. vendita. Cf. hesp. *venta*.

*venerabil*, veneravel: 41,10 (uenerabil).—O suffixo *-bil* é latinismo; o suffixo genuinamente português é *-vel*.

*ventuira*, ventura, sorte: 32,1. Presuppõe *venturia.

*veo*, veio: 39,7 (ueo): 65,1,25; 66,5.—E' um raro exemplo de preteritos em *-o*, do typo gall. *tubo, truxo*, e hesp. *tuvo, trajo*. Por isso deve escrever-se hoje *veio* e não *veiu* [1]. Fórma anterior a *veo* é *vẽo*, ainda hoje conservada no povo: vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 141.

*ver*. Flexões: vid. «veer».

*veudros* (=vedros), velhos: 30,5 (ueudros). A par ha em port. arc. a fórma *vedro* (ex. *de tempo de vedro*, «desde os tempos antigos», no *Elucidario*, s. v.), conservada ainda hoje no onomastico português e gallego, como *Alhos Vedros, Paço Vedro, Pontevedra, Torres Vedras*. Representa o lat. vetus, isto é: *veterus, -a, -am: cf. Diez, *Et. Wb.*, 4.ª ed. pag. 338, e A. Thomas, na *Romania*, XXXIII, 223.—Quanto ao *eu* de *veudros*, no nosso documento, direi que não conheço outro exemplo; talvez seja orthographico, ou mero êrro.

*viço*, regalo: 37,3 (uiços).

*vĩido, -a*, vindo, -a: 39,5 (uĩidos): 46,10 (uijndo): 47,6 (vijndo), 10 (uĩjda).

*viinha*, vinha: 47,11 (vijnha)

**viinte**, vinte: 78,7 (vijnte).

*vĩir*, vir: 37,1 (vĩjr), 38,11 (id.). Flexões: «vĩido», «viinha», «véérẽ» (gall.).

VILAR, pequena *villa*, ou fracção de *villa*: 10,12 (vilares), 14,15,18; 11,1,8.—Cf. Viterbo, *Elucidario*, s. v. «villula», e A. Sampaio, *As villas do N. de Portugal*, Porto 1903, pag. 62. E vid. «villa» neste glossario.

VILLA: 10,15,19: «herdade, casal ou granja, constante de »peças de terra, com sua casa »rustica, e de abegoaria para

---

[1] Corrija-se pois o que se lê nos *Estudos de Philolog. Mirandesa*, I, 393, onde eu disse que não havia em português exemplos d'este typo.

»recolher as frutas e criar os »gados e outros animaes do»mesticos» (*Elucidario*, s. v.). Cf.: *As «villas» do N. de Portugal*, por Alberto Sampaio, Porto 1903, pag. 32 e passim; e *O Arch. Port.*, v, 199-200.

VINDERE: 9,7: vender. Vid. pag. 90.

VINDEREMUS: 10,11. Vid. pag. 90.

*vir* (arc. *viir, vĩir=viinr*). Flexões: vid. *vĩir*.

*virgeu*, vergel: 24,2.

*virĩ*=virẽ: 15,14 (uirĩ).

*virom*, viram: 50,1.

**viron**, viram: 74,2 (uiron).

*vistida*, vestida: 41,30; 52,10.

*vistidura*, vestidura, vestido: 41,30; 42,2.

*vogado*, advogado: 31,2.

*vogue* (de *vogar*), advogue: 31,3 (uogue).

*voontade: segundo sa voontade de cada hũu d'elles*, 28,22-23: segundo lhes pareceu; 37,17 (uoontade) «vontade».

*vosc(o)*, comvosco: 26,11.

**voz**: 72,4,6; 73,1,6,10,11; 74,9; 75,3,4,7,8; 76,23; 77,12: escrito ora *voz*, ora *uoz*. No *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo dão-se a *voz* varias accepções: «pessoa», «vida» (i.é: geração), e além d'isso »commissão, poder, faculdade »para representar a pessoa do »constituinte, tomar a sua »voz e fazer as suas vezes», e «commissão», «mandato», «procuração». A proposito de *uoz do condado* em 75,8, dizme o Sr. Martínez Salazar em carta de 31-X-907: «*ẽna »uoz do condado*. Es la úni»ca vez que he visto esta »frase en los documentos. »La palabra *voz*, además de »las accepciones que le da »Santa Rosa, tiene en Galicia »la de *herencia*=derecho: »*por uoz de meu padre ó de »mja madre*. En este caso »parece significar *jurisdic»ción* ó *territorio*, y lo de »*condado* puede referirse al »de Trastámara, á que perte»necía la comarca. No acier»to á interpretar la frase de »otro modo».

## X

*x'* (xi, xe), si: 19,6,7,12. Dativo ethico.

## Y

**y**, ahi: 76,18; 77,7.

**ya**, já: 74,11; *por ya mays (mais)*, «para sempre»: 73,7,13.

**ya mays**. Vid. «ya».

*ymagẽes*, imagens: 45,22.

*ymygos* (=imijgos?), inimigos 65,10.

## Z

ZEREUM: 12,6.=*céreum*. Do lat. cerĕus «cirio»; aqui o do altar. Cf. *Elucidario*, s. v. «cereum».

II

# NOMES PROPRIOS

---

Por abreviar, cito só pelos nomes dos autores os seguintes trabalhos: *Die altportugiesischen Personennamen germanischen Ursprungs* de W. Meyer-Lübke, Viena 1904; e a critica do mesmo trabalho por Th. von Grienberger na *Zeitschrift für Deutsche Philologie,* XXXVII, 541-560. De um e de outro fallei na *Revista Lusitana,* IX, 393 ss.

Sobre a origem dos nossos nomes proprios medievaes, vid. tambem um artigo de Pedro A. d'Azevedo na mencionada *Revista,* VI, 47 ss.

Quem desejar conhecer mais documentos em que alguns d'esses nomes occorrem, ou outras fórmas d'elles, consulte o *Onomastico Medieval* que o Dr. A. Cortesão está publicando n-*O Archeologo Português.*

## A

ABBA (David): 12,1: nome de homem. — E' a palavra syriaca abba «pai», em grego ἀββᾶ (indeclinavel).

ALBARELIOS, Alvarelhos, no concelho de Santo-Tirso, junto do rio Ave: 11,20-21; *civitas* ou «castro», isto é, monte com vestigios de fortificações antigas (o mesmo que *oppidum).* Cf. J. Fortes, *A estação archeol. de Alvarelhos,* Porto 1899; e as minhas *Religiões da Lusitania,* II, 39.

AMARELLO: 12,20; nome de homem. — E' o adjectivo comum *amarello* tornado nome proprio, evolução sematologica facil de comprehender. Acerca do etymo vid. *Zs. für roman. Philologie,* XXVII, 123; e cf. *Rev. Lusit.,* VIII, 226.

**Ambrõa (San Tisso de):** 76,10 (Anbrõa), 74,8 (Anbroa), 13 (Ambroa). Hoje S. Tirso de Ambroa, parochia do *ayuntamiento* de Trijoa, na provincia da Coruña. O til é etymologico: cf. *Ambrona* na provincia de Soria.

ANDREA (SANTUS): 9,9. Vid. pag. 90.

*Anriqui:* 32,11 (Anrriqui). O Conde D. Henrique, pai de D. Affonso Henriquez, governou o condado de Portugal de 1097 a 1112. — Este nome é de origem germanica.

ARAGUNTI: 9,2: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 63; von Grienberger, pag. 550.

ARGUIRU: 9,1; 10,3: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 82; von Grienberger, pag. 551.

ARIULFU: 12,21: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 83.

ARON: 12,21: nome de homem. — Provavelmente é o nome biblico *Aaron.*

*Arthur:* 39,4. Vid. pag. 108.

ASPERIGU: 12,20: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 73.

ASTRILI: 9,1; 10,6: nome de mulher. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 93; von Grienberger, pag. 552.

ATINA: 11,13: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 96; von Grienberger, pag. 553.

AUMIRO: 11,14: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 69; von Grienberger, pag. 551.

## B

*Badalhouce,* Badajoz: 65,25; 66,4-5,7. — Fórma corrente em português até o sec. XVI (mas Camões usa já *Badajoz).*

BALTAR: 10,13: nome de um *villar,* junto do Paiva. Ainda hoje ha ahi duas povoações d'este nome, contiguas: *Baltar de Cima,* e *de Baixo,* no concelho de Castro-Daire. Vê-se que o nome medieval se conservou até o presente. — E' de origem germanica: está por *Baltari,* que se lê em um doc. do sec. XI (vid. Cortesão, s. v.), genetivo de *Baltarius:* sobre este, cf. Meyer-Lübke, pag. 18.

BALTEIRO, nome de homem: 10,5; 11,12. — Cf. «Baltar».

**Bardanca,** alcunha: 74,2.

BASTUZIO (= Bastucio), hoje Bastuço, aldeia: é a do concelho de Braga ou a do de Barcellos.

BONOSO: 10,7: nome de homem. — Cf. *Bonosus* em Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz,* s. v.

*Brancafrol:* 22,8. Vid. pag. 103.

## C

**Çacoto:** 75,7: appellido.

*Cállez.* Cadiz: 45,2. Vid. pag. 109-110.

*Canas:* 10,15: nome de uma *villa* na região do Paiva. Hoje o nome creio que não se conserva.

**Carvallar**, aldeia gallega, na prov. da Coruña, hoje chamada *Carballal:* 75,2 (Caruallar).—Nome derivado de *carvalho,* com o suffixo *-ar,* e não *-al,* por já haver no corpo da palavra uma consoante lingual. Todavia no onomastico gallego é frequente hoje *Carballal,* a par de *Carballar;* e o mesmo acontece no vocabulario comum.

**Carvalliça**: 75,8 (Caruallíça). Appellido tirado de um nome geographico, que se decompõe em *carvall-iça.*

Castro de Bove = Castro de Boi: 11,21 (C. de Boue). Esta designação perdeu-se, mas o local a que ella se applicava corresponde á aldeia de Castro ou *Crasto,* na freguesia de Vairão, concelho de Villa do Conde,—como em carta me informa o Rev. Sousa Maia, Abbade de Canidello, que accrescenta: «nas *Inquirições* lê-se: Modivas .. qui stat inter Fajozes et Vayram, subtus *Castrum bobis*». Martins Sarmento, n-*O Arch. Port.,* vi, 47, chama *de Santo Ovidio* ao tal *Crasto,* por que ahi ha uma capella com aquella invocação. —No concelho do Marco ha tambem um *Castro de Boi:* cf. *O Arch. Port.,* vi, 175.

*Centegãus,* hoje Santagões (segundo penso) no concelho de Villa do Conde: 14,2. Cf. *Bausteine zur romanischen Philologie,* Halle 1905, pag. 678, onde tratei d'este assunto.—Tambem ha *Santegão.*

Civitas de Alvarelios. Vid. «Alvarelios».

Coina (= *Coĩa,* com o accento tonico no *i),* hoje Cunha, talvez a do concelho de Braga: 15,5,9. Cf. Cortesão, *Onomastico,* s. v. Tambem no onomastico do sec. xi ha *Colina.* O etymo será cŭlīna (embora no lat. vulg. se dissesse *cocina)?

*Cornoalha:* 31,16: Cornwall, no SO. da Inglaterra.

*Costança,* Constança: 33,12.

Crexemil, hoje Creixomil, no concelho de Barcellos: 14,4. De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 70.—Propriamente temos aqui o genetivo de *Crexemirus,* isto é: *Crexemiri* (tambem assim se encontra em docc. medievaes); o *-i* cahiu, segunda uma regra conhecida; e *-mir* deu *-mil,* por que é tendencia phonetica da lingoa portuguesa mudar *-ir* em *-il* (excepto nos verbos), como se vê em *ardil* < arc. *ardir, anil* a par do hesp. *añir, alguazil* ou *alvazil* a par do arc. *alvazir, anafil* < arab. annafîr; mesmo nos nomes terminados em *-er* ha: arc. *Cistel* e pop. moderno *Xaviel.*

Cutarīu: 15,16. Talvez falte til na primeira syllaba, pois corresponde-lhe hoje no concelho de Sinfães *Contarinho,*

na freguesia de Tarouquella. Mas tambem ha terras com o nome de *Cotarinhos*.

## D

DAVIZ: 11,16; 12,18. Patronymico de David; presuppõe como etymo *Davidici, d'onde veio *Davidiz*, que tambem se encontra em docc. medievaes (Cortesão, s. v.).

*Denis* (D.): 33,10. Reinou de 1279 a 1325.—*Denis* é palavra de origem francesa, hoje inexactamente escrita *Diniz*.

DIAZ, patronymico de *Didacus*: 14,9,10; 73,20.

## E

**Eanes**: 75,18. Appellido.—Tratei da etymologia na *Rev. Lusit.*, x, 164.

EILO: 10,7: nome de mulher.—De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 93.

ERBOZANO: 12,20: nome de homem.

ERMIGIO: 10,8: nome de homem.—De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 25.

**Escanoy**: 72,5. Hoje Escañoy, na parochia de S. Tirso de Ambroa, prov. da Coruña.

**Eume (Ponte d')**: 74,4, lugar na provincia da Coruña. Em hespanhol diz-se Puentedeume. O rio Eume nasce em Peña Gistral, banha os povos e termos de Puentes de García Rodríguez e de Puentedeume, e desagôa no Atlantico, pela ria de Ares, na citada provincia da Coruña.

## F

FAGILDO: 12,21: nome de homem.—De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 60; von Grienberger, pag. 50.

*Fernãdiz*: 14,13: patronymico de *Fernando*.—De origem germanica: Meyer-Lübke, p. 28; von Grienberger, p. 546.

**Fernan**: 76,21: nome de homem.—De *Fernando*, como o port. *Mem*, de *Mendo*, pela suppressão da syllaba *-do*, que foi considerada como *de+o*.

*Figueerecdo=Figueereido*, por *Figueiredo*, certamente um dos lugares do concelho de Braga: 15,7. O *c* representa falsamente *i*, por analogia com o de *fructo*=fruitó.

*Figueira Velha*: 49,5. Corresponde provavelmente ao moderno lugar d'este nome, que fica na freguesia de Loures, concelho dos Olivaes (districto de Lisboa).

*Flores*: 22,9. Vid. pag. 103.

FOFINO: 9,1: nome de homem.—De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 96; von Grienberger, pag. 553.

FRÉISENO: 11,20: nome de uma *villa*, que hoje corresponde á aldeia chamada *Freixo*, na freguesia de Guilhabreu, concelho de Villa-do-Conde.—O nome *Fréiseno* vem do

lat. fraxĭnus (correspondelhe *fresno* em hespanhol). A serie fonetica completa foi: fráxinu- (=*frácsinu-*) > Fréiseno > Fréixeno = *Fréixẽo* > *Fréixeo* > *Freixo.*

FROILI: 10,8: nome de mulher. — De origem germanica.

**Froyar:** 74,8: appellido.

## G

GATON: 9,1: nome de homem.

*Gedeon:* 45,15; 46,1: Geryão (rei fabuloso da Iberia). O nome iberico foi deformado por confusão com o do personagem biblico *Gedeon.*

GONÇALVIS: 15,1 (Gõcaluiz), patronymico de *Gonçalvo* «Gonçalo». — De Gundisalvus, de origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 33 e 75, e von Grienberger, pag. 551; o *ç* da palavra portuguesa póde explicar-se por *-d's-*.

GÕCAUO (=Gonçalvo): 15,3. — Vid. o nome precedente.

*Gomet* (=Gomez): 15,23: Nome proprio de homem. Tambem se usa como appellido. — O *-t* é notação frequente por *-z.* — Cf. «Gumet».

*Guabriel:* 36,10. Fórma meramente orthographica de *Gabriel.*

GUINILLI: 9,1-2: nome de mulher. — De origem germanica: cf. Meyer-Lübke, pag. 94.

*Gumet* (=Gomez): 15,15: nome proprio de homem. — Vid. «Gomet».

## H

*Horraca:* 12,23: nome de mulher.

## I

**Iohannis:** 72,2: genetivo patronymico de *Iohan,* empregado no mesmo documento. Cf. *Rev. Lusit.,* x, 164.

*Iseu:* 22,14. Vid. pag. 102.

*Ismar:* 47,15. O texto diz: «rei da Estremadura»; entenda-se *rei arabico.* Sobre outras fórmas d'este nome nos nossos documentos, cf. Herculano, *Hist. de Port.,* I (1846), 328. Camões tambem o emprega nos *Lusiadas,* III, 91 *(Ismar se chama).*

## J

*Jesu Christo,* Jesus Christo: 37,1. — A este respeito publicou A. Pereira de Figueiredo um opusculo intitulado *Breve demonstração* de como em português se deve escrever e pronunciar o nome de Jesus, quando immediatamente se lhe segue o nome de Christo: Lisboa 1784; ahi cita varios exs. classicos de *Jesu Christo.* No povo é tambem corrente hoje *Jésu-Christo (Jâsu-Christo).* Figueiredo explica o phenomeno por euphonia; hoje diriamos «dissimilação».

## K

KARTEMIRO: 10,6,12: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 69; von Grienberger, pag. 69.

## L

LABRUGIA: 11,20. O texto diz *inter ambas Labrugias,* o que significa: entre os dois braços em que se bifurca o ribeiro hoje chamado *Labruge,* que fica de permeio ao Ave e ao Leça. Esse ribeiro separa, junto ao mar, a freguesia de Labruge (concelho de Villa-do-Conde) da de Lavra.

**Lambre** (Lanbre), 72,3; aldeia na provincia da Coruña. Ha duas d'este nome, uma na parochia de Trijoa, e outra na de Viñas, *ayuntamiento* de Paderne; e tambem um rio assim chamado, o qual nasce em Monfero, e desagôa na ria de Betanzos.

LECTÕES (Portela de): 13,12. Entenda-se *de Leitões.* Nome de uma herdade a que deve corresponder uma das aldeias que hoje se chamam assim nos concelhos de Guimarães e Braga.

LETULA: 12,19: nome de mulher. Isto é: Laetula, deminutivo de laeta «alegre»; *Laetus* é cognome romano. — Hoje mesmo se usa o appellido *Alegre.*

**Leyro:** 85,4,19; parochia na provincia da Coruña. Ha com este nome Santa Eulalia, no *ayuntamiento* de Abegondo, e S. Salvador, no de Castro.

*Luz:* 13,1 = appellido. Noutros docc. ha *Luci:* vid. Cortesão, *Onomastico,* s. v. E' patronymico de *Lucidus* ou de *Lucius;* talvez do primeiro, pois nos *Dipl. et Ch.*, pag. 16, lê-se: «excitabit naues in Por»tugale com suos comites *Lu»cido Vimarani* et *Roderico »Luci»* (talvez o segundo fosse filho do primeiro). — D'aqui póde vir o moderno appellido *Luz.*

## M

MAIOR: 15,15: nome de mulher, vulgar nos docc. port. e gall. medievaes. *Maior* em lat. é cognome, tanto masc., como fem. Cf. *Caecilia Maior* no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 651 (Hispania).

MARIAMEN: 11,26: nome de uma escrava moura. Talvez accusativo barbaro da fórma arabica Mariam.

*Martinhannes,* Martim Annes: 65,6. O *nh* desenvolve-se normalmente entre *i* nasal e uma vogal: cf. *Esquisse d'une Dialectologie,* pag. 87; assim se explica *minha* por *mĩa.* — Tambem podia ser *Martinh'Annes* = Martinho + Annes.

**Martiz** <> Martinz: 74,6. Patronymico de *Martinus.*

MÊEDIT (=Mêediz, patronymico de *Meendo:* 15,15. Acerca do *-t,* vid. «Gomet».

**Méém:** 73,20: nome de homem. —Cf. «Fernan» e «Menendo».

**Melles:** 75,2: alcunha.

MENENDO: 10,4: nome de homem. — O Sr. von Grienberger equipara esta palavra ao lat. monendus: pag. 546.

*Mesa Redonda:* 39,10. Vid. pag. 108.

MIDON: 11,14: nome de homem. Cf. Meyer-Lübke, pag. 86.

**Miguélez:** 75,21,22: patronymico de *Miguel.* — Ainda hoje em português existe o appellido *Migueis,* que está por *Migueiz,* e tem essa origem.

**Mjño** (=Miño): 77,12: paróquia no *ayuntamiento* de Castro, na proprovincia da Coruña.

**Moesteyro:** 75,9,18: S. Salvador de Mosteiro.

*Monçom:* 65,1: hoje diz-se *Monção* (escrito erroneamente com *s).*

**Monfero:** 74,9; 76,4: parochia na provincia da Coruña.

*Monte Mayor:* 18,1,2. Montemór-o-Velho.

## N

NUMTIMIRO: 11,14; presbytero: Talvez erro por *Nantimiro.* cf. Meyer-Lübke, pag. 70.

**Nunez:** 74,8: patronymico de *Nuno.*

## O

ODÁRIO: 11,16: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 18.

*Odiana:* 65,3; Guadiana. — Cf. David Lopes, *Toponymia arabe de Portugal,* Paris 1902, pag. 40.

OGENIA «Eugenia»: 11,12: nome de mulher. — De origem grega.

OLITI: 10,3: nome de homem.

ORDONIZ, patronymico correspondente a «Ordonho»: 14,9.

*Orta Lagôa:* 65,13. No livro da *Chancellaria* de D. Denis, liv. I, fl. 66, numa carta d'aquelle rei, datada do anno de 1283, lê-se: *quãdam Quintanam meam, quam abeo in termino Sanctarene in loco qui dicitur* **Orta lagõa.** O mesmo rei (Liv. III, fl. 11 v.) deu a referida *quintãa* á Ordem de S. Tiago. Na *Chancellaria* d'esta Ordem, fl. 162, num instrumento de 1590, diz-se: *commenda da* **Ortallaguoa,** *que está situada no termo da villa de Santarem, que he da Ordem de Santiaguo.* (Todas estas informações as devo ao Sr. Pedro A. d'Azevedo, Conservador da Torre do Tombo, onde se acha o citado documento).

**Ouequiz:** 72,5: appellido patronymico.

**Oure:** 74,1: hoje Obre, parochia da prov. da Coruña. Ha com este nome Santa Marina, no

*ayuntamiento* de Noya, e S. Andrés no de Paderne.

## P

*Paay'*: 16,11-12, isto é: *Paay' Moniz* = Paaio Moniz, com quéda do *o*, por a palavra ser proclitica. Cf. «Pay'» e «Pelagiz».

**Paceos**: 78,19. Isto é *Páceos*. Ha na Galliza tres aldeias que hoje se chamam *Pácios*, na parochia de Freijo, *ayuntamiento* de Puentes de García Rodríguez, prov. da Coruña.

Pardellas: 10,15: *villar* na região do Paiva (=Pardelhas: *Rev. Lusit.*, VII, 71, nota 1), em territorio que hoje deve pertencer ao concelho de Castro-Daire.

Pausaduro: 10,16: nome de propriedade (=Pousadouro?) junto do Paiva, em territorio que hoje deve pertencer ao concelho de Castro-Daire.

Pávia: 10,14: Paiva, rio da Beira-Alta, que desagôa no Douro.

Paviola: 10,16: Paivó, riacho do concelho de Castro-Daire, que nasce na freguesia das Monteiras, e depois de um percurso de 8 a 10 kil., desagôa no Paiva, um pouco a cima da ponte da villa de Castro-Daire. Acerca da formação do nome *Paivó*, deminutivo de *Paiva*, cf. *Est. de Philologia Mirandesa*, I, 90.

**Pay'** = Payo: 73,20. — Cf. «Pelagiz» e «Paay'».

Pelagiz: 13,3. Patronymico de *Pelagius*. Hoje *Paes*, por *Páez*.

Petri: 12,13: genetivo que indica a filiação («filha de Pedro»).

*Proençaes*, Provençaes: 23,1.

## R

Redes: 10,15: *villar* na região do Paiva. — O Sr. Dr. Jacintho de Paula Franco, advogado em Castro-Daire, a quem consultei, diz-me, em carta, que não conhece naquelle concelho nenhum lugar ou predio chamado *Villar de Redes*, mas que ha lá uma antiga povoação denominada *Villar*. Talvez seja ao territorio em que ella está, que se refere o documento.

Rial: 12,15. Casal no concelho de Guimarães.

## S

Sahemá: 11,26: nome de escrava moura.

*Salamom*, Salomão: 37,3 (Salamon); 58,22 (Sallamom).

Sanchiz: 13,1; 14,8; 15,16: patronymico de *Sancho*.

Sando: 11,14: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 87.

**San-Tiso**: 76,10. Vid. «Ambrõa». O etymo é *San(to) Thyrso* (o santo festeja-se

em 24 de Janeiro); houve assimilação de *r* a *s*.

SAUTO: 12,24. Hoje *Souto*. É o nome commum *souto* < lat. saltus, tornado nome proprio.

*Soer'*, Soeiro: 31,5. Fórma proclitica. — Quanto ao etymo, vid. Meyer-Lübke, pag. 48. Cf. «Suariz».

SUARIZ: 14,8: patronymico correspondente a *Suarius* «Soeiro». Cf. «Soer'».

## T

*Tamal:* 15,8: talvez Tamel, no concelho de Barcellos.

**Tareyja**, Teresa: 72,5. — De origem grega.

*Tarouquela:* 15,15: no concelho de Sinfães.

*Taveiroos:* pag. 16. Localidade gallega da prov. de Pontevedra, hoje *Tabeirós*, nos docc. medievaes *Taberiolos* (informação de D. Andrés Martínez Salazar). Cf. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 313.

*Tefuosa:* 15,6: talvez Tebosa, no concelho de Braga.

TEODORIGA: 10,7: nome de mulher. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 74.

*Titus:* 50,7. Latinismo. Todavia alguns nominativos analogos se conservaram na lingoa moderna, embora orthographados á portuguesa, como *Pilatos*.

TORSARIO: 12,18: nome de homem. — Corresponde a *Thoresarius*, de origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 50.

TRAMONDO: 10,3: nome de homem. — De origem germanica; Meyer-Lübke não o cita, mas cita outros analogos, acabados tambem em *-mundus:* pag. 71; cf. von Grienberger, pag. 551, e Pedro A. d'Azevedo na *Rev. Lusit.*, VI, 51.

*Tristam:* 22,14. Vid. pag. 102.

TRUDILLI: 11,18: nome de mulher. — Meyer-Lübke, pag. 94.

TRUITEMIRO: 12,19: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 69.

## V

*Veracin:* 15,4: nome de varios casaes. Deve corresponder ao moderno *Varzim* (Póvoa de). Na origem creio ser genetivo de nome de homem, Veracinus, derivado de Veracius, por intermedio do suffixo *-inus:* isto é, *villa Veracini* [1].

---

[1] Acerca de *Veracius*, vid. W. Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, Berlim 1904, pag. 379. Na *Romania*, XXXVII, 25 sgs., trata o Sr. E. Muret de nomes formados tambem de gentilicios em *-ius* com o suffixo *-inus*, na Suiça romanica e na Alta-Saboia.

VERMÚÚ: 14,9: nome de homem. Por *Vermudu(s),* de origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 71. Cf. «Vermũ».

**Vermũ**: 75,3: nome de homem. Cf. «Vermúú».

*Vespesiano* = Vespasiano: 49.

VESTREMIRU: 9,1: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 69.

VILIADO: 10,6: nome de homem. — De origem germanica: Meyer-Lübke, pag. 53; von Grienberger, pag. 549.

VILLARINO: 10,14: nome de um *villar* («Villarinho»), junto do rio Paiva. Deve corresponder á actual Quinta de Villarinho, que fica na margem direita do Paiva, freguesia de Esther, concelho de Castro-Daire.

**Vilousaz**: 74,17. Hoje Villozás (S. Salvador), parochia do *ayuntamiento* de Paderne, na prov. da Coruña.

## Z

ZAFARA: 11,26: nome de escrava moura.

ZIDI: 12,22: presbyterio. Isto é: *Cidi* «Cid». — Nome de origem arabica, e que é ao mesmo tempo o do célebre heroe da epopeia castelhana.

# ADDENDA & CORRIGENDA

---

Pag. 18, o titulo da poesia n.º 4, é: *De João de Guilhade.*

Pag. 44, linha 20, leia-se *fl. 10* e não *pag. 10.*

Pag. 49. O Sr. H. O. Sommer, no seu artigo intitulado *The quest of the Holy Grail,* que está publicando na *Romania,* diz, vol. XXXVI, pag. 393, nota, que não considera a *Estoria de Vespesiano* como pertencente ao cyclo arthuriano, no que discorda do que a Sr.ª D. Carolina Michaëlis havia escrito no *Grundriss der romanischen Philologie,* II,II, 214.

Pag. 51, linha 1.ª da nota: talvez «R» não signifique *récipe,* como eu disse, mas *receita,* segundo me lembra o Sr. Prof. Epiphanio Dias.

Pag. 58, linha 12 e 24: supprimam-se as primeiras virgulas. Na linha 12 a expressão *algũas d'ellas* refere-se ao *fĩjs* da linha 2.ª, palavra feminina.

Pag. 99, linha 1 ss. Já em 1886, no meu opusculo *Dialectos Algarvios,* cap. II, pag. 16, eu me havia occupado d'esta particularidade syntactica, e citado *queiras tu, venhaes embora, tenhas de mim piedade, queiras mandar-me.*

# INDICE


Pag.

Dedicatoria . . . . . 5
Advertencia . . . . . 7

**Textos:**

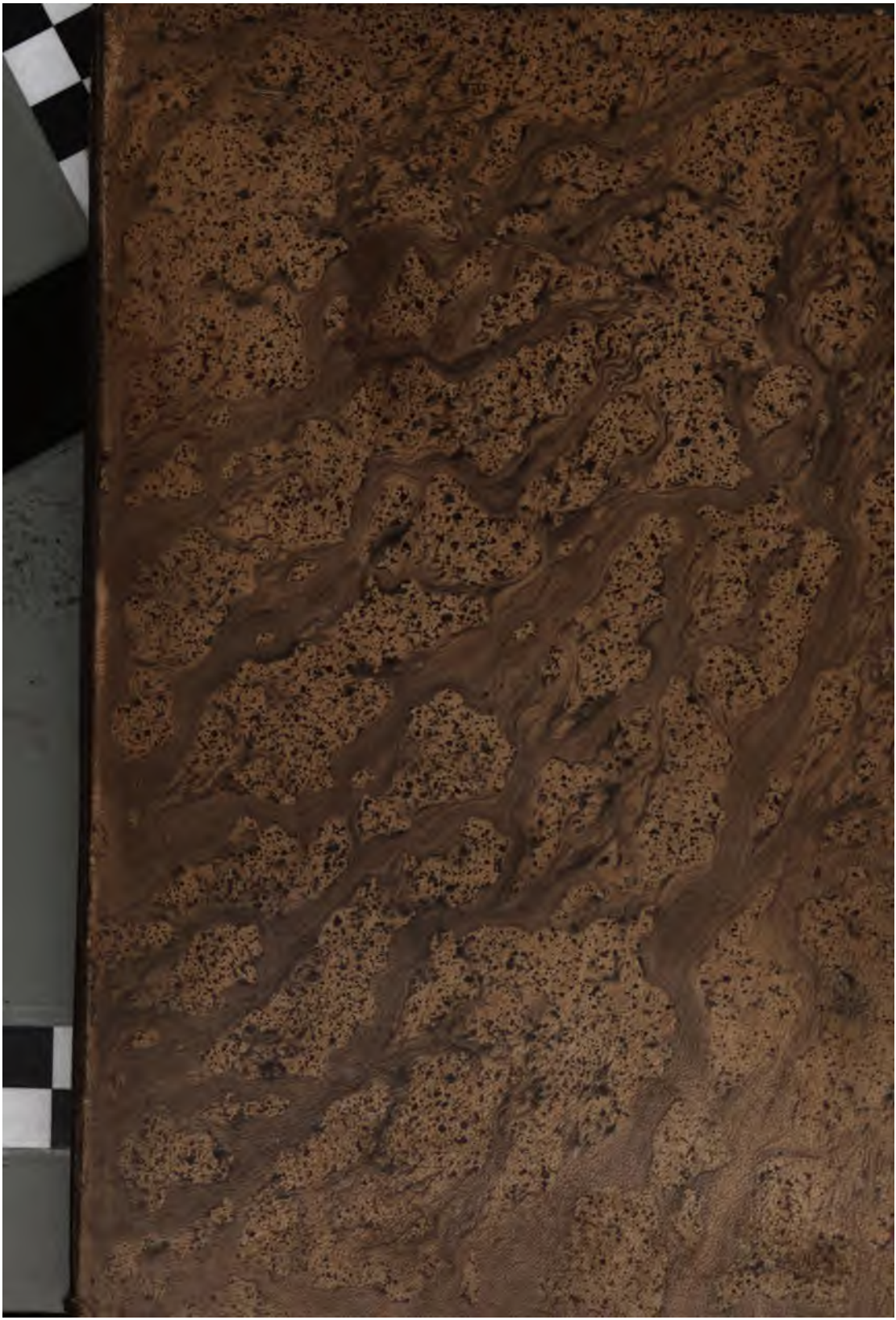
I *Documentos em latim barbaro* (sec. IX-XII):

1. Doação . . . . . 9
2. Titulo de venda. . . . . 10
3. Doação . . . . . 11
4. Testamento . . . . . 12

II *Documentos em português* (sec. VII-VIII):

1. Testamento . . . . . 13
2. Noticia de torto. . . . . 14
3. Titulo de compra . . . . . 15

III *Poesias lyricas* (sec. XII-XIII):

1. De Paay Soarez, de Taveiroos . . . . . 16
2. De El-rei D. Sancho I . . . . . 17
3. De D. Gil Sanchez . . . . . 17
4. De João de Guilhade . . . . . 18
5. De Rodrig' Eannes Redondo . . . . . 19
6. De El-rei D. Denis . . . . . 20

IV *De um Tratado de Poetica* (sec. XIII ou XIV) . . . . . 27
V *Direito consuetudinario municipal* (sec. XIII) . . . . . 29
VI *Lenda do rei Lear* (sec. XIII ou XIV) . . . . . 31
VII *Da « Chronica breve do Archivo Nacional »* (sec. XIV) . . 32
VIII *Poesia de Pero Gonçalez de Mendoça* (sec. XIV) . . . . 34